

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA**

**OS SAPATOS LOBEIROS-BALEEIROS:  
PRÁTICAS DE CALÇAR DO SÉCULO XIX NAS ILHAS SHETLAND DO SUL  
(ANTÁRTICA)**



Gerusa de Alkmim Radicchi

Belo Horizonte  
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas  
2015

**GERUSA DE ALKMIM RADICCHI**

**OS SAPATOS LOBEIROS-BALEEIROS:  
PRÁTICAS DE CALÇAR DO SÉCULO XIX NAS ILHAS SHETLAND DO SUL  
(ANTÁRTICA)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em antropologia (concentração em Arqueologia).

Orientador: Prof. Dr. Andrés Zarankin

Co-orientador: Prof. Dra. Melisa Anabella Salerno

Belo Horizonte

2015

306  
R129s  
2015

Radicchi, Gerusa de Alkmim

Os sapatos lobeiros-baleeiros [manuscrito] : práticas de calçar do século XIX nas Ilhas Shetland do Sul (Antártica) / Gerusa de Alkmim Radicchi. - 2015.

144 f. : il.

Orientador: Andrés Zarankin.

Coorientadora: Melisa Anabella Salerno.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.

Inclui bibliografia.

1. Antropologia – Teses. 2. Calçados – Teses.  
3. Antártida - Teses. I. Zarankin, Andrés. II. Salerno, Melisa Anabella. III. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. IV. Título.



**ATA DA DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM ANTROPOLOGIA GERUSA DE ALKMIM RADICCHI (Nº DE MATRÍCULA: 2013664049)**

Aos 02 (dois) dias do mês de junho de 2015 (dois mil e quinze), reuniu-se no auditório Prof. Luiz Bicalho - F-1003 – 1º andar do prédio da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais a Comissão Examinadora, para julgar, em exame final, a Dissertação intitulada: *“OS SAPATOS LOBEIROS-BALEEIROS: práticas de calçar do século XIX nas Ilhas Shetland do Sul (antártica)”*, requisito final para a obtenção do Grau de Mestre em Antropologia, Área de Concentração: Arqueologia - Linha de Pesquisa: Arqueologia Histórica. A Comissão Examinadora foi composta pelos professores doutores: **Andrés Zarankin – orientador (PPGAN-FAFICH/UFMG)**; **Tania Andrade Lima – (Museu Nacional/UFRJ)** e **Yacy Ara Froner Gonçalves (EBA/UFMG)**. Abrindo a sessão, o Presidente da Comissão, Prof. Dr. Andrés Zarankin após dar a conhecer aos presentes o teor das Normas Regulamentares do Trabalho Final, passou a palavra à mestranda Gerusa de Alkmim Radicchi, para apresentação de sua Dissertação. Seguiu-se a argüição pelos examinadores, com a respectiva defesa da candidata. Logo após a argüição dos examinadores, a Comissão se reuniu, sem a presença da mestranda e do público, para julgamento e expedição do resultado final. Concluída a reunião, os membros da Comissão Examinadora aprovaram a Dissertação por unanimidade e o resultado foi comunicado publicamente à candidata pelo Presidente da Comissão. Nada mais havendo a tratar, o Presidente encerrou a reunião e lavrou a presente ATA, que será assinada por todos os membros participantes da Comissão Examinadora. Belo Horizonte, 02 de junho de 2015.

Prof. Dr. Andrés Zarankin  
(Orientador)

Profa. Dra. Tania Andrade Lima

Profa. Dra. Yacy Ara Froner Gonçalves



## AGRADECIMENTOS

Chego ao fim de mais uma etapa em minha formação, na qual fui apresentada a novos conhecimentos e metodologias científicas, que tanto me fascinaram como pesquisadora como pessoalmente. Agradeço primeiramente aos principais viabilizadores desta trajetória. Ao Dr. Andrés Zarankin, por sempre ter depositado confiança em meu trabalho, como pelas oportunidades a mim apresentadas no campo da Arqueologia, e à Dra. Melisa A. Salerno, tanto pelo apoio a esta presente pesquisa, como pelos caminhos já trilhados no estudo das corporalidades e das práticas de vestir dos lobeiros-baleeiros.

Agradeço à Dra. Yacy-ara Froner, por todo incentivo desde o campo da Conservação-Restauração. Agradeço também ao corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFMG, pelas contribuições ofertadas durante as disciplinas do curso de mestrado.

Agradeço a todos os meus colegas de Leach (Rosa, Anderson, Sarah, Jimena, Fernanda, Jullie, Will, André, Nathália, Luiz, Taísa e a equipe de conservação), que estiveram ao meu lado nestes cinco anos de pesquisa, tanto nos momentos mais difíceis, quanto nos mais divertidos.

Agradeço também aos familiares e amigos, que me forneceram outros importantes tipos de suporte, para que eu concluísse esta investigação. Especialmente à minha mãe, pelas doces lembranças deixadas em meu coração; ao meu pai, por ter me ensinado a importância de se realizar as coisas com o devido empenho; ao Antonio, por todo apoio e pela incondicional dedicação; finalmente, aos meus irmãos, sobrinhos e cunhados, por me acompanharem com cumplicidade e alegria.

## **RESUMO**

Esta pesquisa visa discutir as práticas de calçar dos lobeiros-baleeiros que estiveram nas Ilhas Shetland do Sul (Antártica marítima) no século XIX, como forma de aprofundamento na compreensão de suas corporalidades. Serão abordados três grupos de materialidades relacionadas ao calçar: o corpo, o calçado em si e a Antártica enquanto espaço vivenciado, discutidos a partir do diálogo que estabelecem com as influências sóciohistóricas e culturais.

Palavras-chave: práticas de calçar; indústria lobeira-baleeira; Antártica.

## **ABSTRACT**

This research discusses the practice of footwear of the whalers who were in the South Shetland Islands (the maritime Antarctica) in the nineteenth century as a way of deepening the understanding of their corporeality. Will examine three groups of materiality related to wear: the body, the footwear itself and Antarctica as a place experienced, where discussed in the dialogue established with the socio-historical and cultural influences.

Keywords: wearing practices; whaling industry; Antarctica.

## LISTA DE FIGURAS, QUADROS E TABELAS

Figura 1 — Menores Engraxates em São Paulo.....	96
Figura 2 — Modelos de eixos de solas (1855).....	97
Figura 3 — Setorização da produção no século XIX.....	97
Figura 4 — Aplicação da vira: manual e mecanizada .....	98
Figura 5 — Ícones de progresso no século XIX.....	98
Figura 6 — Publicidade sobre a produção em série .....	99
Figura 7 — Venda de partes de calçados no século XIX .....	99
Figura 8 — O oxford.....	100
Figura 9 — Cidades norte-americanas produtoras de calçados no século XIX ...	101
Figura 10 — A venda de calçados para a tripulação baleeira .....	101
Figura 11 — <i>Trying out blubber</i> .....	102
Figura 12 — Métodos de conexão entre cabedal e solado .....	102
Figura 13 — Sítios arqueológicos na Península Byers (Ilha Livingston).....	103
Figura 14 — Distribuição de registros arqueológicos em couro.....	103
Figura 15 — Sítio Punta Varadero .....	104
Figura 16 — Modelagem e costura do cabedal.....	104
Figura 17 — Classificação de calçados pela altura.....	104
Figura 18 — Forros .....	105
Figura 19 — Variações da abertura lateral ( <i>renaissance shoes</i> ).....	105
Figura 20 — Lacing-shoes .....	105
Figura 21 — Qualidade de costuras de cabedais para calçados arqueológicos..	106
Figura 22 — Identificação de costuras.....	106
Figura 23 — Vira .....	106
Figura 24 — Canalização da sola superior .....	106
Figura 25 — Técnica do cavilhado.....	107
Figura 26 — Cavilha (Sítio Pencas 3).....	107
Figura 27 — Fixação de solado com pregos e com cavilhas .....	107
Figura 28 — Intervenção na sola .....	107
Figura 29 — Pregos (Sítio Pencas 3).....	108
Figura 30 — Datação de pregos por tecnologia construtiva .....	108
Figura 31 — Saltos .....	108
Figura 32 — Solas .....	109
Figura 33 — Medidas tomadas para análise dos calçados.....	109
Figura 34 — Numeração de calçados por idade e gênero.....	109
Figura 35 — Flor do couro caracterizada por taxon.....	110

Figura 36 — Cortes, rachaduras e desgastes das solas.....	110
Figura 37 — Corte superficial na sola superior.....	111
Figura 38 — Avaria na sola superior pelos pregos do salto.....	111
Figura 39 — Mocassin lobeiro-baleeiro.....	111
Figura 40 — Botas Caribou™.....	111
Figura 41 — Ilha Nelson e Ilha Livingston.....	112
Figura 42 — Bota e sapatilha de exploradores históricos (século XIX).....	113
<b>ANEXO II – Quadros.....</b>	<b>114</b>
Quadro 1 — Metodologia para análise de calçados.....	113
Quadro 2 — Unidades de calçados do Leach.....	114
Quadro 3 — Vestígios associados aos sapatos (Sítio Punta Varadero).....	115
Quadro 4 — Modelos de cabedal e fechamentos.....	115
Quadro 5 — Tipologias de costuras.....	116
Quadro 6 — Tomada de medidas dos pés para confecção de calçados.....	117
Quadro 7 — Desgastes e intervenções.....	117
<b>ANEXO III – Tabelas.....</b>	<b>119</b>
Tabela 1 — Relação de registros do acervo por sítios (Leach).....	118
Tabela 2 — Resumo da distribuição de vestígios de calçados (Leach).....	121
Tabela 3 — Modelos de cabedal.....	123
Tabela 4 — Costuras e junções de cabedal e de cabedal com solado.....	125
Tabela 5 — Características do salto.....	128
Tabela 6 — Características das solas.....	130
Tabela 7 — Características do couro do cabedal.....	133
Tabela 8 — Uso e intervenção.....	134

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>A PRODUÇÃO</b> .....	15
1.1. O "gosto" moderno .....	16
1.2. O sapateiro .....	19
1.3. A industrialização .....	24
1.4. As cidades baleeiras e calçadistas .....	29
<b>O USO</b> .....	34
2.1. O calçar <i>greenhand</i> .....	35
2.2. No navio .....	40
2.3. Vestígios .....	45
2.3.1. Metodologia .....	48
2.3.2. <i>In situ</i> .....	49
2.3.3. Cabedal .....	51
2.3.4. Costuras e junções .....	54
2.3.5. Solados .....	58
2.3.6. Couros .....	63
2.3.7. Uso e reparação .....	64
2.3.8. No acampamento .....	71
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	76
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	81
<b>ANEXO I — Figuras</b> .....	96
<b>ANEXO II — Quadros</b> .....	113
<b>ANEXO III — Tabelas</b> .....	117
<b>ANEXO IV — Dicionário de termos técnicos sobre calçados</b> .....	140

## INTRODUÇÃO

As investidas sobre a Antártica resultam em fluxos de pessoas desde o século XVIII ao continente, motivadas pelas pretensões políticas e de exploração de seus recursos naturais. Porém, por detrás, estão os sujeitos através dos quais a incorporação do território tem ocorrido de fato. As fontes a partir das quais a trajetória da conquista é escrita, articula objetivos econômicos, científicos e nacionais, deixando vários grupos sociais fora das pesquisas. Para Bem Madison, a maioria das pessoas que estiveram na Antártica permanecem negligenciadas pela História, como sendo “atores menores”, somente abordadas a partir dos macrointeresses que representam (MADDISON, 2014, p.1). Mas, de acordo com o historiador Jacques Revel, o reconhecimento amplo da participação das várias camadas sociais na história, torna possível acompanhar, que seja por um fio de um destino particular, “[...] a multiplicidade dos espaços e dos tempos, na meada das relações nas quais ele se inscreve” (REVEL, 1998, p.22, tradução nossa).

A justificativa principal do presente trabalho é a de caminhar no sentido deste reconhecimento. Seguindo o enfoque crítico proposto pelo Projeto “Paisagens em Branco”: Arqueologia Histórica Antártica, proponho que a dissertação contribua para a compreensão das escalas da conquista da região. O Projeto, iniciado na Argentina desde a década de 1990, tem como foco o estudo dos processos humanos no continente, desde o final do século XVIII até a atualidade. Encarrega-se de mapear e escavar os sítios lobeiros-baleeiros nas Ilhas Shetland do Sul, concentrados principalmente na Ilha Livingston. Configuram-se como acampamentos, construídos entre o final do século XVIII e as primeiras décadas do século XIX, ou para servirem de abrigo temporário para os caçadores que lá chegavam através das embarcações baleeiras, ou como locais de atividades de captura e de processamento dos mamíferos marinhos (lobos e elefantes marinhos). São coletados vestígios de atividades domésticas (como comer, dormir, descansar, conversar, costurar, fumar e jogar) e de trabalho (como abater e desossar animais, ou armazenar carnes, couros e ossos com fins comerciais) (SENATORE; ZARANKIN, 1999, 2000, 2005, 2007). Grande parte dos objetos encontra-se em salvaguardada no Laboratório de Estudos Antárticos da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG (Leach/Fafich/UFMG) que, sob a coordenação de Andrés Zarankin, está filiado ao

projeto desde 2006.

As bases para a investigação sobre as práticas de vestir e as corporalidades dos lobeiros-baleeiros já foram estruturadas por Melisa Salerno. A pesquisadora avalia a temática das identidades, revisando o quadro das possibilidades teóricas disponíveis dentro das Ciências Humanas, como também discutindo as possibilidades analíticas (sob um modelo particularista e outro generalista) para os vestígios arqueológicos e as fontes históricas (SALERNO, 2006, 2011). Elas utilizam do jogo de contraposição das escalas de estudo globais e locais, referentes às estratégias de expansão capitalista sobre a Antártica, para investigar as particularidades inerentes à trajetória dos lobeiros-baleeiros (SENATORE e ZARANKIN, 2007, p.40).

Este trabalho partirá das premissas teórico-metodológicas já levantadas para o tema das corporalidades, porém abordará outras questões relacionadas ao estudo dos vestígios de calçados ainda não tratadas, como também analisará parte da coleção da Antártica ainda não estudada. Tais questões serão organizadas a partir das duas escalas de análise: a contextual (histórica) e a específica, relacionada ao estudo do caso lobeiro-baleeiro nas Ilhas Shetland dos Sul. Elas coincidem com as principais instâncias de compreensão das materialidades envolvida com as práticas de calçar: a da produção (Capítulo 1) e a do uso dos calçados (Capítulo 2). Relacionar estas instâncias “micro” e “macro” do pensamento na história faz-se necessário, pois pretendemos contextualizar os grupos de trabalhadores, inserindo-os em “[...] uma história do sistema de crenças, de valores e de representações próprios a uma época ou grupo” (CHARTIER, 2002, p. 34). A compreensão atende ao interesse de encontrar os antagonismos e os distanciamentos existentes entre práticas e ideologias capitalistas difundidas. Entendemos que as mentalidades do contexto histórico-social ajustam-se às necessidades corporais e materiais, e vice-versa, para a formação das condições de vida das pessoas (DUBY, 1993, p. 89).

O Capítulo 1 aborda a materialidade associadas às formas de pensamentos, mentalidades e ideologias atuantes na produção dos calçados no período histórico em questão. Contará com os seguintes temas: o “gosto” estético e o marketing — como algo construído dentro tramas sociais modernas; a caracterização da produção, mista, artesanal e mecanizada; o caso das cidades norte-americanas calçadistas e baleeiras — como sendo ponto de encontro da história da indústria



baleeira e da produção de calçados no século XIX.

Para o estudo dos discursos e dos símbolos representativos da modernidade, serão retomados alguns importantes referenciais teóricos, como o são Michel Foucault e Pierre Bourdieu. Porém, problematizaremos as leituras derivadas das teorias estruturalistas resultantes em abordagens com foco demasiado no modismo e no consumo, como se tratando de elementos característicos de um "projeto do eu" moderno e ocidental (HOCKEY et. al., 2013). Esta tendência, à qual também poderíamos apontar origem em idéias marxistas (sobre o fetiche da mercadoria) ou freudianas (psicosexuais), obscurece a linha mais reveladora da pesquisa antropológica sobre as práticas de calçar, onde os sapatos possuem qualidades e agências específicas, que os tornam quase como "entes vivos" para as pessoas. É possível construir uma análise sobre o calçar que dialogue com outros entendimentos da relação que desenvolvemos com as coisas em nosso cotidiano. Originária das contribuições filosóficas orientadas aos objetos de Walter Benjamim, McLhuan ou Heidegger (FELINTO, 2013), e problematizada principalmente por Bruno Latour (LATOURE 2008), houve a partir da década de 1990 uma reorientação da noção da agência dos objetos, que nos permite hoje pensar também a cultura material como algo tomada por elementos capazes de influenciar as ações e as condutas humanas.

O Capítulo 2 aprofunda-se no contexto específico das materialidades das práticas de calçar direcionadas à ocupação das Shetland do Sul. A proposta será a da análise de fontes e de vestígios, voltando-a ao diálogo com questões sobre os sentidos na experiência de lugar e sobre as condições de trabalho lobeiras-baleeiras. Haveria uma tendência tanto no compartilhamento das mesmas condições materiais, quanto das expectativas sensoriais por parte dos caçadores. As experiências sensoriais podem tornar-se comuns a um grupo em um momento sócio-histórico, por estarem diretamente relacionadas às formas similares de compreensão do mundo, que são culturalmente orientadas. Assim, a cultura incorpora e expressa os modelos de uma dada sociedade, desencadeando formas de estar e interpretar os lugares e as situações (HOWES; CLASSEN, 2009). A documentação histórica disponível para a pesquisa diz respeito somente à vida no porto e no navio (diários de bordo, publicidades, literaturas de viagens e etc.). Entretanto, entendemos que situações materiais vividas nas Ilhas Shetland do Sul começam a ser construídas a partir da

mudança das disposições pessoais desde o porto (SALERNO, 2011). Questões sobre as práticas de calçar, que possuem seu desfecho com o descarte dos calçados nos abrigos, podem ter origens em momentos anteriores ao desembarque na Ilha Livingston, sendo assim desveladas por esta documentação.

O Capítulo 2 segue com a análise dos vestígios arqueológicos lobeiros-baleeiros do Leach. A grande presença dos calçados na coleção é a principal responsável pela escolha desta temática para a dissertação. Devido às características físico-químicas que tornam os couros muito perecíveis na maior parte dos sítios arqueológicos, eles são raridade dentre os achados, devendo ser valorizados através de pesquisas minuciosas. Poucos são os trabalhos realizados e publicados sobre este tipo de coleção. Ainda sim, em sua maioria, mesmo que de grande qualidade e importância, estão focados somente em análises de casos específicos — a exemplo dos trabalhos de Carolyn L. White e Mary C. Beaudry (WHITE; BEAUDRY, 2009), Tânia Andrade Lima (LIMA, 2008), Mara Veres (VERES, 2005) e Quita Mould (MOULD, et.al, 2003). As principais exceções encontradas são o manual de Olaf Goubitz, o *Stepping Through Time* (GOUBITZ, et. al. 2001) — um catálogo de calçados arqueológicos desde a pré-história até o século XIX — e o *Soemaking*, de June Swan (SWANN, 1986) — que apresenta abordagens amplas sobre a manufatura e a modelagem de calçados históricos.

Os calçados sempre se destacam pela energia com que se conectam ao corpo, reportando-me à presença/ausência dos lobeiros-baleeiros. Enquanto membro do Leach, passei a integrar as Operações Antárticas Brasileiras (OPERANTAR) para a realização de prospecções e escavações na Ilha Livingston, tendo a oportunidade trilhar os mesmos espaços vivenciados pelos lobeiros-baleeiros no passado. O contato com estes locais e sítios, que estão praticamente intocados antropicamente, possibilitaram-me enfim propor o confronto entre as práticas de calçar dos lobeiros-baleeiros e as nossas, para a reflexão sobre características das corporalidades contemporâneas implicadas na nossa presença na Antártica.

## **CAPÍTULO 1**

### **A PRODUÇÃO**

O objetivo deste capítulo é a abordagem sobre as materialidades da produção de calçados no século XIX. Será contextualizado este momento social, cultural e histórico de significativas mudanças. Daremos ênfase não propriamente aos acontecimentos que foram o motor para as mudanças na materialidade da produção — como o emprego de novas tecnologias —, mas sim para as idéias e as estruturas que as influenciaram. Os discursos de modernização, o surgimento de mercados globais e o marketing coexistiram com as habilidades construtivas artesanais, tradicionais, práticas sociais e produtivas arraigadas, transmitidas e incorporadas através de gerações. A coexistência teria gerado novos e complexos quadros na produção de calçados, deste período chave para a atividade dos lobeiros-baleeiros nas Ilhas Shetland do Sul.

## 1.1. O "gosto" moderno

"Remendo em cima de remendo e um remendo sobre tudo" (NORDHOFF, 1856, p.16-17, tradução nossa). Assim era descrito um arpoador da cidade norte-americana de New Bedford pelo viajante J. Nordhoff, que esteve de passagem pela Nova Inglaterra no início do século XIX:

"Ele é um homem de tamanho médio, magro, com um rosto muito pálido, as mãos são de uma cor bronzeada, como açafraão forte e duradouro. [...] Seus sapatos são ásperos e desbotados, os cadarços arrastam no chão enquanto ele anda. Suas calças pantalonas não conseguem se conectar aos sapatos por vários centímetros, mostrando uma margem grossa e cinza de meia de lã, que intervêm entre suas partes inferiores e seus sapatos. Uma parte de sua camisa de flanela vermelha é visível acima da cintura de suas calças; levando um lenço preto envelhecido na garganta, preso por um grande anel feito de um dente de cachalote incrustado com pérola motherof, que o mantém junto à camisa, que é inocentemente de um único botão. Ele leva também um casaco de fraque de pano rústico. Mas o que impressiona como sendo sua peculiaridade mais marcante é a incerteza em seu olhar, que parece denotar uma falta de autoconfiança. Ele se move com ociosidade sem espírito, bastante uníssona a sua expressão geral de apatia. Ele, evidentemente, está pouco à vontade com sapatos e meias. Fala em voz baixa, como se não julgasse que vale a pena falar mais alto. Sua aparência é completamente desinteressante, calculada para dar a impressão de que é completamente o inverso de "inteligente". (NORDHOFF, 1856, p.16-17, tradução nossa).

A cidade de New Bedford estaria à época do romance *Moby Dick*, caracterizada por seu protagonista (Ismael) como que infestada de personagens cômicos, "aventureiros do mar", que se mesclavam com pessoas de várias localidades, reveladoras de práticas "selvagens" e "estranhas formas não civilizadas" de se vestir e de se comportar (MELVILLE, 2010 Cap. V). Mas esse tipo de olhar, orientado pelo julgamento com base na aparência e na estética civilizatória moderna, não incidiu somente sobre o baleeiro ou sobre a cidade de New Bedford. Ele esteve conectado à racionalidade de muitos outros setores das cidades norte-americanas por volta do século XIX. Bastante difundido por meio de tratados do comportamento, tal racionalidade versou sobre as regras do vestir e as práticas corporais, argumentando ser uma via certa para a construção de "verdadeiros

cavalheiros” (CARLETON, 1871). As normativas principais dos tratados seriam: a boa educação, as boas maneiras, o cultivo do “gosto”, da razão, da moral, do caráter, da temperança, e da “distinção”. Especificamente sobre o vestuário, não poderia faltar: um guarda-roupa com vestes de talhas precisas, pouco chamativas, peças sempre limpas, preferencialmente uma para cada atividade e ocasião (CARLETON, 1871, p.11).

Estes valores compartilham em sua origem de uma ideologia de juízos estéticos que vêm sendo disseminados desde séculos anteriores. Sob a égide da palavra civilidade, a racionalidade moderna apontou para o desejo de sofisticação, estabelecendo leis para a universalização de padrões de conduta, de artigos e de vestuário, e leis para a produção de formas de puras e ideais. Tudo começa com o fim da Idade Média, pois essa teria deixado um grande volume de informações, perfeitamente aceitáveis para as pessoas dos séculos posteriores, mas que a partir do século XVI foram negadas e combatidas pelas elites européias. Dentre outras formas, elas foram rechaçadas por meio de padrões comportamentais e de representação social, adversos às heranças feudais de corte e campesinas, consideradas como antônimas à idéia de “progresso” (ELIAS, 1994).

Pierre Bourdieu reconheceu a ligação existente entre estes juízos estéticos e os elementos aos quais chamou de “capitais simbólicos” (BOURDIEU, 2001, 1983, 2007). Além de serem utilizados como estratégias pelas elites para a suplantação das diversidades e a produção da hierarquização social, os juízos seriam para Bourdieu instrumentos de integração e de produção de consenso do gosto (CAPELLE et. al., 2005, p.359). Com apoio do *habitus* — interiorização pré-reflexiva dos valores, ou lei social incorporada —, Bourdieu afirmou haver um sistema simbólico de relações de poder, em que as distinções minuciosas do gosto se transformam em base para o julgamento, reproduzindo discursos, tanto por meio das instituições, quanto das práticas (a exemplo da instituição da moda). Nestas leis generalizadas, os objetos de consumo seriam luxo inacessível para um grupo e artefato banal e acessível para outro. O desejo de aquisições do artigo se ajustaria aos níveis das estruturas de classe, distanciando a necessidade de sua objetividade, e fazendo com que o estilo de vida se tornasse uma “estilização da vida”. O consumo de bens pelas elites pretendeu ser um consumo especial, original, antítese do consumo dos objetos vulgares. O que separaria um tipo de artigo do outro seriam

os elementos estéticos e simbólicos associados para “[...] a possibilidade que uma coisa feia possa ser objeto de uma bela representação” (BOURDIEU, 1983, p.9).

As preferências do gosto seriam nada inocentes neste quadro de auto-afirmação na sociedade (BOURDIEU, 2007). Algumas das características da sofisticação e do luxo a partir do século XVIII indicam, ao mesmo tempo, sensibilidades associadas com o Iluminismo e a sistemas brutais de estruturas de classes e de emprego — a exemplo do escravismo (GIKANDI, 2012). Em função do pensamento de que a humanidade caminhava para o aperfeiçoamento da civilidade e do espírito, foram cunhadas as noções de gentileza, de respeitabilidade, de elegância e vários outros parâmetros, que classificavam e se posicionavam aversivamente ao “outro racial”, às formas de vida das classes pobres, ou as classes trabalhadoras. Este “outro” bestializado seria o balizador das formas negativas do vestir, do calçar, dos gestos e do trabalhar (GIKANDI, 2012).

Este foi o momento em que o esforço físico e os ofícios artesanais foram tidos como “[...] coisas que se executam mais com as mãos que com o espírito [...]” (MORÍN, 1859, p.8, tradução nossa). Práticas corporais caíram em clandestinidade furtiva e vergonhosa (FERREZ, 2003). As diretrizes sobre o vestir, sobre a higiene e sobre o controle dos gestos tiveram como fins reduzir a experiência sensorial e corporal. Associada à idéia do pudor, da não-exposição de partes do corpo, os pés descalços foram alvo dos juízos.

Os escravos na cidade do Rio de Janeiro eram normativamente proibidos de usarem calçados (LIMA, 2008), sendo forçados para dentro da representação construída da não-civilidade na Capital do século XIX. Entretanto, pés descalços foram práticas populares generalizadas em muitos locais neste período, mesmo para uma burguesia insurgente, fruto da ascensão no trabalho como artesãos ou como pequenos comerciantes (BARBOSA, 2000). De acordo com A.G. Randolph, a escassez de calçados infantis dentre os recuperado em escavações de sítios arqueológicos históricos nos Estados Unidos, indica que os jovens andaram descalços durante os meses mais quentes, usando calçados baratos e descartáveis durante o inverno (RANDOLPH, 2003). Viajantes europeus do século XIX, durante a passagem por regiões frias como as da Irlanda ou Escócia, comentavam que, mesmo no inverno, era possível ver mulheres e crianças com o costume de andarem descalças (GOUBITZ et. al. p.360). Outras referências documentais e iconográficas

também ligam crianças e classes populares rurais e urbanas a pés descalços, em diversas das situações do cotidiano até o início do XX (OLMI, 1987) (Figura 1).

Não somente a frequência de uso, mas também a relação com a durabilidade era diferente há dois séculos. A confecção era toda artesanal — mais lenta — e a maior parte das pessoas costumava usar suas roupas por muito, muito tempo, reformando-as por meio de remendos e reparos, e as considerando somente “metade gasta” (*halfworn*) quanto se rompiam (HALL, 1847, p. 139). As predominâncias da vida rural, das estruturas tradicionais de trabalho e de produção de bens, conservaram as práticas antigas de calçar. Pensemos que as interações sociais implicam em códigos, em sistemas de espera, de deveres e de reciprocidades, nos quais os atores se sujeitam espontaneamente somente se houver condições para a incorporação das normas implícitas (BRETON, 2006, p.47). Sendo assim, não significa que, pelo fato dos “capitais simbólicos” tentarem situar hierarquicamente diversidades sociais em lugares comuns, eles sempre foram eficazes, ou que impactaram todos da mesma forma (BOURDIEU, 2001). O corpo, que se inseri nesta trama social por meio do *habitus*, deposita os saberes práticos destas leis do funcionamento social, historicamente condicionado, reproduzindo formas antigas e incorporadas de produção e de sociabilização (CAPELLE et. al, 2005).

A determinação do uso de calçados ocorre para além do gosto e do julgamento estético da moda. O calçar encontra fonte de vitalidade nas corporalidades, localiza a pessoa dentro de sua história, práticas, e dentro de uma comunidade (SHERLOCK, 2011, p.6). Ele é fruto da necessidade de corpo aproximada à objetividade da vida, desencadeado em “estilos de vestir”. É conciliador da materialidade, do cotidiano e do trabalho. Produz formas interpessoais e mergulhadas na trajetória de vida das pessoas e dos grupos de pessoas (WEBSTER, 2009, p. 173). Mesmo podendo ser vivenciado através de ritos ou valores simbólicos, diferentemente da moda, o “estilo” é sempre encarnado e situado na prática.

## **1.2. O sapateiro**

Até o início do século XIX nenhuma mudança drástica havia sido feita na

formação do artesão e no método de fabricação de calçados. A transmissão dos saberes e habilidades do sapateiro era realizada entre mestres e aprendizes, imprimindo através do ofício o ritmo de amadurecimento das pessoas para o trabalho. Um jovem sapateiro deveria dedicar-se anos como aprendiz, para depois chegar a realizar tarefas sozinho. Depois de ter passado pelos anos de treinamento, teria a opção de, por exemplo, ir morar com famílias e fazer-lhes provisões de sapatos para um ano a cada membro — o que foi chamado nos Estados Unidos de "*whipping the cat*" (DOOLEY, 1912 p.254).

O ofício era muitas vezes praticado em âmbito familiar, podendo ser utilizado como forma de complementação da renda. O sapateiro, com seus próprios instrumentos, realizavam todas as etapas de confecção manualmente e no ateliê de sua propriedade. Utilizava agulha, linha, lesma, tacho, molhador, martelos, bisagra, tesoura, molde, ferramentas de medidas básicas, faca, sovela, agulha, pinça, *lapstone*, sacabocados e outros (QUIRK; BAUDOIN, 2008, MORÍN, 1859). Estes foram anos em que a classificação dos calçados ocorria a partir da habilidade construtiva e da qualidade do artesanato. Sapatos com vira, por exemplo, eram considerados como os de melhor fatura, somente confeccionados pelos expertos. Esses deveriam ter habilidades suficientes para a canalização na parte inferior da sola e também para a realização das diversas costuras (DOOLEY, 1912, p.253-254). De acordo com G. Riello (RIELLO, 2002 p. 123), o corte, o material utilizado, a capacitação e esmero, distinguiram na Inglaterra do final do século XVIII dois tipos de sapatos e de consumidores: os sapatos baratos (chamados "sapatos feitos na província") e os sapatos voltados a consumidores de "alta costura" (chamados "sapatos feitos nas cidades").

Antes da industrialização do século XIX as competências e saberes gerais seriam: conhecer todos os instrumentos e utensílios utilizados em todo o processo; conhecer as necessidades e o funcionamento do ateliê de trabalho (inclusive para garantir a qualidade de trabalho e a segurança de seus ajudantes); ser responsável pela idealização e projeto do sapato a ser produzir; conhecer os materiais empregados e conhecer as demandas de seus clientes (como as tarefas executadas pelos clientes com os calçados encomendados) (MORÍN, 1859, p. 7-19, Capítulo I). O sapateiro também deveria saber sobre a estrutura e as sensibilidades dos pés, conhecimentos esses retirados tanto da reflexão e sensibilidade sobre a prática,



como das tradições do ofício.

Porém, ao longo do século XVIII e século XIX, sapateiros começaram a acessar outras bases de dados sobre o entendimento do corpo. A ciência moderna aparece nesta época como uma fonte de referência para o ramo do sapateiro. As tomadas de medidas e a numeração começaram a ser idealizadas e globalizadas conforme a Antropometria. A Fisiologia passou a ser mencionada, utilizada com fonte de conhecimentos para a prevenção de doenças, para a saúde. Por vezes, houve tanto aprofundamento na descrição biomecânica dos pés, que estes aparecem quase como algo seccionado do resto do corpo na fala dos sapateiros.

A ciência nos últimos anos deu mesmo bastante primazia ao entendimento do biológico (ou melhor, do imaginário sobre o biológico). De acordo David Le Breton, antes das mudanças no pensamento ocorridas nas últimas décadas — que forneceu maior entendimento sobre a centralidade do corpo na cultura — o caminho da reflexão feita sobre a corporeidade humana foi traçado por dois pontos de vista principais (LE BRETON, 2006). O primeiro seria o de uma “sociologia implícita do corpo”, onde não figuraria a vontade sistemática de conceituar aspectos da experiência corporal, tratando o corpo apenas como algo naturalizado (pertencente apenas ao biológico). Historicamente, esse ponto de vista alinhou-se ao pensamento cartesiano, promotor do pensamento sobre a existência humana a partir de sua polarização em binômios como: consciência-mundo, mente-corpo, matéria-espírito. O segundo ponto de vista seria o da “sociologia em pontilhado”, inaugurado a partir da antropologia física e da observação dos aspectos morfológicos do corpo. Tal enfoque foi o propositos da idéia de que as pessoas poderiam ser entendidas como que resumidas e encerrados no funcionamento de órgãos, aparelhos e sistemas, e onde o corpo seria apenas o suporte de processos biológicos, atravessado pela mecânica do vivente.

Este mesmo enfoque organicista, orientado igualmente pelas ciências humanas e naturais, fundiu-se ao discurso do poder institucional moderno. Michel Foucault aponta que práticas disciplinares (*disciplinas*) são usadas para governar os indivíduos, partindo de tecnologias justificadas na ênfase da proteção da vida e da regulação do corpo (o que o autor chamou de *biopoder*) (FOUCAULT, 1978). Justificadas racionalmente a partir do século XVII, as disciplinas constituíram meios de controle da higiene, saúde, alimentação, sexualidade e etc. No momento

subsequente, a partir do século XVIII, seria a vez da proliferação das várias instituições disciplinares (escolas, moda, hospitais, fábricas e etc.), para a afirmação da governamentalidade, que tinha como meta o governo de populações inteiras (a *biopolítica*) (REVEL, 2005).

A premissa para a constituição destas instituições de governo é que, se existe uma relação entre o exercício do conhecimento e do poder, a sociedade passa então a ser liderada pelos detentores do saber, que logo a determinariam (FOUCAULT, 1996). Assim, as áreas científicas e seus ensinamentos, como todos os sistemas de educação e das outras *disciplinas* seriam “[...] uma maneira política de manter ou de modificar a apropriação dos discursos, com os saberes e os poderes que eles trazem consigo” (FOUCAULT, 1996, p. 43). A expansão dos conhecimentos científicos aos manuais de sapateiro e catálogos de coleção de calçados a partir de meados do XIX, não seria neste ponto uma coincidência. A utilização endossa um lugar de autoridade dos respectivos autores no assunto da produção de calçados.

A troca da “linha dura” pelas solas com eixos diferenciados entre direita-esquerda (Figura 2) é veementemente defendida por J. F. Hall. Ele aponta ser este o fruto de um conhecimento “inferior” sobre os pés e sobre as técnicas construtivas (HALL, 1847, p.39-40). Os bicos finos também são combatidos pelos sapateiros, por serem seus cabedais apertados, responsáveis por doenças, como joanetes e calosidades. Willian H. Dooley, que dedica grande parte de seu manual de sapateiro à explicação da anatomia e funcionamento dos pés (DOOLEY, 1912. p.7), assegura que as falanges do pé “[...] ocupam um espaço muito maior na articulação dos dedos fora dos sapatos do que dentro dos sapatos” (DOOLEY, 1912, p.80, tradução nossa). Ele também acredita que os dados científicos seriam imprescindíveis para que a produção calçadista pudesse conferir aos pés uma cobertura minimamente saudável e adequada.

Porém, quaisquer saberes, inclusive o que ganha o nome de científico, acredito, são produzidos com base nas experiências das pessoas com a materialidade do mundo (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 3). Se pensarmos sobre as possibilidades do “retorno às coisas mesmas”, proposto por Maurice Merleau-Ponty em *Fenomenologia da percepção*, podemos tomar a idéia de que o corpo é uma estrutura física e vivida ao mesmo tempo, e que o conhecimento de mundo surge

com base na própria experiência física:

“Não posso pensar-me como uma parte do mundo, como simples objeto da biologia, da psicologia e da sociologia, nem fechar sobre mim o universo da ciência. Tudo aquilo que sei do mundo, mesmo por ciência, eu o sei a partir de uma visão minha ou de uma experiência do mundo, sem a qual os símbolos da ciência não poderiam dizer nada. Todo o universo da ciência é construído sobre o mundo vivido”. (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 3)

Quando J. Morín, em seu manual de sapateiro, separa em sua produção em dois grandes grupos de modelos os “*zapatos comunes*” — para o uso doméstico, dos que caminham pouco — e “*zapatos duros*”— os dos caminhantes, dos trabalhadores, dos caçadores e dos que possuem “corpos duros” (MORÍN, 1859, p. 79-109, cap. IV) —, está direcionando a sua técnica e o seu produto para servir a um corpo real, ao qual o calçar se relaciona através dos sentidos, não um corpo idealizado. Por outro lado, quando J. S. Hall exagera nas descrições sobre a biomecânica dos pés, ele também está tentando construir uma relação de credibilidade entre o conhecimento científico e a sua prática artesanal:

“Trinta e seis ossos e trinta e seis juntas dadas pelo Criador para formar esses membros, [...] seus belos arranjos de 144 ossos e articulações, juntamente com os músculos, cartilagem elástica, lubrificante líquido oleoso, veias, artérias e um par de sapatos ou botas”. (HALL, 1847, p.109, tradução nossa).

Na perspectiva de Thomas Csordas, a objetificação do corpo proposto pelas ciências seria um processo construído historicamente e culturalmente, mas somente em um segundo momento da experiência da percepção no mundo (CSORDAS, 1990). A cultura é corporificada (*embodied*) e não dada exteriormente à experiência do sujeito. Para Csordas, o outro também não é percebido como objeto, e sim como um "outro eu mesmo"; e, por fim, a objetividade não é a visão de nenhum lugar, mas uma visão de qualquer lugar onde o corpo possa tomar posição e se colocar em relação às perspectivas de outros "eu mesmos" (MALUF, 2011).

Csordas reconhece ter sido Marcel Mauss o pioneiro em trazer a corporeidade como possibilidade mediadora e resolvidora das dualidades

fundamentais do pensamento antropológico sobre o corpo. Mauss inaugura uma nova forma de análise da relação das pessoas em sociedade, o que abriu o caminho para que outros pensadores buscassem superar as compreensões mecanicistas e cartesianas sobre o estudo das corporalidades. O ponto fundamental é o de que o corpo é uma forma potente de memória e de transmissão de costumes, técnica e formas de fazer, elaboradas pelas sociedades através do transcurso de várias gerações. As “técnicas corporais” seriam técnicas eficazes, amparadas pela tradição, encarregadas de transmití-las, por vezes oralmente, porém de forma essencialmente corporal (MAUSS, 2003). Estas técnicas dizem respeito às maneiras de realizar tarefas que são hábitos absorvidos, passados de gerações a gerações através da instrumentalização do corpo. Este seria a ferramenta primeira, a que se encarrega da execução mais eficaz da transmissão de habilidades e ofícios. Assim sendo, Mauss reconhece também com precocidade que a lógica mercantil moderna não seria de forma alguma substituta das tradições, que seguiriam presentes nas sociedades modernas, formatando vínculos e práticas entre as pessoas (MARTINS, 2005).

Segundo George Oliven, as teorias da modernização pregam o surgimento de novos comportamentos e orientações culturais decorrentes do desenvolvimento econômico global e industrial, que é encarado como um modo relativamente linear no *continuum* tradicional-moderno. Porém, contraposta a esta linearidade, encontramos locais, como ambientes rurais ou de rápida urbanização, onde somente parte da população é absorvida pelas relações capitalistas de produção (OLIVEN, 2007, p.43-44). Outra parte, que tem que sobreviver no mercado informal de trabalho, permanece com seus ofícios artesanais. Artesãos existem na atualidade (SWANN, 1986, p.3), também porque são essenciais para algumas das demandas relativas às nossas práticas de calçar. Na lógica de consumo de mercado, fábricas não consertam ou revitalizam sapatos, mas sapateiros sim.

### **1.3. A industrialização**

Mo século XIX, uma após a outra, as máquinas que surgiram — para modelar, máquinas para comprimir, máquinas para saltos, para anexar solas e cabedais, parafusar, desbastar e etc.— trouxeram alterações irreversíveis para a

produção. Alguns sapateiros tornaram-se especialistas, que nada mais sabiam sobre o artesanato para além da operação fabril que deveriam executar (DOOLEY, 1912, 267-268). A industrialização teria conduzido a produção ao ponto de que, no final do século XIX, todas as fábricas usariam as mesmas máquinas e as mesmas operações, variando somente em alguns detalhes (DOOLEY, 1912, p.115).

Estas alterações começaram principalmente com a forma de aplicação do capital nas regiões urbanas no final do século XVIII. Ele incentivou inventos e depois a vinculou máquinas em larga escala na produção (BURK, 1847). O sistema de royals, onde o proprietário do maquinário participava do lucro, foi imprescindível para a introdução. Primeiramente, os artesãos começaram a se articular — ou a serem articulados por empresários — no sistema de armazéns. Depois houve aumento da velocidade e da compartimentação nas etapas de confecção, até o surgimento do modelo de departamentos (de corte, costura, montagem, assentamento, encaixotamento e envio) (BLANCHE, 1921) (Figura 3).

Antes deste século os calçados eram todos costurados à mão. Alguns tinham solados pregados ao cabedal com pregos ou cavilhas. Outros, mais pesados, ou ganhavam uma costura entre o solado e do cabedal (vira), ou eram montados às solas pelo método do sapato virado (*turnshoe*). Por volta de 1810, houve maior adoção dos sapatos que possuíam solas montadas aos cabedais com cavilhas. O modelo entrou em uso geral quando, a partir de 1829, foi inventada a máquina de cavilhamento (patenteada por Nathan Leonard, de New Hampshire, Nova Inglaterra) (DOOLEY, 1912, p.250-253). Em 1832, também seria inventada uma máquina para pregar solas com fio de latão, que eram cortados e forçados contra o couro (DOODLEY, 1912, p.260). A máquina de costura com a agulha de pesponto duplo foi criada por Elias Howe (de Spenser, Massachusetts), em 1846, tendo alta aplicação nas fábricas de calçados na segunda metade do século XIX. Porém, foi com Isaac Singer, em Nova York — empresário que venceu a querela judicial sobre os direitos de patente do invento de 1851 (U. S. PATENT OFFICE, 1851) — que, após 1860, a máquina realmente entrou no mercado (MONTELEONE, 2014 e THOMSON, 1991 p.75).

Mesmo com as invenções do período, o trabalho de produção de calçados continuaria mais doméstico, até que houvesse a viabilização das fontes de energia, o que somente ocorreu a partir da década de 1860. Após esta data, não haveria

mais na região da Nova Inglaterra “[...] quase nenhuma fábricas que não fosse impulsionado por vapor ou a força da água” (DOOLEY, 1912, p.258, tradução nossa).

Se listarmos as proveniências dos inventos, notaremos que as principais são de fato norte-americanas, com destaque para a região da Nova Inglaterra e algumas de suas cidades baleeiras. Em 1852, John Brooks Nichols, um sapateiro de Lynn (Massachusetts), foi quem adaptou uma das primeiras máquinas Singer para a costura das partes do cabedal de calçados, utilizando um fio encerado que permitia a realização do trabalho no couro (BLANCHE, 1921, p.94 e ALLEN, 1916 p. 58). William Wickersham, de Boston, no mesmo ano, fez proposições importantes para resolver alguns dos problemas da costura com fio encerado (THOMSON, 1991, p.120). Em 1853, Jhon Woodredge, também de Lynn, foi o primeiro a empregar a máquina de Nichols de forma sistematizada (ALLEN, 1916, p.58, 1912, DOOLEY, p.258). Embora cite lonas e tecidos pesados em sua patente, foi para o couro de costura para botas e sapatos que a máquina de Nichols se tornou importante (N. R. PLANNING BOARD, 1949, p.69).

A respeito das costuras aplicadas aos solados, foi Lyman Reed Blake, de South Abington (MA) que em 1856 patenteou a primeira importante máquina substituta da costura manual de solados com cabedal (THONSON, 1991, p. 120). Em 1860 a energia hidráulica propulsionou o uso deste invento que, após ser comprado por Gordon McKay, de Pittsfield (MA) (DOOLEY, 1912, p.258), tornou-se um método muito difundido na região da Nova Inglaterra, conhecido como método Blake, ou McKay. O sistema McKay dominou a produção do período até que Charles Goodyear Jr. concluísse em 1874 a série de patentes de um invento revolucionário, que popularizou o formato mecanizado de método de vira para costuras de sola e cabedal, o que ficou conhecido como o Goodyear Welt (U. N. PATENT OFFICE, 1876) (Figura 4). Os sapatos Goodyear Welt foram largamente aplicados aos modelos oxfors e derbys, sapatos símbolos da modernidade a partir de meados do século XIX (DOOLEY, 1912, p. 264). Porém, este modelo de aplicação de vira não é um arranjo novo. É antes um método de costura de solado e cabedal muito antigo e difundido, que apenas foi reproduzido por processos mecanizados. Goodyear Jr. filho de Charles Goodyear, também patenteou uma invenção crucial para a industrialização da produção de calçados no século XIX. Ele foi responsável pelo invento da vulcanização da borracha, método criado em 1837 a pedido do gerente da Roxbury

Rubber Company, de Boston, e aplicado à produção de calçados três décadas mais tarde (THOMSON, 1991, p.165).

Em 1899, a McKay e a Goodyear se uniram na States Machinery Shoe Company, dominando grande parte da produção industrial de sapatos norte-americana (DOOLEY, 1912, p. 270). Neste quadro competitivo das grandes companhias, a propaganda foi um investimento imprescindível. Uma longa tradição de sóbrios anúncios informativos até meados do XIX continham apenas listas de produtos em estoque, com seus respectivos preços. Depois de 1860, com as mudanças provenientes da competitividade e da busca pela ampliação de mercados, foram utilizadas imagens, letras e diagramações chamativas, direcionadas a um novo interesse visual. Aliando-se ao marketing muito mais engajado em produzir o consumo, os anúncios deixaram de ser meramente informativos (THOMSON, 1991) (Figura 5 e 6). Ganharam a função de seduzir e convencer, enfatizando a novidade dos modelos e a qualidade de novos materiais. Foram profusos nesses anúncios publicitários frases como “*commodity path*”, “*nodal innovation*”, “*dynamics*” e etc.

Infelizmente, apenas dois dos catálogos investigados nesta pesquisa são anteriores à década de 1860: o Herold Sons, de 1850, e o Lemuel Blexter, de 1855. Ao contrário dos catálogos subsequentes, não usam figuras humanas, possuem menos frases imperativas e maior simplicidade na exposição icônica dos produtos. Os posteriores, de finais do século XIX — como o Boston Rubber Shoes Company, 1888; Alfred Cameyer, 1885; Goodyear Rubber Glove, 1885 —, trazem tais novidades, como também uma maior gama de especialidades de calçados (como as dos sapatos de pescaria, montaria, neve, esportivos, para a cidade, para inverno, para chuva) (BOZANO; OLIVEIRA, 2011 e PASSOS; TAKAO, 2012). Os novos modelos variam a partir das tecnologias aplicadas: borrachas, elásticos, e outros mecanismos de amarração e de vedação. Outra diferença marcante entre os dois momentos da publicidade é que, nos mais recentes, há o desaparecimento das vendas de partes dos calçados isoladamente (Figura 7). Até então, peças como os saltos e biqueiras, eram frequentemente compradas por fábricas ou por sapateiros remendões.

Os ícones da propaganda, se entendidos a partir dos “sistemas da moda” teorizados por Roland Barthes, funcionam como códigos para a construção do discurso, atuantes sob os seguintes elementos: a necessidade de incentivar o

consumo, a criação de novos valores, o texto e a imagem e a necessidade da presença dos estereótipos para a criação da imagem de grupo social (BARTHES, 1979). Barthes afirma ser o desejo das pessoas pela roupa uma função da linguagem empregada sobre o vestuário, de natureza visual ou textual. Ele expõe haver três sistemas estruturais nos enunciados de moda (o sistema real, o terminológico e o retórico). Divide o vestuário em três instâncias: o vestuário-imagem (fotografia); o vestuário-linguagem (descrição da fotografia); o vestuário-real (roupa) (BARTHES, 1979). Cada enunciado seria composto por um significante material – o próprio vestuário concreto tornado significante – e um significado imaterial – a construção de sentido a partir da relação desse significante com o mundo, ou com a própria moda. A propaganda possuiria então sua objetividade própria, interposta entre os objetos e os consumidores, correspondente à construção de significações pela moda como algo também de fundo econômico. Como resultado, ele motivaria o consumo em um ritmo mais acelerado do que o conferido pelo tempo de uso e de desgaste dos produtos.

Mas, sendo a propaganda somente esta retórica pseudo-real sobre o vestuário (BARTHES, 1979, p. 45), para o aprofundamento do estudo das práticas de calçar a partir da análise dos catálogos e propagandas, seria necessário contrapor-las aos vestígios da cultura material. A correlação entre fontes catálogos e vestígios pode conduzir-nos ao entendimento de como os ícones do marketing não corresponderam exatamente à totalidade das práticas de calçar. Os modelos mais comuns nestes catálogos são o blucher, oxford (Figura 8), derby, a bota balmorals, a *ankle boots a napoleon*, *bottom laces* e as *rubber boots*. Muitos modelos tradicionais e populares, ainda produzidos artesanalmente no XIX, nunca aparecem nos catálogos, a exemplo do pumps ou os slippers. Os enunciados, claro, também não fazem referências aos tipos construtivos provinciais, ou provenientes de grupos étnicos específicos, como os mocassins e os suecos. A linguagem das publicidades valoriza e representa somente o que é tido como ícone do “inovador” e do “progresso”, em sintonia com o que é almejado pela produção fabril.

Mas todos estes modelos que foram marginalizados nas publicidades continuaram a ser produzidos e utilizados no século XIX. Os mocassins, sapatos construídos com uma peça única de couro costurada na parte superior do pé, são encontrados em muitos períodos e contextos culturais, inclusive em contextos



lobeiros-baleeiros. Os suecos, ou tamancos, que são sapatos com somente a sola, ou com a sua totalidade em madeira, sempre foram muito comum às populações do norte da Europa e também na América do Norte a partir da colonização. Já os slippers, calçados frágeis, geralmente para corpos com pouco movimento, são ainda muito produzidos e usados em ambientes domésticos até finais do século XIX. Por serem extremamente delicados, formam associados à riqueza e ao prestígio desde os séculos anteriores, sendo em muito, feitos e usados nos aposentos femininos. Os slippers foram também chamados de sapatos de salão, ou de sapatos para “serem olhados”. Na realidade, eles compreendem uma gama muito ampla de modelos de sapatos similares às sapatilhas, sem mecanismo de fechamento, que se vestia “deslizando” (*to slip-on*) (O’KEEFFE, 1996, p.132). Possuem solados delgados e possuem cabedais feitos geralmente em tecidos ou couros finos e ornamentados. Os pumps também contam com um tipo de confecção simples, artesanal e antiga. Se comparado aos slippers, seria uma categoria bem parecida, porém mais grosseiro e de material mais durável, pois eram mais usados por homens e trabalhadores. Apesar de a bibliografia encontrada nomear como pumps alguns sapatos com uma amarração bem simples, como a de uma única laçada, em seu modelo mais recorrente, ele é um sapato que carece de cintas, fivelas, cadarços ou outros elementos de fixação no pé. Ele foi identificado no século XVI como um sapato típico da “libré dos lacaios” (O’CKOFFEL, 1996, p.184). Rasos, seguros ao pé apenas pelos músculos dos calcanhares e dos dedos. Seu nome, derivado do inglês (por vezes *poumpe*, *pompe* ou *pumpe*), seria fruto do som resultante do caminhar do utente sobre piso liso. A chave para que o pump permanecesse fixado ao pé seria seu ajuste confortável no enfranque, funcionando como se fosse o êmbolo de uma seringa (O’CKOFFEL, 1996, p.184).

#### **1.4. As cidades baleeiras e calçadistas**

Em 1841 foram demandados em New Bedford 63.400 pares de sapatos para abastecer suas embarcações baleeiras (PEASE, 1918, p. 38). Nas primeiras décadas do XIX, as características produtivas da região da Nova Inglaterra já haviam mudado suficientemente para que o Estado de Massachusetts se tornasse o maior produtor mundial, estando à frente mesmo da Inglaterra (BLANCHE, 1921;

THONSOM, 1991). De acordo com Evans Blanche, Massachusetts estivera orientada ao mercado calçadista da seguinte forma:

“Lynn e as cidades vizinhas no condado de Essex se especializaram na fabricação de sapatos femininos, com padrão elevado e uniformidade técnica; Brookfield, com os seus vizinhos Worcester County e Natick, mantiveram a fabricação de brogans na década de 40 e 50; Randolph e mediações se especializaram em botas após a década de 40. Por volta de 1855, Randolph foi bastante conhecida como o produtora de botas de alta classe para a Califórnia, New Bedford se especializou em pumps baleeiros; Raynham, em pumps para marinheiros em Cuba, Balmorals para artesãos brancos e botas com pregos para os agricultores”. (BLANCHE, 1921 p.81, tradução nossa).

Antes da Guerra de Independência (1775–1783) a colônia norte-americana já era o maior comprador de couro da Inglaterra (RIELLO, 2002, p.106). Com uma produção voltada ao comércio interno de sapatos e botas, destacaram-se as seguintes cidades: Lynn, New Bedford, Haverhill, Worcester, Milford, Natick, Randolph, Abington, Danvers, Georgetown, Stoughton, Woburn, Nantucket, Boston, dentre outras (RICHARDSON, 1858, p.15) (Figura 9). Houve um estágio pujante no final do XVIII, mas totalmente doméstico (BLANCHE, 1921). Neste período, foi comum ver pequenas produções, artesanais e familiares, trocando serviços ou outros bens (como queijo, milho, papel, peixes, livros, e canteio (BLANCHE, 1921, p.173). Depois deste momento, teria surgido o estágio da terceirização, com aplicação do sistema de capital na produção (de 1760 a 1855). O terceiro momento produtivo seria o da estruturação de fábricas, com implantação definitiva dos sistemas de compartimentação e mecanização (após 1860).

Lynn, chamada desde o século XVIII de a “cidade dos sapatos”, tornou-se o maior produtor mundial (RIELLO, 2002, p.6). O primeiro sapateiro reconhecido e documentado aparece nas fontes desde 1633 — Philip Kertland Edmund. Em 1795, a cidade contava com duas centenas de operários mestres e seis centenas de oficiais, produzindo trezentos mil pares de sapatos por ano (ROSENBERG, 2007, p. 109). O negócio aumentou gradualmente com o aumento de habitantes: em 1850 produziu 4.478.700 pares de sapatos, ou 314 pares para cada um dos 14.257 moradores. Em 1870 chegou a mais de 11 milhões de pares por ano (HGMB American Experience, 2015).

As cidades baleeiras de New Bedford e Nantucket também tiveram a produção articulada de forma precoce. New Bedford foi uma das primeiras a instalar as fábricas (ELLIS, 1892). A primeira foi em 1860, a New Bedford Boot and Shoe Manufacturing Company, e a segunda foi em 1865, a Hathaway, Soule & Harrington (ELLIS, 1892). Em 1860-1890 New Bedford seria também conhecida pela produção industrial têxtil, ambas fomentadas pelo impulso dado pela baleação desde as décadas anteriores (THOMAS et. al., 2013). Nantucket registra grande emprego do trabalho de mulheres na produção — entre 1852 e 1864 — e grande importância no setor produtivo de outros artigos ligados à indústria baleeira, como chapéus e *duster coats* (NANTUCKET H. ASSOCIATION, 2014). Boston teve papel importante na introdução da produção de calçados por colonos, trazendo muitos dos costumes da produção inglesa. Porém, a partir de 1800, pelo crescimento dos negócios ligados às atividades marítimas, a produção decairia a um patamar secundário (HERBERT, 1890).

Infelizmente a história das outras regiões produtoras de calçados em larga escala no século XIX permanece incompleta. Devido tanto ao interesse limitado na compreensão deste comércio na história econômica, quanto às limitações dos registros documentais (RIELLO, 2002, p.6). Mas ingleses e franceses também foram grandes fabricantes no período não industrial, abastecendo um mercado amplo durante o século XVIII. Londres fora a cidade líder, indiscutível até a Revolução Francesa (1789-1799), momento a partir do qual Paris oferece grande concorrência (RIELLO, 2002). A produção na Europa, longe de ser um setor pequeno, constituiu uma de suas principais atividades econômicas pré-industriais (RIELLO, 2002, p.3). Dooley acredita ser a força dos mecanismos artesanais o que atrasara a industrialização da produção na Europa (DOOLEY, 1912, p. 276). Porém, mesmo se admitirmos a situação mais estática da produção europeia em comparação à norte-americana, não devemos ignorar que mudanças importantes no varejo e no consumo também influenciaram a estrutura e a organização do comércio europeu do século XIX (RIELLO, 2002). Igualmente à situação de Massachusetts, o papel da produção provincial no mercado interno teria mudado muito com o início do século XIX na Europa, onde as relações de crédito e investimento foram tornando-se também cada vez mais complexas na Europa (RIELLO, 2002, p. 247). No que diz respeito à mecanização, apesar dos inventos serem exclusivamente norte-

americanos, propulsionaram as mudanças na produção Inglesa, que absorveram e propuseram várias melhorias (RIELLO, 2002).

A importância do entendimento do núcleo produtivo de calçados norte-americano dos séculos XVIII e XIX se faz porque partimos da premissa de que parte significativa das embarcações baleeiras que avançaram aos mares do atlântico sul no século XIX, saiu da Nova Inglaterra. Em seus primórdios a baleação da região não se arriscava em alto mar. Estações eram montadas nas praias, de onde se observava o movimento marinho para a captura dos animais (CURRIE, 2001). Desde fase colonial, a Nova Inglaterra já se encontrava estabelecida na caça de baleias, principalmente através de New Bedford e Nantucket. Na fase marítima, a grande exploração teria começado na entrada do século XIX, com a expansão para o Atlântico, depois para o oceano Ártico e o Pacífico. A “era de ouro” na baleação fora entre os anos de 1815 a 1860 (THOMAS et. al., 2013) na Nova Inglaterra. New Bedford fora destacadamente o porto baleeiro líder depois de 1830 (LIBRARY OF CONGRESS, 2014).

Embora a caça de focas<sup>1</sup> também fosse praticada no norte, na Antártica marítima ela esteve associada aos baleeiros que avançaram para as atividades de caça no Emisfério Sul. Andrés Zarankin e Ximena Serantore apontam que, dentre as hipóteses dos antecedentes históricos do descobrimento das Ilhas Shetland do Sul, há uma premissa de que as atividades lobeiras-baleeiras na Antártica Marítima teriam sido o resultado das investidas de embarcações envolvidas com a caça de baleias por volta do início do final do século XIX e início do século XX (SENATORE e ZARANKIN, 1999, p.172). As embarcações seriam provenientes principalmente da região da Nova Inglaterra (BERGUÑO, 1993; STACKPOLE, 1955), sendo mais tarde, e com bem menos expressão, provenientes da Inglaterra (STACKPOLE, 1955, p.10). De toda forma, mesmo para o caso de partirem dos portos norte-americanos, devemos ter em mente que estas companhias baleeiras do século XIX eram de alcance internacional, envolvendo pessoas e capitais de muitas regiões do planeta.

A *South Seafishery* (McCULLOCH, 1835, p.731) envolvia três ramos: a caça

---

<sup>1</sup> Mamíferos marinhos conhecidos como *Phocidae*, incluindo lobos e elefantes marinhos. As focas são caçadas nos mares do sul constituem uma variedade de espécies que incluem: a *souther nelephantsea (mirounga leonina)*, a *southern sea lion(Otariabyronia)*, a *south American furseal” (Arctocephalusaustralis)*, e a “*antarcticfurseal”(Arctocephalusgazella)*.

da *blackwhale* nos mares do sul, realizada inclusive no Mar de Drake (WAHLE MAURY, 1851); a *spermacete whale*, dos mares de climas tropicais, como Nova Zelândia e Japão; e a caça de mamíferos marinhos (focas), realizada em torno das Ilhas Kerguelen, Geórgia do Sul, Shetland do Sul e na costa da Califórnia. De acordo com Anthony Dickinson, os animais na Antártica teriam sido explorados inicialmente nas Falkland Islands (Ilhas Malvinas) e Georgia do Sul, ainda no final do XVIII. Depois nas Ilhas Shetland do Sul, principalmente a partir do início do século XIX (DICKINSON, 1994). Os ingleses não teriam entrado na *South Seafishery* antes da Guerra Americana (McCULLOCH, 1835, p.731). Somente na segunda metade do XIX teriam resolvido atuar no comércio de explorações das focas mais veementemente (STACKPOLE, 1955, p. 22).

A. McCulloch cita a complementaridade de caça de *blackwhale* à caça de elefantes marinhos. Os óleos derivados eram parecidos e, de uma forma geral, vendidos com o nome de *southern Oil* (McCULLOCH, 1835). Embora a caça das focas acontecesse de forma suplementar à das baleias, se capturadas em grande número, principalmente os elefantes marinhos, poderiam preencher toda a carga da embarcação. Um navio de Salem, o General Knox, já em 1784, teria retornado à cidade com 600 barris de óleo de baleia e uma grande carga de pele de focas (N. SALEM MARITIME N. H., 2010). Em registros documentais desta cidade, a *Sealing Industry* teria entrado em declínio por volta de 1820, com seus navios retornando com cada vez menos peles de e óleo de elefantes marinhos (N. SALEM MARITIME N. H., 2010). Por volta de 1851 a sobrepesca teria dizimado também populações de baleias no Oceano Atlântico. A maioria dos baleeiros mudariam-se para os oceanos Pacífico e Índico, onde há registros de atividades de caça de mamíferos marinhos na Ilha Kerguelen. Finalmente, entre 1870 e 1880, as empresa baleeira parariam de serem rentável por completo (LIBRARY OF CONGRESS, 2014).

## **CAPÍTULO 2**

### **O USO**

Este capítulo tem como objetivo voltar-se à escala específica de ocupação da Antártica nas Ilhas Shetland do Sul pelos lobeiros-baleeiros. Para tanto, serão utilizadas as fontes históricas e arqueológicas como base para a análise, priorizando o entendimento das relações entre o calçar, as corporalidade e a experiências de lugar (navios baleeiros e Ilha Livingston)

As materialidades envolvidas com as práticas de calçar não serão entendidas como exclusividade da vida nos acampamentos de caça, mas sim como elementos que começaram a ser construídos nas embarcações, ou mesmo antes delas. Assim, toda a documentação que apenas traz informações sobre a vida no porto e no navio, será conectada à investigação sobre os vestígios de calçados utilizados nos acampamentos de caça da Antártica e resgatados nos sítios arqueológicos.

Englobaremos nas discussões as práticas de calçar contemporâneas, por meio da reflexão sobre a experiência de pesquisadores campistas que atuam junto às Operações Antárticas Brasileiras (OPERANTARes). Através delas, o Leach e os outros laboratórios de pesquisa brasileiros, realizam investigações no verão de cada ano nas Ilhas Shetland do Sul. Esta será uma forma de problematização entre as corporalidades envolvidas com os primeiros momentos de ocupação das Ilhas Shetland do Sul e as corporalidades do quadro atual. Penso ser essencial a conexão das experiências do passado/presente, para o entendimento não somente do que se passou na Antártica com os lobeiros-baleeiros, mas também para o desejo de conhecimento sobre as corporalidades no presente (LE GOFF, 1990 p.14).

## 2.1. O calçar *greenhand*

Os 20 dólares dados adiantados a Patt — negro, norte-americano, que no navio Exess de Nantucket em 1829 saíra como novato no ramo —, foram gastos com “roupas próprias para o mar” (PILBRICK, 2003, p. 24). Patt fora um dos iniciantes (*greenhands*) que, talvez pela falta de opção, acabara ingressando na baleação. Aliás, este seria o único lugar dentro das atividades marítimas onde, neste período, negros e brancos receberiam o mesmo valor pelo mesmo serviço executado (PHILBRICK, 2003). Nos períodos áureos, a caça da baleia deixou de ser uma prática provincial para ser uma atividade que atraía muitos interesses de aventureiros para as cidades norte-americanas, seja de açorianos, caboverdianos, europeus, nativos americanos, africanos, maoris neozelandeses, kanakas, havaianos ou islandeses (THOMAS, et. al, 2013, p.70):

“ Todas as semanas chegan a esta cidade dezenas de homens de Vermont y New Hampshire, ainda muito “verdes”, e cheios de sede de ganhos e glórias na pesca. Costuman ser jovens, de tipos fortes; moços que derrubaram bosques e agora querem empunhar o arpão. Muitos estão verdes como as montanhas verdes de onde procedem. Em algumas coisas, acredita-se, acabaram de nascer.” (MELVILLE, 2010, p 69- 70, tradução nossa).

Havia um mercado de consumo de artigos para o mar amparado na necessidade de preparação e paramentação do marinheiro para o mar, principalmente no caso do novato. De acordo com Melisa A. Salerno, a condição de iniciado dava ao marinheiro não somente um posto inferior dentro do grupo, como também reduzia as habilidades e os conhecimentos sobre o que ele realmente deveria vestir para trabalhar. As práticas de vestir criavam uma forma de identificação entre os marinheiros, seccionadas em duas categorias fundamentais: os *greenhands* (ou *greenies*), que recebiam este nome por sua imaturidade, inexperiência, ou por serem pessoas vindas do campo (SALERNO, 2011, p. 174-75), e os *oildsalt* (ou *able-seamen*), mais experientes, por isso considerados mais hábeis e mais respeitados na hierarquia da tripulação.

Como os *greenhands* desconheciam da realidade no mar, eram encaminhados pelos *agents* (agenciadores da contratação de baleeiros) para a paramentação nos *outffits* (escritórios de agenciamento das companhias baleeiras), onde deveriam adquirir uma *sea-chest* (baú de provisões), fazendo a mudança geral na aparência, um pré-requisito para a contratação:

“Os criterios de contratação eram vagos (não estavam devidamente explicitados) e se encontravam vinculados as materialidades do corpo-vestido. Isso involucrava a apresentação social dos postulantes, e uma sorte no interjogo entre carne e indumentária. O proceso de selação perseguía objetivos diferentes: conseguir empregados que pudessem suportar as dificuldades do trabalho e evitar que os *able-seamen* se fizessem passar por *greenies*- ou viceversa (especialmente, quando suas posições já haviam sido tomadas) (SALERNO, 2011, p.176-177, tradução nossa).

Os *outffits* ofereciam o estoque completo de roupas para o mar (Figura 10). Elas deveriam “[...] *durar a um homem cuidadoso até dois anos*” (NORDOFF, 1856, p. 30-31, tradução nossa). Entretanto, eram oportunistas e, sempre que possível, aproveitavam das ingenuidades para vender artigos inadequados e de baixa qualidade a altos preços (SALERNO, 2011, p.181). Sobre os provincianos:

“[...] Ao adquirir sua indumentaria marinha, pede botões e fivelas em suas claças de lona. Ah, pobre tonto, que amargamente arrebratará esas fivelas na primeira galerna ou lulante, quando empurrados com fivelas, botões e tudo, pela garganta da tempestade abaixo!” (MELVILLE, 2010 p 70, tradução nossa).

Antes da segunda metade do século XIX, não havia política regulatória para evitar seus abusos (SALERNO, 2011, p.182). *Outfitters*, donos das companhias baleeiras e *agents*, ou “tubarões”, (como eram chamados na língua vernácula dos dias de caça à baleia) (PEASE, 1918, p. 77, 82.), mantinham relações estreitas neste comercio para a exploração da tripulação (SALERNO, 2011).

A preparação dos navios para as viagens ocorriam através da mão-de-obra de homens especializados: os aparelhadores e estivadores (PHILBRICK, 2003, p.18-19). Foi também comum ver nestas embarcações dos tempos de vela



proprietários arrancando ajuda dos marinheiros para os preparativos, adiantando uma quantia em dinheiro para a compra dos artigos. Uma canção de trabalho registrada do folclore dos mares do norte da Europa, a chamada *Shanties from the Seven Seas* — com possível origem no século XVIII —, ritmiza as atividades de "jogar o bojo", ou a de enrolar a vela, com versos que expressam esta relação da dependência do crédito para compra de roupas de trabalho pelos marinheiros:

“Sim, sim, e nós vamos transportar, sim/ Para pagar Paddy Doyle pelas botas/ Vamos esticar o bojo, e nós vamos enrolar, sim/ E pagar Paddy Doyle pelas botas/ Yeo, sim, e nós vamos cantar, sim/ Para pagar Paddy Doyle pelas botas/ Vamos levantar as velas em um arremesso, sim/ E pagar Paddy Doyle para suas botas!/ Yeo, sempre vamos transportar/ Para pagar Paddy Doyle para suas botas/ Vamos tirar a pele de coelhos, sim/ Para pagar Paddy Doyle pelas botas”. (HUGILL, 1961, tradução nossa)

Especula-se que Paddy Doyle seria um mestre de embarque de má fama em Liverpool. O adiantamento deixava os marinheiros sob o domínio destes intermediários, onde a exploração aumentava porque o adiantamento de recursos lhes era cobradas com juros (PHILBRICK, 2003, p.10). Depois, os navios zarpavam abarrotados dos mesmos artigos, caros e de qualidade duvidosa, para serem vendidos à tripulação durante a viagem. Tal comércio resultava duplamente lucrativo para os proprietários dos navios, pois longos períodos longe de portos tornavam o estoque das embarcações a única fonte de produtos:

“ Como os bens que adquiriam nos *outfitting stores* eram pouco resistentes, os marinheiros (especialmente os *greenies*) não tinham outra opção salvo substituí-los. Diferentemente da comida, os artigos do *slop-chest* se deduziam diretamente no pagamento. Durante anos, os preços foram exagerados.” (SALERNO, 2011, p.182)

Não era possível ter a previsão sobre os lucros resultantes dos serviços, não havendo como mensurar o crédito disponível a ser usado nos *slop-chest*. Os baleeiros não trabalhavam em troca de salário, recebiam um quinhão (PHILBRICK, 2003, p12.), que era uma fracionalização dos lucros totais, pagos somente no final da viagem. As maiores cotas ficavam para o dono da embarcação, seguindo pelo capitão, pelos imediatos, arpoadores, tanoeiro, carpinteiro, cozinheiro, os

marinheiros comuns, os *greenhands* e, por fim, o grumete. De acordo com M. Creighton (CREIGHTON, 2010), marinheiros iniciantes ganhavam cerca de 1/189 do lucro da carga total e os mais experientes ganhavam uma parcela maior, de 1/150. O capitão geralmente recebia um décimo, o primeiro imediato recebia cerca de 1/18 ou 1/20. Uma cota maior que 1/100 seria considerada um bom salário; cotas menores que 1/150, salários medíocres (LAURA JERNEGAN, 2014). De acordo com outra referência (FOSTER, 2007, p.44), os lucros formam repartidos na seguinte hierarquia: *Owners* (2/3), *Captain* (1/15), *first mate* (1/24), *mates* (1/50), *cooper* (1/60), *boatsteerers* (1/100), *cook steward* (1/160), *seamen*(1/160), *green-hands* (1/190), *cabin boy* (1/400).

Para maior compreensão da relação entre o quinhão e da capacidade de compra de calçados pelos lobeiros-baleeiros, façamos uma comparação entre fontes históricas encontradas. O navio Essex, que saíra de Nantuket em 1819, e que regressara dois anos depois com uma carga de 1200 barris, vendeu a mesma por 26.500 dólares. Ela rendeu, por exemplo, ao camareiro Joseph Underwood, 150 dólares. De acordo com documentação apresentada por E. Blanche, referente à fase pré-industrial da produção de calçados em Massachusetts, este também foi aproximadamente o valor pago (155,25 dólares) pela encomenda de 50 pares de sapatos em North Brookfield (MA) a dois sócios artesãos, que os produziram de julho a novembro de 1813 (colocados na conta do Skinner and Ward de North Brookfield) (BLANCHE, 1921 p.242). Pelos anúncios publicitários do século XIX relacionados à produção de calçados de Massachusetts, um sapato masculino simples variou em torno de 2,50 dólares. Sendo assim, suponhamos que a J. Underwood fosse necessário adquirir até 4 pares de sapatos por ano, e 8 pares de sapatos por dois anos. Mesmo valendo-nos destas comparações bastante generalizadas, poderíamos imaginar que tal compra consumiria em torno de 13% do pagamento total do camareiro por dois anos inteiros de trabalho.

Além do conhecimento sobre o vestuário correto a sere adquiridas no porto, ter habilidade na manutenção de roupas e calçados seria importante, pois era garantia de menores riscos de endividamento a bordo. Nas referências documentais dos sítios arqueológicos das escunas mercantes Hamilton e Scourge, naufragadas no lago de Ontario em 1813, a tripulação que comprava suas *slops* de comissário de

bordo do navio (com chapéus, *peajacket*<sup>2</sup>, sobrecasacas, *check shirts*, sapatos, meias, cobertores, colchões e etc.) (HAMILTON-SCOURGE PROJECT, 2014), muitas vezes faziam vários de seus itens, porque ao comissário teria sido permitida a marcação dos custos das roupas para a manutenção dos lucros para si mesmo. Um dos diários de bordo da coleção de *logbooks* de New Bedford Whaling Museum, escrito por Wm. A. Abbe no navio Atikin Adans entre 1858-59, pontua a presença de dois marinheiros do *foremast* como sapateiros (A. J. Willy, de Brookfield, e Chas. Curtis, de Stoneham, da província norte-americana de Wisconsin) (ABBE, 1858-1859).

Na escala de atividade de marinha, a baleação era uma das de mais baixo status (PILBRICK, 2003, p.8). Outros ofícios da época, além de garantirem maior previsão de lucro em menor tempo, eram considerados bem menos perigosos e desgastantes fisicamente. A baleação era um risco, como uma aposta em um jogo. Poderia não ser um negócio vantajoso nem para os proprietários dos navios, mas havia sempre a possibilidade da boa sorte e a expectativa de fazer fortuna em um curto prazo (CURRIE, 2001, p.13). E mesmo sendo um trabalho deplorável, arriscado, e de baixa remuneração, serviam para que os inexperientes tivessem a chance de ingressar na carreira do mar; os imediatos viessem a se tornar capitães; e capitães adquirissem sucesso, reconhecimento e status social.

Regressando ao exemplo deixado pela documentação referente ao Essex, que naufragou no pacífico em 1821 após o ataque de uma baleia cachalote. Encontramos casos representativos da situação de inexperiência e risco corrido pela tripulação. Em Boston, Patt relatou que na época de seu recrutamento já não havia mais marinheiros disponíveis no porto e que os agentes estavam recrutando qualquer pessoa (PILBRICK, 2003 p. 24). O camareiro Nickerson, com apenas 14 anos, havia embarcado pela primeira viagem com outros dois jovens e amigos, de 16 a 18 anos (PILBRICK, 2003, p.5). O capitão Pollard, que havia alcançado este posto com apenas 28 anos, tinha apenas uma viagem como primeiro-imediato do Essex. Finalmente, o primeiro-imediato Chase, com apenas 22 anos, e com poucas viagens em seu currículo, agora embarçava em sua primeira como primeiro-imediato. Apesar de contarem com a experiência da construção náutica para a improvisação das baleeiras quando tentaram velejar após ficarem à deriva com a

---

<sup>2</sup> Casaco muito usado por marinheiros de lã grossa, lapela grande e fechamento com halos de madeira trespassados.

destruição do Essex, o quadro geral anunciava o desastre ocorrido: um contingente de tripulantes que improvisavam, não conhecia o navio, os segredos do mar e da caça, os recursos necessários, ou o trabalho, e não sabia bem o que fazer em situações arriscadas e inesperadas.

## 2.2. No navio

A vida no mar sempre foi cheia de mitos, desejos e fantasias. Alguns baleeiros, de certo amavam aquela atividade, mas a parte do romance esteve bem longe da vida real. Muitos tiveram de conquistar suas habilidades náuticas com bastante esforço. Os riscos e as dificuldades tatearam as fronteiras intersubjetivas de cada um. Foram pontos de conflitos, geradores da necessidade de adquirir novas percepções e habilidades. Apesar da maioria dos *logbooks*<sup>3</sup> e das narrativas de viagens estudadas não relatarem em primeira pessoa estas experiências dos lobeiros-baleeiros no navio, apostamos ser possível alcançá-las através desta documentação.

Constance Classen e David Howes (CLASSEN, 2005, CLASSEN; HOWES, 2009 e HOWES, 2005), a partir da década de 1990, defenderam a importância de darmos maior atenção à forma como a experiência sensorial é padronizada coletivamente e como é moldada a compreensão das pessoas na interação com o mundo. O historiador dos sentidos se comprometeria com o que Howes chamou de “antropologia profunda”, buscando as mensagens não ditas do nosso corpo para a exploração dos nossos sentidos. A historiografia da década de 1940, sobretudo os *Annales*, com destaque para Lucien Febvre, também postulou bases para que se desenvolvesse o estudo dos fundamentos sensoriais nos diferentes períodos históricos. As contribuições esboçaram como as sociedades europeias anteriores ao século XVI colocaram menos ênfase na visão e mais ênfase na audição e no olfato, do que os ocidentais do século XX. Esses foram dados importantes para a reestruturação do tema dos sentidos dentro Antropologia e da Arqueologia, que passaram a apostar mais na presença da interrelação entre os sentidos, e entre os sentidos e a conformação das culturas (HOWES, 2003).

---

3 Diários de bordo disponíveis em *New Bedford Museum* (<http://www.whalingmuseum.org/>): ODHS 436A, ODHS 413, ODHS ODHS 390, ODHS 515, ODHS 994, KWM 51A, KWM 155, KWM 181.

A importância destas abordagens reside em esclarecermos que sociedades que não sentem compulsão para colocar o que pensam em palavras, ou escreverem sobre suas sensações, não falam sobre suas experiências, no entanto não deixam de dar a elas a devida importância. Muitos dos sentidos são difíceis de serem colocados em linguagem, ou porque são muito sutis, muito poderosos, ou muito complexos. As práticas corporais e os valores sensoriais que definem a vida podem ser tão penetrantes, que se tornam dados subliminares, deixando de ser mencionados (HOWES, 2003). Todas essas questões descansam na noção errônea de que a vida sensorial do passado não está disponível para o historiador ou para o arqueólogo.

Sendo a percepção uma simulação e antecipação interna da interpretação da mensagem sensorial, ela se constitui em relação de qualidade, direção e proximidade, distinta nos grupos sociais por fatores como: gênero, classe, etnia, sexualidade, idade, tradição cultural e histórica (GREINER, 2010, p.73). Mesmo não perdendo de vista a existência destas particularidades na percepção do mundo — inclusive dentro de um mesmo contexto social e cultural — entendemos que a experiência fenomenológica, se vivenciada de forma sistematizada por sociedades, estabelece modelos gerais de percepção. Podemos tomar a ideia de "fatos de sentido" como base para a interpretação destes modelos sensoriais. Eles são produtos do consenso do sentir "junto com outros". São as configurações de forma e de intensidade com que um ou outro senso é vivenciado, e de como os sentidos interfere na conformação das culturas. A percepção passa a funcionar como uma atividade social, na medida em que é condicionada culturalmente (HOWES, 2013, p. 6).

A identificação de um lugar comum para a experiência dos sentidos nas atividades dos lobeiros-baleeiros pode ser dada a partir da análise documental sobre o cotidiano nos navios. Pessoas com costumes mais ou menos diferentes foram impactadas pelas percepções decorrentes da vida nas embarcações. As fontes trazem problemáticas e queixas sobre o conforto, a segurança, a saúde e o bem-estar. Elas registram situações e declarações conflituosas e situações estressantes fisicamente. O trabalho do baleeiro no navio era considerado "enclausurante", "sujo", "molhado", "nauseante", "frio", "quente", "perigoso", "insalubres", "nojento" ou "mortal". É o que declara uma parcela da população no contexto das cidades, ou

parcela da tripulação que ainda não havia incorporado muito bem a nova realidade. A extração de recursos dos mamíferos marinhos ocorria ainda no convés, com o corte da baleia em retalhos e a fervura para a retirada da gordura (Figura 11). Produzia muitos cheiros e substâncias orgânicas que cobriam todo o deck. Ferramentas e pessoas eram encharcadas de substâncias orgânicas. A gordura e o sangue entranhavam na pele, nos cabelos, roupas e calçados. Sapatos de sola de couro escorregavam como sabão no deck enquanto o óleo do animal era processado (MARINERS' MUSEUM, 2014).

Tal era o nojo e desprezo às roupas utilizadas para o processamento das baleias que, imediatamente à finalização do turno de trabalho, elas eram lançadas no convés sem nenhum cuidado, até que viessem a ficar totalmente imprestáveis e fossem atiradas no mar (PILBRICK, 2003). Baleeiros experientes sabiam que era melhor dormir com as mesmas roupas que usavam no trabalho de derreter a gordura dos animais (em geral, camisas com mangas curtas e ceroulas de lã surradas), adiando também toda e qualquer oportunidade de se lavarem, até que as pipas de óleo derivada do processamento tivesse sido guardadas no porão e os navios tivessem sido esfregados e limpos (PILBRICK, 2003, p. 56). O camareiro Nickerson, do Essex, com seus jovens amigos, entretanto, se sentiam tão enjoados, que se trocava a cada turno de trabalho. Quando a capa da primeira baleia tinha sido toda derretida, eles já haviam estragado todas as suas roupas dos baús, vendo-se rapidamente obrigado a comprar novas roupas a preços extorsivos no baú da tripulação. Nickerson e seus amigos calcularam que, quando o navio voltasse a Nantucket, eles deveriam quase 90% dos honorários que iriam receber. Nickerson ainda reclamava que os oficiais dos navios os deixaram aprender da forma mais dura esta lição sobre a economia com o vestuário: não lhes aconselhavam em nada (PILBRICK, 2013, p. 57).

A rotina dentro da embarcação era dividida em vigílias, geralmente alternada de quatro em quatro horas, totalizando doze horas de tempo livre e doze horas de serviço no navio por dia (HAMILTON-SCOURGE PROJECT, 2014). O trabalho na chuva e na neve, ou sob o esguicho da água salgada do mar, era algo inevitável no deck (WOOD, 1858-1862). O uso de roupas molhadas no frio poderia se tornar para qualquer um algo insuportável (NORDOFF, 1895 p. 253). O capitão baleeiro William Phelps em 1840 escreve sobre os desafortunados que faziam a vigília noturna,

sendo regados constantemente com o spray da água do mar e da chuva (PHELPS, 1840 apud DRUETT, 2001, p.3). A água destruía os materiais frágeis e solúveis aplicados à construção de botas e sapatos. O sal da água do mar fragilizava a pele e tornava o couro mais duro quando seco. Nordoff viu botas compradas por novatos, feitas de papel pardo envernizado, derreterem em pouco tempo de uso (NORDOFF, 1895, p 30. e 33). Sarah Cole, esposa do Capitão Frederick Cole, a bordo do Vigilant (1860-1862), de New Bedford, relata que, em dado momento, todos os seus pares de sapatos estavam molhados, e que seria inútil trazer qualquer artigo de “boa qualidade” para o navio. (DRUETT, 2001, p. 71).

O manual de sapateiro de J. Morín (MORÍN, 1859, p 34.) fala sobre o uso de graxas para a impermeabilização de couros de sapatos. Algumas obras literárias e bibliografias sobre viagens aos pólos norte e sul, ou sobre as embarcações pesqueiras no século XIX, relatam o uso de graxas feitas com a gordura das próprias focas como impermeabilizante de couro (VERNE, 2009; ORLEANS, 1911; REPLOGLE, 1904). Mas couros até a metade do século XIX eram curtidos com tatinos vegetais, o que os tornava de toda forma bem mais permeáveis que nos tratados com sais de metais, que são comuns aos sapatos de couro dos nossos dias (THONSOM; MOULD, 2011).

Para o geógrafo Willian M. Davis, com a neblina, o frio era penetrante até a “medula do osso”. O cientista também se resente pelos mariheiros, que passam por longas horas de trabalho descalços no deck molhado (DAVIS, 1874, p. 393). Não é possível correlacionar exatamente esta declaração, ou também as abundantes representações históricas e iconográficas de marinheiros descalços, com as práticas de calçar dos lobeiros-baleeiros, mas é bem provável que existissem ocasiões onde andar descalço fosse tolerado ou proibido. “*No wearing shoes while making sails*”, por exemplo, era crime passível de punição em alguns navios (CURRIE, 2001, p.39).

Nos *logbooks* acidentes têm como causa o convés molhado e escorregadio, a instabilidade do navio, a negligência e a inexperiência na manipulação de cargas (LUDLOW, 1866-1869, CHILDS, 1852-1854, SARVENT, 1859-1863 e FOSDICK, 1858-1860). Nas tempestades ocorreriam muitos destes acidentes. Os objetos costumavam deslizar uma sobre as outras, e os tripulantes tinham que se segurar em partes fixas do navio enquanto tudo ficava coberto de água (CURRIE, 2001, p. 36-37). Na passagem do Mar do Drake as tempestades eram certas. São freqüentes

sopros de 60 km/h, provocam elevações das ondas que atingem com sete metros de altura os navios (M.B., 20015). A caçada à baleia já era por si só uma atividade de alto risco (WOOD, 1858-1862 e SHATTUCK, 1850-1852). Uma vez avistadas, as baleeiras (botes com cerca de vinte pés) eram lançadas com uma média de seis homens (CHEIGHTON, 2006 e CURRIE, 2001). Quando arpoados, os animais se debatiam, virando ou quebrando os botes, e todos se viam lançados ao mar. O Capitão Jonh Deblois, em 1855 no Ann Alexander, foi derrubado por uma baleia cachalote no Pacífico. Ela destruiu dois barcos e em seguida afundou o navio com um golpe de cabeça — na mesma região e da mesma forma em que o Essex fora atacado em quase três décadas anteriores. Deblois foi resgatado na ocasião pelo Capitão Richard Gibbs que, um ano depois, no comando do navio Nantucket, foi arrastado pelo corpo ao mar por outra da baleia. No retorno, sua esposa Almira Gibbs, que estava embarcada, notou que, por sorte, ele apenas tinha perdido um sapato e o chapéu (DRUETT, 2001, p. 32 ).

Nas embarcações a climatização era incipiente, as temperaturas oscilavam muito. Dias quentes e sem nebulosidade, mesmo com o deck molhado, poderia tornar insuportável a radiação e o calor do piso de madeira. W. A. Abbe escrevera quando no *forecastle*, assentado sob seu *chest*, a respeito da expectativa de ir para a casa em um ano “[...] o que lhe dava a coragem para continuar viagem que outros não poderiam sentir. Neste momento ele estava “[...] sem calças, sapatos ou chapéu, nada mais que uma camisa” devido ao calor do castelo de proa (ABBE, 1858-1859 21 de novembro de 1858, tradução nossa). Mas rumando às latitudes polares, a queda de temperatura era brusca. Para o explorador ártico Willian J. Scoresby, acima da latitude 80°:

“O súbito e notável aumento de frio era necessariamente produtor de grande inconveniente, especialmente pelos difíceis ventos [...] Os extraordinários apetrechos fornecidos pelos marinheiros para a defesa contra o frio, foram agora trazidos, e vários e grotescos foram os trajes a que alguns deles recorreram” (SCORESBY, 1823, p. 30-31, tradução nossa)

Surgiam situações de conflitos e de negociações envolvendo a posse de roupas e calçados. No *forecastle* do Atikin Adans, um baleeiro roubou os sapatos de W. A. Abbe, depois teve a ousadia de lhe dizer que “[...] encontrou-os no chão e os



manteve até que conseguir encontrar o proprietário” (ABBE, 1858-1859, 21 de novembro de 1858, tradução nossa). R. Eggs, no diário de Abbe, teria dado [...] um par de calças, botas e uma jaqueta xadrez, por um par de livros, uma calça, jaqueta, um par de meias, duas facas e 48 centavos (ABBE, 1858-1859, 27 de novembro de 1858, tradução nossa). O castelo de proa era o local do dormitório dos marinheiros comuns. Na região oposta do navio, na *aftercabin* ficariam os oficiais, capitães e imediatos (CREIGHTON, 2006, 121). Eram mais frequentes as barganhas por roupas e outros artigos no *forecastle*.

Frente às várias situações materiais e corporais limítrofes, haveria a necessidade do desenvolvimento destas relações de interdependência entre os marinheiros, mesmo coexistido com os preconceitos, conflitos e hierarquias. Em contextos e períodos históricos de crise — como os períodos de guerra — as operações que envolvem a incorporação da alteridade tornaram-se necessidades primárias de sobrevivência (GREINER, 2010, p.16). Do ponto de vista político, com todas as dificuldades que giravam em torno das relações das diferenças culturais, existem estratégias de tradução que alimentam níveis e etapas de transformação pessoais sobre a experiência do “outro” (GREINER, 2010, p.16). Uma verdadeira integração não existia na maioria dos baleeiros e, por vezes, a violência eclodiu (CREIGHTON, 1995). Mas com a periculosidade e o estresse das atividades, realizadas de forma interdependente, deveriam conduzir à solidariedade e ao estreitamento das práticas. Assim, para homens embalados em locais apertados por anos, sujeito ao poder quase ilimitado de capitão e oficiais, tornava-se sábio tolerarem e buscarem uns aos outros.

### **2.3. Vestígios**

O interesse pela Arqueologia na Antártica iniciou-se no final da década de 1950, quando arqueólogos da British Antarctic Survey detectaram pela primeira vez vestígios nas Ilhas Shetland (SENATORE, ZARANKIN, 1999). Os estudos sistematizados se desenvolveram somente na década de 1980, com pesquisas chilenas que, desde uma perspectiva arqueológica, tentaram articular a presença de nativos sulamericanos e de lobeiros-baleeiros nas ilhas antárticas (SALERNO, 2006, p. 26 a 28). O Instituto Antartico Chileno seguiu pesquisando na década de 90 o

naufrágio da fragata espanhola San Telmo, ocorrido no século XIX entre as Ilhas Livingston e Desolation. Havia um consenso entre os investigadores sobre a relação entre a fragata e o descobrimento das Ilhas Shetland do Sul (SENATORE, ZARANKIN, 2007, p. 19).

A maior sistematização e continuidade dos estudos arqueológicos veio entretanto com o projeto “Paisagen sem Branco”: Arqueologia Histórica Antártica. Fundado em 1999 na Argentina, o projeto teve como marco o convênio estabelecido pelo Departamento de Investigaciones Prehistóricas y Arqueológicas (IMHICIHU/ CONICET) e o Instituto Antártico Argentino (SALERNO, 2006, p.28). Ele objetiva o entendimento da presença humana na Antártida, e como essa esteve inserida nos processos de expansão e estratégias econômicas e capitalistas modernas, impactadores da costa da Patagônia e de outras regiões marginais ou desconhecidas até fins do século XVIII. Um dos eixos centrais da abordagem do projeto consiste na crítica aos estudos históricos realizados até então sobre a Antártida. Atuado sob uma perspectiva factual, os estudos centraram-se em eventos de descobrimento do continente de forma desconecta aos processos históricos, complexos e cadenciados. Citaram, mas também não se aprofundaram, na precisão, magnitude, temporalidade, dinâmica e nas intensidades das atividades lobeiras-baleeiras (SENATORE; ZARANKIN, 2007, pp. 17-36).

Buscando apoio em fundamentos epistemológicos da Arqueologia Histórica, como em Pedro P. Funari e Charles E. Orser, o projeto “Paisagens em Branco” se apoia em metodologias analíticas capazes de dar vozes a estes grupos sociais até então negligenciados. O estudo dos vestígios funciona para o projeto como fonte alternativa de alcance da trajetória dos lobeiros-baleeiros, e das diferentes formas com a sociedade moderna se relacionou com o estabelecimento da ordem capitalista na conquista da Antártica (SENATORE ZARANKIN, 2007, p. 38). O surgimento, dispersão e manutenção desta ordem acontecem em níveis e formas complexas, pois o individualismo, a segmentação, a estandarização e o consumismo — conceitos fundamentais para o entendimento do capitalismo — não conseguiram anular ou nivelar a sociedade a um mesmo patamar para a influência e atuação.

Uma das estratégias de análise do projeto ocorre a partir da avaliação de duas escalas de compreensão da atividade lobeira-baleeira na Antártica: a global,

relacionada ao contexto de expansão do baleação no planeta, e a local, relacionada à particularidade da ocupação das Ilhas Shetland do Sul (SENATORE e ZARANKIN, 2007, p.30-40). Nos primeiros anos de investigação, estivera centrado na avaliação dos sítios e os vestígios com o enfoque no uso da cultura material para o desenvolvimento das tarefas. Em segundo momento, as pesquisas passaram a integrar também a discussão sobre a organização e práticas nos acampamentos de caça de focas nas Ilhas Shetland do Sul, tendo como base seus aspectos mais simbólico-ideológicos. (SALERNO, 2006 p. 29-31).

Dentre as novas abordagens, contamos com uma linha de pesquisa sobre as corporalidades e, dentro desta, um eixo inaugurado por Melisa A. Salerno, cujo enfoque está nas práticas de vestir. Em sua monografia (2006), a pesquisadora avaliou a relação proximal/distal dos lobeiros-baleeiros com os modelos dominantes da modernidade — proposta utilizada pela autora também para a análise dos calçados da coleção sob guarda da Universidade de Buenos Aires (SALERNO, 2009). Através do uso intensivo de roupas confeccionadas com tecidos industriais e a elaboração de outras peças mediante técnicas artesanais, (SALERNO, 2006. p.132), Salerno verifica que, mesmo havendo a tendência à estandarização do vestuário, os lobeiros-baleeiros permaneceram alheios aos discursos da moda e às estratégias simbólicas de ascensão e de status social da época. O vestuário não cumprira nos acampamentos papel referente à promoção do status de caráter burguês e da ascensão social, não havendo sequer a diferenciação de uma roupa usada para uma tarefa, de outra (SALERNO, 2006). Salerno também se aprofunda na avaliação da coparticipação do vestuário na configuração das identidades modernas e na identidade dos lobeiros-baleeiros (SALERNO, 2011). A autora parte do princípio de que o corpo, componente físico da pessoa, formaria com o vestir uma unidade indissociável (SALERNO 2011, p. 57-58), e que o estudo desta incorporação poderia ser útil para contestar a hegemonia do modelo de individualismos e indivíduo identificado como próprio do contexto moderno, mas que não considera como deveria a participação da experiência física e corporal para subjetivação da idéia de pessoa.

Apesar das estratégias para a ocupação da Antártica coincidirem com a das empresas capitalistas, as táticas de sobrevivência traduzem, subvertem e transformam a ordem imposta social e hierarquicamente (CERTEAU apud

SENATORE e ZARANKIN, 2007, p 149-150). Os acampamentos lobeiros-baleeiros configuram-se como espaços compartilhados e vividos de forma única, com organização comunitária, utilização de objetos de nível grupal, trabalho artesanal, e com a produção dos próprios meios de sobrevivências (SENATORE; ZARANKIN, 2007, p. 153). Estas referências teóricas, se aplicadas à dimensão proposta para os vestígios dos calçados lobeiro-baleeiros do Leach, poderão dar novos rumos às discussões, como as discussões sobre a relação existente entre o vestígio, o uso, o corpo e a experiência de lugar das pessoas na Antártica

### **2.3.1. Metodologia**

Não há tradição de pesquisa, ou mesmo métodos abrangentes que tratem de casos de calçados arqueológicos históricos do século XIX (QUIRK; BEAUDOIN, 2008, p. 27). Esta realidade constituiu-se no primeiro desafio para a realização da análise dos vestígios de calçados do Leach. Foi necessário reunir referenciais de áreas distintas (Arqueologia, Antropologia, História e Design de Calçados), para construir um método proveitoso, capaz de viabilizar o aprofundamento nesta coelção dos lobeiros-baleiros na Antártica (Quadro 1).

O primeiro passo no sentido desta construção foi o da definição das nomenclaturas a serem utilizadas. Embora os sapatos lobeiros-baleeiros sejam relativamente semelhantes a alguns dos modelos encontrados na atualidade, isso não os tornam mais fáceis de serem descritos. Bem pelo contrário, são formas construtivas muito difundidas, com nomes diferentes de acordo com os locais e as épocas (GOUBITZ, et.al., 2001). Mesmo assim, acabei optando pelo uso de nomenclaturas usuais na indústria calçadista contemporânea, pois acredito que esta escolha facilitará a compreensão e a leitura deste trabalho. As principais fontes de referências para esta nomenclaturas foram os trabalhos técnicos de J. Andrade e A. Corrêa (ANDRADE; CORRÊA, 2001) e de C. E. de Freitas (FREITAS, 2002). Como resultado do levantamento, foi produzido um dicionário de termos técnicos sobre calçados (Anexo IV), explicativo das nomenclaturas tomado nesta dissertação.

Uma segunda questão fundamental que se interpôs ao estabelecimento do método foi a necessidade de entendimento prévio das partes e dos procedimentos

gerais nos quais calçados são pensados e construídos. As fontes bibliográficas apontam para a existência de dois componentes básicos existentes em quaisquer calçados arqueológicos: solado e cabedal (QUIRK; BEAUDOIN, 2008, p. 27). Também apontam para a existência de quatro etapas básicas na produção de calçados — seja para a produção artesanal ou mecanizada: o corte do couro do cabedal e da sola; a costura das partes do cabedal; o modelamento do cabedal a partir de moldes; a ligação da sola ao cabedal com costuras colas e/ou outros meios. De acordo com a análise de Laura Quirk e Matthew Beaudoin, nos calçados arqueológicos, a forma com que o solado se une ao cabedal é o que mais distingue as tipologias construtivas (Figura 12): sapatos costurados virados (*turned shoe*); sapatos costurados com a vira (de *velt*); sapatos de atrelamento com pregos ou cavilha; sapatos de costura direta; sapatos de cimentoio (colados) (QUIRK; BEAUDOIN, 2008, p. 29-30).

Um terceiro entendimento necessário para a construção do método tratou-se da definição dos parâmetros para as seguintes avaliações: a tomada de medidas, a definição da numeração, a distinção dos mecanismos para as costuras e junções, as tipologias de modelos e os materiais empregados (linhas, tecido, madeiras, couros, fibras, borrachas, costuradas, ilhóses, fivelas, cadarços, cordas, colas, pregos e cavilhas) (QUIRK; BEAUDOIN, 2008, p. 29). Estas características não foram pensadas para serem analisadas isoladas do contexto do uso. Elas devem potencializar o entendimento das marcas de desgaste e as reparações que se interpõem aos elementos construtivos, ou mesmo a relação existente entre o uso e a experiência da Antártica enquanto lugar.

Contamos com centenas de fragmentos e partes de sapatos, uns mais e outros menos avariados. Apesar de muitos não poderem ser remontados em unidades para a análise, os retalhos e os restos são os que revelam maiores aspectos sobre a natureza física do corpo que o veste (WHIDE; BEAUDRY, 2009). Indica também a circunstâncias em que as pessoas se encontravam para poder reparar os objetos, descartá-los ou adquirir novos artigos (VERES, 2005, p. 91).

### **2.3.2. *In situ***

O acervo do Leach é composto por vestígios de onze sítios arqueológicos, resgatados durante os trabalhos de campos nos anos de 2010, 2011, 2012 e 2014, todos na Ilha Livingston – local de maior concentração dos sítios (Figura 13) (Tabela 1). Os calçados aparecem em oito dos onze sítios escavados, todos caracterizados como abrigos. Quase todos os vestígios de couros curtidos são também de calçados. É bem possível que a preservação desta categoria seja resultado das características do tratamento específico dada aos couros para calçados, geradores de condições diferenciadas de resistência e de preservação. De toda forma, houve também a preservação de peles cruas e de outros materiais orgânicos sensíveis nestes sítios, o que reforça haver de fato a preponderância de calçados dentre os objetos descartados, não sendo apenas o resultado da preservação *in situ*.

O número de unidades que puderam ser remontadas é relativamente pequena, apenas doze (Quadro 2)<sup>4</sup>. Partes e fragmentos compõe a maioria das amostras (Quadro 3) (Tabela 2). Todas as unidades de couro curtido remontadas até então são sapatos. Não encontramos sandálias, tamancos ou botas, a não ser as duas peças cortadas que aparentemente correspondem a de canos. Punta Varadero (Península Byers), Pencas 3 (Península Byers) e X-1 (Punta Elefante) apresentam maior quantidade de registros. Dentre eles, Punta Varadero é o que merece maior atenção, pois possui muitos vestígios de diversas outras categorias, principalmente no seu Nível 1 do Recinto Maior (Figura 14 e 15).

Sobre a intensidade e a frequência da ocupação dos sítios, a estratégia das companhias baleeiras era a de distribuir grupos de caçadores ao longo das costas das ilhas, de forma que a concentração de acampamentos se articulasse à concentração e tamanho das colônias de animais. A repartição de lobeiros-baleeiros por abrigo, por sua vez, se articulava à quantidade de pessoas que os refúgios poderiam comportar (SENATORE e ZARANKIN, 2001, p. 143). Pelas dimensões evidenciadas nas estruturas existentes, a quantidade de pessoas por sítios era pequena, cerca de cinco ou seis pessoas. O período de permanência nos acampamentos de caça era contínuo, mas por apenas algumas semanas. Coincidia com os meses mais quentes do ano, quando há a presença das colônias de focas.

Eram utilizadas matérias-primas trazidas dos navios (lonas, couros, amdeiras e metais) como matérias-primas dos locais (rochas e ossos de baleia). São

---

<sup>4</sup> Tomaremos como unidade o somatório de pelo menos uma parte do solado e do cabedal.

encontradas, muitas vezes, estruturas de fogão e consumo de carvão mineral, vestígios que indicam não haver trânsito constante de lobeiros-baleeiros das paias para os navios durante a permanência nos acampamentos (SENATORE e ZARANKIN, 2001, p. 144). De acordo com os estudos estratigráficos e de materiais, os abrigos também poderiam ser ocupados de forma recorrente, tendo as estruturas, ou parte delas, reutilizadas (SENATORE e ZARANKIN, 2001, p. 144).

Abrigar-se bem com sapatos e roupas são pré-requisitos de sobrevivência na Antártica, para qualquer um que pretende residir em acampamentos sem aclimatação artificial. Os lobeiros-baleeiros deveriam levar pares excedentes, pois não teriam outras fontes a recorrer caso seu par não lhes prestasse mais. As temperaturas médias no verão da Ilha Livingston não são tão baixas assim, principalmente para pessoas dos países das altas latitudes do Hemisfério Norte. As médias do verão giram em torno de 0°C (BAÑÓN et. al. 2013). Mas as tempestades de neve, chuvas e ventos fortes, que podem durar dias, frequentemente abaixam em muitos graus as temperaturas mínimas. A sensação térmica cai bastante com a combinação da alta umidade relativa e dos ventos fortes, trazendo, além de desconforto, riscos à segurança. Mas o desconhecimento do local e a indisponibilidade de recursos no continente desabitado sem dúvida resultavam em maiores dificuldades para lidar com imprevistos e, conseqüentemente, deixava os lobeiros-baleeiros em maior condição de vulnerabilidade.

### **2.3.3. Cabedal**

Os cabedais falam muito sobre a moda e a sociedade de cada época. Laços e fivelas representam as formas mais antigas de amarração em cabedais. Botões e elásticos só apareceram no século XIX (O'KEEFFE, 1996). Os cabedais e seus fechamentos começam a ser materializados na modelagem (Figura 16), sendo direcionados às funções e às categorias de calçados.

A altura do cano (Figura 17) confere maior proteção à entrada de água, frio ou neve. Botas sempre mantiveram valores bem superiores aos sapatos de cano baixo (RIELLO, 2002, p.115). A Guerra de Independência ajudou a popularizar o uso da bota nos Estados Unidos (HALL, 1847, p.139). Mesmo assim, continuou existindo

a diferenciação de modelos e calçados para oficiais e para marinheiros comuns (NAVARRO, 1756). Dentre os vestígios do navio Belle, que afundou no rio Mississipi em 1684, calçados de oficiais e marinheiros de baixo rango eram divididos da seguinte forma: oficiais usavam botas, ou sapatos com saltos bem altos, de madeiras empilhadas, língua grande e fivelas redondas; marinheiros usavam sapatos bem mais simples, saltos mais baixos, com placas de couros empilhadas, língua com pequena tira e fivela para o fechamento, provavelmente adquiridos a partir de crédito e em longo prazo (RANDOLPH, 2003).

No levantamento documental realizado por Salerno, observamos os seguintes nomes para os modelos de calçados dos lobeiros-baleeiros: *boots*, *shoes*, *pumps*, *slip-hod shoe* e *broagans* (SALERNO, 2011, p.189 e 214). Nos vestígios do Leach e também na coleção em salvaguardada na Universidade de Buenos Aires, não encontramos evidências significativas do uso frequente de botas nos acampamentos. A coleção argentina possui apenas uma exemplar de bota, do modelo wellington. Com exceção desse achado, dos fragmentos de canos encontrados no Leach, e de uma sola de madeira referente a um tamanco, também do acervo da Argentina (SALERNO, 2009)<sup>5</sup>, ambos os acervos são compostos por sapatos de couro, caracterizados por possuírem solas e forros também em couro (Figura 18).

Na modelagem do cabedal, os vestígios de calçados lobeiros-baleeiros estão divididos basicamente em duas partes: gáspea e lateral indiferenciada da orelha e do traseiro. O fechamento é realizado através de orelha com um só furo para passada do cadarço (Quadro 4). Alguns exemplares possuem dois furos no centro da língua, para passagem auxiliar do cadarço. A língua é curta e o enfranque é baixo. Por vezes, encontramos a presença de uma tira de couro que funciona como uma bainha de arremate em torno da lateral e das orelhas na altura do colar. O cabedal é costurado à sola de couro através de vira. Os saltos são feitos por placas de couro empilhadas, geralmente fixadas por cavilhas. O pescoço do sapato é estreito.

---

<sup>5</sup> A coleção de sapatos do Projeto Arqueologia Histórica Antártida sob a guarda da Universidade de Buenos Aires é composto de 74 peças. Eles percebem 8 unidades fragmentos total ou parcialmente isoladas remontado e 11. Todos foram recuperado em campos localizados na Ilha Livingston e Half Moon.



Algumas das especificidades da análise de cabedal da coleção do Leach são (Tabela 3): a maior parte das orelhas é fina, com cerca de 1 cm de espessura; três casos apresentam os furos na língua para a passagem do cadarço; em oito dos quatorze casos dos quais foi possível avaliar bem o colar, o cabedal possui a bainha para arremate. Existem dois casos onde o forro é constituído estrutura similar ao cabedal, como se colocados um dentro do outro e depois costurados juntos à vira. Nos outros cinco casos os forros são constituídos com material mais fino e suave que o resto do cabedal.

Os modelos de fechamento a partir de orelha estreita com apenas um furo são similares a tipos antigos, encontrados desde o período elisabetano inglês (usados desde os séculos XVII e XVIII). Este estilo de fechamento variou pela presença ou não de uma abertura na peça lateral (Figura 19). Tal modelo é descrito por Goubitz como um *lace-shoes* dos tipos *century block shoe* ou *tie lace shoe* (GOUBITZ, et. al., 2001 p 297-299) (Figura 20). Fechamentos e modelos de corte de cabedal similares são encontrados nos vestígios deixados por marinheiros tanto em Belle (RANDOLPH, 2003), como nas embarcações Elisabeth e Mary, que naufragaram em 1690, após saírem da Nova Inglaterra em direção a Quebec (BERNIER, 2008).

Os sapatos lobeiros-baleeiros não são necessariamente de má qualidade, mas são sapatos baratos, pensados para serem simples, concisos e “usado”. O sapateiro Pehr Kalm, em passagem pela Inglaterra em 1748, descreveu os sapatos com ferro sob o calcanhar dos homens que trabalhavam como arado à semelhança de ferraduras. As solas tinham pregos próximos uns dos outros, para que eles pudessem usá-los por um longo tempo antes que se desgastassem (KALM, 1748 apud RIELLO, 2002, p 123). Na Inglaterra os sapatos mais caros eram feitos pelos *retailers* mais famosos, reservados para os clientes que não faziam esforço físico. Enquanto isso, os sapatos dos trabalhadores, deveriam ser baratos, duros e resistentes (RIELLO, 2002). Diferentes níveis sociais podiam pagar sapatos diferentes, assim como algumas práticas profissionais não permitiam calçados com materiais delicados.

#### 2.3.4. Costuras e junções

Sapateiros possuíram maneiras específicas para estabelecer parâmetros para o artesanato de qualidade. O acuro da costura e das inserções para a junção entre cabedal e solado, sempre foram bons indicadores. Diretrizes exigiam números mínimos de pontos por polegada nas costuras. Na França do século XVII, alguns sapateiros estabeleceram que costuras de qualidade exigissem para tanto no mínimo entre nove e doze pontos por polegada (RANDOLPH, 2003), resultando em até 4,8 pontos por cm. A linearidade e a maior quantidade de inserção por distância logo foram relacionadas a exemplares de melhor execução artesanal (VERES, 2005, p.90-91, QUIRK; BEAUDOIN, 2008, p.28 e RANDOLPH, 2003).

Com a máquina, as costuras passaram a atingir com mais facilidade a maior concentração de pontos por distância e a maior linearidade. Mas até meados do século XIX os sapatos foram todos costurados manualmente. Elas eram realizadas com fio de fibra de cânhamo, ou mais raramente por fios de seda. Fibras torcidas e enceradas produzem linhas mais resistentes à tração. (MORÍN, 1859, p. 46 e DOOLEY, 1912, p 225). Os calçados tinham as partes em couro umedecidas, furadas com saca-bocados (vasador), depois costurado com linha e agulha (MORÍN, 1859, p. 44). Como artesãos experientes sempre produziam pontos bem justos e regulares, distinguir na análise arqueológica os que foram costurados à máquina dos que possuem costura manual é um bom desafio (GOUBITZ, et. al, 2001, p.35).

Na análise dos vestígios do sítio Cueva Lima-Lima (Ilha Livingston) que foi apresentado pela Fundación Histamar (SHAVELZÓN, 1995), são identificados dois grupos produtivos referentes a períodos históricos diferenciados: uns, totalmente manuais, localizados entre o final do século XVIII e XIX, outros, com técnicas mistas, localizados no final do século XIX (SHAVELZÓN, 1995). A divisão aposta na presença de um momento de ocupação das Ilhas Shetland do Sul em finais do século XVIII que contou com produção artesanal e a presença remanescente de fivelas, e outro momento, bem mais tardio, de cerca de 1880, com sapatos cosidos à máquina. Em Lima Lima também aparecem outras características distintas das características dos calçados do acervo do Leach: os pregos de bronze e as fixações de ferro feito à máquina (arame) no solado.

Apesar das dificuldades concernentes à identificação de costuras artesanais e mecanizadas, algumas questões específicas fazem com que a coleção do Leach seja identificada como que produzida até a primeira metade do século XIX, contando apenas com costuras artesanais. Outros objetos do mesmo contexto dos calçados do Leach também possuem características que os identificam como não sendo posteriores à segunda metade do século XIX (SIQUEIRA, 2014). Além disso, a máquina de costura de Elias Howe, que somente foram introduzidas em larga escala na costuras de sapatos após 1850, possui possibilidades de pontos de costura limitadas e diferentes dos tipos encontradas nas costuras de cabedal das amostras. As primeiras máquinas de costura já possuíam as três características essenciais comuns à maioria das máquinas atuais: uma agulha com o olho no ponto, um serviço de transporte que operam sob o pano para formar o ponto de bloqueio e um *feed* automático, que criava a costura caracterizada com a de pesponto duplo<sup>6</sup> (MONTELEONE, 2014).

Nas amostras do Leach, os fios estão quase todos degradados, apenas observamos os furos deixados para a sua passagem. Foram identificadas sete tipologias de costuras manuais (GOUBITZ, et. al. p. 37) (Quadro 5) (Tabela 4), unindo partes diferenciadas do cabedal e unindo o solado e cabedal através da vira. A concentração média de pontos por cada tipo de costura foi:

- a. Costura tipo 3 (entre partes do cabedal): média de quatro pontos por cm.
- b. Costura tipo 4 (entre partes do cabedal): média de quatro pontos por cm.
- c. Costura tipo 8 (para a costura da bainha do colar no cabedal): média de 3,3 pontos por cm.
- d. Costura tipo 10 (para a costura entre partes do forro): média de 3,6 pontos por cm.
- e. Costura tipo 11 (para a costura de fixação da orelha na gáspea, da biqueira na gáspea e em locais de intervenção de baixa qualidade técnica): média de 3,5 pontos por cm.
- f. Costura entre cabedal e vira: com a média de 2,1 pontos por cm.
- g. Costura entre vira e solado: com a média de 3,5 pontos por cm.

---

<sup>6</sup> Ponto de costura em que uma agulha entrar um pouco atrás no lugar em que saiu o ponto anterior, laçado pela lançadeira sonconizado com a agulha, formando um ponto reforçado e linear.

Admitindo os parâmetros de avaliação de qualidade de costuras por concentração de pontos apresentados por M. Veres (VERES, 2005, p.91) (Figura 21), dividimos as costuras entre partes do cabedal em dois grupos: a das costuras que foram produzidas de forma artesanal, mas com o domínio de técnica (pontos estreitos e lineares) e as que foram produzidas também manualmente, mas sem domínio da técnica (pontos largos e desalinhados) (Figura 22). Na maioria dos casos das costuras com domínio técnico a qualidade é média (definida entre 3 a 4 pontos por cm). Poucas são as de menor quantidade artesanal, sem o domínio da técnica. Tais costuras são do tipo 11 e estão abaixo de 3 pontos por cm. Levando em consideração os locais em que foram realizadas (tornozelos e biqueiras), provavelmente elas se tratarão de costuras improvisadas, feitas para resolverem problemas de forma imediata.

Em relação às costuras da vira — a primeira entre cabedal, vira e solado superior e a segunda entre vira e o solado inferior —, os pontos são necessariamente mais espaçados que as das costuras entre partes do cabedal. Isso porque a agulha deve penetrar as camadas grossas dos componentes do cabedal e solado ao mesmo tempo (Figura 23). A primeira fileira de costura, a que une a vira com o cabedal e sola de cima, apresentou média de 2,1 pontos por cm. A segunda fileira de costura, a de união da vira com a sola de baixo, apresentou 3,5 pontos por cm. Esta técnica de união entre solado e cabedal sempre vem acompanhada de dois solados, podendo ganhar uma sola de preenchimento no meio das duas outras (MORÍN, 1859 e QUIRK; BEAUDOIN, 2008). Nas amostras em que os solados estão totalmente completos (três casos), apenas um deles traz uma sola do meio. As solas superiores possuem a canalização típica que facilita a passagem da agulha (Figura 24). A qualidade do sapato com costura de vira tem também relação com a qualidade e a resistência da sola superior canalizada (DOOLEY, 1912, p. 125). Dentre os vestígios, costuras da vira são bastante regulares e os canelamentos ainda estão bem definidos.

Somente uma unidade apresenta forma de fixação entre sola e cabedal diferente do uso da vira. Ela ocorre por cavilhamento (encontrado no sítio PE-2) (Figura 25), distribuído no solado por 2,5 cavilhas por cm, em duas fileiras da borda do solado, com leves irregularidades em seu direcionamento. Os sapatos de atrelamento de solados com cavilha devem apresentar estas duas fileiras em curta

distância, pois assim são destinadas a manter as solas e os cabedais juntos enquanto há aplicação de uma cola de reforço. Se houver apenas uma fileira, ou se os espaços entre os pinos forem muito distantes, eles terão apenas função estética (RICHARDSON, 1858).

As primeiras cavilhas eram marteladas artesanalmente através das camadas de couro no lado de baixo da sola. Eram afiladas em uma das extremidades, um pouco mais grossas do que um palito de fósforo (BARLOW, 1991). As outras cavilhas que encontramos no Leach para a confecção de calçados estão aplicadas na conexão de saltos às solas. As cavilhas para solas de sapatos tornaram-se populares apenas no século XIX. Houve ajuda do lançamento das solas com cavilhas produzidas mecanicamente a partir de 1810. Esse foi o momento no qual “cada cidade no sul da Nova Inglaterra fora envolvida para a produção no exterior” (VISSER, 1997, p. 74, tradução nossa). A prática de atrelar sapatos e botas com estacas de madeira durou todo o século XIX, principalmente por ser técnica rápida, podendo ser finalizado quatro pares em um dia se as cavilhas fossem feitas pela máquina (BARLOW, 1991). Em 1838 também foi inventada a máquina de atrelar, que funcionava como a de costura, com duas agulhas. A primeira funcionava como um furador, e a segunda, colocava a cavilha no furo. A maioria das cavilhas nas solas dos sapatos era inserida de forma escalonada também pelas máquinas de atrelar (BARLOW, 1991). Infelizmente as cavilhas ainda existentes nos sapatos do acervo estão bastante degradadas. As que puderam ser avaliadas possuem cabeças quadradas ou losangulares e larguras dentre 2-3 mm (Figura 26) (Tabela 5). Também por falta de parâmetros, não foi possível identificar se as cavilhas foram feitas ou inseridas mecanicamente.

Saltos e também solas na região dos metatarsos podem ser fixados e reforçados com pregos (RICHARDSON, 1858). Este é o caso de algumas uniões entre saltos e solados das amostras, porém em bem menor frequência que as cavilhas (Figura 27). Identificamos três casos de utilização de pregos, e treze casos de cavilhas, e três casos de aplicação conjunta dos dois materiais (Tabela 5). Cavilhas e pregos aplicados ao centro do solado na região do metatarso também aparecem com pouca frequência, sendo mais caracterizado como intervenção para a reparação (três casos identificados). Os casos de aplicação mista, dos dois meios

de fixação, os formatos de distribuição sugerem também que as aplicações resultaram de intervenções de reforma (Figura 28).

Os pregos colocados à mão tendem a ser mais espaçados e irregulares do que os inseridos à máquina (ANDERSON, 1968, p.59). Pregos de ferro fundido foram usados na indústria de calçados entre 1770 e final dos anos 1820. Máquinas de corte de prego precoces começaram a ser utilizadas entre 1815 a 1830 (VISSER, 1997). As mais modernas são datadas de 1830 até o presente (QUIRK; BEAUDOIN, 2008, p.30). Pelos mesmos motivos ineditivos da análise das cavilhas, não foi possível observar com precisão as características dos pregos de fixação dos solados. Entretanto, a observação de outros pregos provenientes do mesmo contexto dos sítios escavados pelo Leach, aponta para a coexistência de pregos artesanais típicos em momentos anteriores ao século XIX, com os tipos fundidos, moldados e cortados deste século (Figura 29 e 30). Já o tipo *wire nail*, difundido após 1880, ainda não foi atestado.

### **2.3.5. Solados**

Solados são formados pela união de solas e saltos, construídos predominantemente nos séculos passados por couro ou madeira. Saltos são invenções antigas, destinadas principalmente a proteger a sola do desgaste e a manter a maior parte do sapato isolados da terra. Para a sua confecção em couro, em geral, eles são feitos com a sobreposição de placas (VERES, 2005 e RANDOLPH, 2003). Os saltos do acervo que ainda estão em boa qualidade são compostos por duas ou por cinco placas de couro (Figura 31), assomando respectivamente 3,5 e 4 cm de espessura.

Os formatos das solas correspondem em muito à disposição volumétrica do calçado. A análise pode melhor ser observada desde a sola superior, que funciona com “planta-baixa” para as medidas tomadas dos pés e para a elevação do formato do cabedal (Figura 32). Pela sola, podemos acessar o perímetro original da gáspea caso ela não seja encontrada nos vestígios. Podemos também saber, por exemplo, se os sapatos possuem eixos retificados ou não, ou se possuem bicos finos, redondos ou quadrados. Antes do ramo do formero surgir no século XVIII, foi comum

ver sapateiros confeccionando formas de madeira que eram usadas para moldar vários calçados diferentes, retocando-as à medida necessária, criando mecanismos extensores ou redutores para a adaptação, ou utilizando a mesma forma para o pé direito e para o esquerdo — o que exigiria no caso o cuidado do consumidor em escolher um para cada pé (MORÍN, 1859, p.188). Essas eram medidas mais baratas. A especificação entre a direita-esquerda existiu no período medieval, passando ao desuso até o século XVII (GOUBITZ, et. al. 2001). Começaram a reaparecer ainda no século XVIII, mas seguindo como apenas uma opção até o final do século seguinte (SWANN, 1986) (Figura 2).

As solas do acervo variam de eixos retificados (dez casos), para eixos suavemente diferenciados entre direita-esquerda (cinco casos) e, em menor frequência, os que possuem a diferenciação acentuada (dois casos) (Tabela 6). Tal característica associa as amostras ao período de transição dos modelos retificados para os diferenciados. O formato dos dedos das solas são ovalados (dezesseis casos identificados), alguns são pontiagudos, com ângulo fechado na ponta (seis destes casos). Em apenas dois casos eles são quadrangulares (Tabela 6). Os bicos pontiagudos foram rechaçados nos primeiros anos do século XIX, cedendo lugar aos arredondas e ovalados, comuns até cerca 1820-30, quando começaram a dar lugar às quadradas (LIMA, 2008, p.40). Na coleção, as solas mais pontiagudas tendem a coincidir com as de eixo retificado. As que possuem as pontas mais arredondadas e as quadradas coincidem mais com as que possuem a diferenciação direita-esquerda. Acreditamos que o primeiro grupo pode estar ligado a uma modelagem mais antiga. A unidade de calçados cujo solado se atrela à gáspea por cavilha também se diferencia das demais pelo bico quadrangular, ambas as características o situam em um período de produção posterior a 1830.

Nos anos próximos a 1750 muitos sapateiros na Europa mantiveram as diferenças de numeração de calçados com base no intervalo de comprimento da sola entre 1,5 cm (BOZANO, 2011, p.11). Com o passar dos anos, os intervalos obtiveram diversas outras variações, chegando, no século XX, aos chamados pontos que deram início à numeração moderna: o francês, o inglês e o norte-americano. O primeiro é derivado do sistema métrico, que começou a ser formatado após a Revolução Francesa. Os outros dois são dados em polegadas, sendo o norte-americano uma variação do inglês. (GOONETILLEKE, 2012, p.206 e SCHMIDT,

1995,p.147). A criação do primeiro sistema de pontos normatizado deu-se em 1688, na Inglaterra — com o sistema Handle Holme, referente à 1/4 de polegada (BODZIAK, 2000). O sistema foi alterado por Robert Gardier, em 1856, para a pontuação a partir de um 1/3 de polegada. Na década de 1880, o do norte-americano Edward B. Simpson, acrescentou um meio ponto ao sistema de Gardier, difundindo o sistema de 1/6 de polegada. Simpson também foi o responsável pela padronização das medidas de larguras para a planta do pé e da altura do sapato (BODZIAK, 2000). O sistema europeu atual deriva do sistema francês. A diferença de numeração está baseada na diferença de 1/2 de cm, onde a cada dois cm contam-se três medidas. Este sistema também só se tornou global a partir do século XIX (BODZIAK, 2000). Ele deu origem ao sistema de medidas atual no Brasil. O ponto francês, o Inglês e o norte-americano são sistemas de pontuação utilizados também contemporaneamente. As medidas da numeração são tomadas com a medição do eixo estabelecido a partir do calcanhar em sentido ao bico na sola interior (que chamaremos de medida 1 em nossa análise), havendo ainda uma medida excedente projetada na sola inferior para permitir o movimento dos pés dentro do sapato, que é chamada de suplemento

Os três sistemas de medida e pontuação padronizados para calçados podem ter influenciado a produção dos países envolvidos com a indústria baleeira do século XIX. Tentamos identificar a preponderância no uso de um destes sistemas, mas as medidas resultaram muito imprecisas, às vezes parecendo coincidir com dois sistemas ao mesmo tempo, enquanto, em outros casos, não coincidiam com nenhum dos sistemas. Esta avaliação inconclusiva pode ter sido afetada pelos fatores de degradação, nos quais as solas de couros alteram seu volume em até 5% quando desidratado (THOMSON; KITE, 2011 e GOUBITZ, et. al, 2001 p.11). A falta de precisão limitou a análise para que apenas relacionasse a medida tomada em cm às numerações aproximadas nos sistemas de medição, como tentativa de caracterização das dimensões corporais como indicativo da maturidade dos lobeiros-baleeiros.

A partir da baixa idade média e até o período moderno, em muitas ocasiões, não houve sequer distinção no estilo de sapato usado por homens, mulheres e crianças, não podendo ser o tamanho do calçado um bom indicador de gênero nas classes mais baixas (QUIRK; BAUDOIN, 2008, p.30-31). Porém, mesmo não sendo



possível distinguir bem o calçado da mulher adulta do calçado do homem adolescente (RANDOLPH, 2003), a precisão aumenta se tentarmos separar tamanhos de sapatos de homens adultos de tamanhos de sapatos de mulheres e homens jovens. No sítio de 16-22 Coppergate, por exemplo, sítio medieval escavado na cidade de York, no Reino Unido, a grande quantidade de calçados permitiu a avaliação das dimensões em relação à idade de homens adultos. Ela delimitou que, acima de 28 cm, os calçados seriam necessariamente no tamanho masculino adulto, e entre 22 cm a 27, ou seriam de homens adultos, ou de homens jovens ou de mulheres (MOULD, et.al, 2003 p. 3339). De acordo com L. Quirk e Beaudoin (QUIRK e BEAUDOIN, 2008 p.31 apud STEVES; ORDOÑES, 2005, p.20), acima de pouco mais de 10 polegadas (numeração 5 do ponto inglês e 6 do ponto norte-americano) encontramos medidas comuns à homens adultos da segunda metade do XIX (Figura 34). Assim, pessoas que calçam cima de 26,6 cm para o sistema norte-americano, e acima de 27 cm para o sistema inglês, já estão dentro da numeração para homens adultos esperada para este período e nos respectivos sistemas.

A mensuração mais confiável da numeração do sapato é a do comprimento da sola superior. Porém, foram tomadas as medidas das solas inferiores, nos casos onde as superiores referentes não foram identificadas. Na coleção do Leach a média da medida 1 foi entretanto de 26,03 cm (Tabela 6). A média está abaixo deste padrão e somente cerca da metade das solas alcança o que fora esperado nos sistemas para homens adultos a partir de meados do século XIX. As outras se encaixam nas medidas típicas esperadas ou para jovens ou mulheres. As menores medidas possuem 23,1 cm e 24,7cm. A maiores medida encontrada foi de 28 cm.

Não há evidência de mulheres nos acampamentos de caça das Ilhas Livingston. Sua presença é registrada nos navios, mas principalmente como esposas e familiares de capitães e oficiais. Entretanto, a presença de homens adolescentes e jovens foi frequente dentre as listas de tripulação. De acordo com as idades das tripulações verificadas a partir das listas disponíveis no *Whaling Archives*<sup>7</sup> de New Bedford, muitos foram os casos de adolescentes menores que 15 anos. As médias de idade dos adultos também não passavam de 30 anos

---

<sup>7</sup> Listas de Tripulação das embarcações baleeiras de New Bedford de 1807 a 1925, disponíveis para buscas por temas (idade, altura, país, função e etc). Disponível em: < <http://www.newbedford-ma.gov/library/special-collections/whaling-archives/>>. Acesso em 03 de outubro. 2014.

(THOMAS, et. al, 2013, p.70). No período de maior atividade da caça de baleia, foi comum que o imaginário e o desejo de aventura e de prosperidade arrastassem homens bastante jovens para o mar. “A baleação era para homens jovens. Envolveva aventura, trabalho pesado, risco ousadia e perigo — tudo o que atraia a juventude” (THOMAS, et. al, 2013, p.70, tradução nossa). Havia também os casos em que os *agentes* percorriam fazendas nos interiores das províncias, trazendo os filhos de fazendeiros para ingressarem na carreira. Em outros casos, o envio do jovem serviria para as famílias como medida corretiva e educativa.

Mas é preciso também ponderar que, em cada contexto histórico e regional, pessoas possuem dimensões corporais diferentes. Chase, o primeiro imediato do Essex, com 1,77, foi descrito pelos colegas como um homem alto para os padrões da época (1820) (PILBRICK, 2003). No caso dos baleeiros da Nova Inglaterra, citados nas listas de tripulação da *Whaling Archives*, raras são a presença de homens acima de 6 pés (1 metro e 82 cm). A maioria das alturas verificadas giraram em torno de 5 pés e 5 polegadas (1,67 cm). Esta medida, de acordo com referência antropológicas utilizadas contemporaneamente, corresponde a uma média de dimensão para os pés de apenas 27 cm (BODZIAK, 2000, p.189).

Devemos considerar finalmente que a medida utilizada para a numeração é apenas um dos eixos tomados pelos sapateiros. Existem outras quatro medições importantes consideradas na análise: a altura do pescoço do pé, a altura dos metatarsos, duas tomadas de medida da região dos dedos e uma no calcanhar (HEADLEY, 1882) (Quadro 6). Chamaremos estas medidas, respectivamente, de 2,3,4 e 5 (Figura 33). As médias encontradas para estas tomadas foram (Tabela 6): medida 3, média de 5,8 cm; medida 4, média de 8,8 cm; medida 2, média de 7,5 cm; medida 5, média de 4,5 cm. Destas dimensões, as conclusões mais relevantes são o endossamento das variações do formato e estreitamento do formato do bico, e a existência de um padrão construtivo representado pelo estreitamento acentuado do pescoço do sapato. Este estreitamento corresponde a uma função para o uso, pois se trata do estrangulamento na região referente do cabedal, que deve ajudar a fixar o calçado no pé durante o caminhar (HEADLEY,1882).

### 2.3.6. Couros

A qualidade do couro é determinante para a qualidade dos calçados. Ele foi, e ainda é, o principal recurso usado na confecção. As texturas, a dureza e resistência, devem ser escolhidas para suprir a função desempenhada pelo utente (RANDOLPH, 2003). O couro para sapatos de trabalho nem sempre deve ser macio e flexível. Antes, deve ser resistentes (MORÍN, 1859). Couros como os de porco, mais finos e suaves, foram usados principalmente em forros, sendo os de boi os mais empregados para cabedais para trabalho (MORÍN, 1859). Couros mais grossos e mais rígidos são escolhidos de acordo com: a flor do animal — um padrão de grânulos da pele dos animais que variam com o taxon (Figura 35) —; a idade do animal; a parte do animal; pelo método de beneficiamento. Os produtos empregados no curtimento geram resultados diferentes, tornando os couros mais ou menos grossos, mais ou menos flexíveis e higroscópicos. O beneficiamento pode transformar um couro espesso em um de textura totalmente diferente, como a camurça. Ela perde a face granular da flor, pois é confeccionada com o laminamento da pele (CRC COURO-SP, 2014).

Os curtimentos com taninos vegetais foram os mais comuns durante séculos. Eles foram parcialmente substituídos pelos beneficiamentos com sais de cromo no final do século XIX (AMARAL, 2008. p.1). O alumínio também tem sido utilizado como tangente desde longa data, mas ele produz um couro mole e frágil, bem diferente dos outros dois tipos (THOMSON, KITE, 2011 e THOMSON; MOULD, 2008). Dentre as duas primeiras formas de curtimento, a principal diferença é de que o cromo produz um couro menos flexível, mais estável e menos higroscópico de o tangente natural (GOUBITZ, et. al., 2001 e CRC COURO-SP, 2014). Exames químicos podem indicar resquícios das substâncias para curtimento, coloração e utilização de técnicas de impermeabilização (como os sebos e graxas) (THOMSON, KITE, 2005). Porém, a realização de tais exames foi deixada para um segundo momento, pois, pela forma que os questionamentos foram até agora orientados nesta pesquisa, os exames organolépticos foram suficientes para dar bases às definições relevantes sobre as características do couro.

Em dezoito casos foi possível observar ao estereoscópico a flor bovina (Tabela 7). Alguns forros (quatro casos) apresentam textura e espessura

semelhantes ao da flor suína. Pela capacidade de absorção de umidade e pela tardia invenção e difusão da tecnologia de curtimento por sais de cromo, acreditamos que os couros encontrados sejam todos curtidos por taninos vegetais. Os couros possuem as seguintes médias de espessura: forro, média de 1,5 mm; cabedal, média de 2,0mm; solas, média de 2,6mm; placas do salto, média de 3,1mm (Tabela 5, 6 e 7). As solas inferiores são mais duras, pois devem resistir mais ao desgaste. São geralmente engraxadas para ganhar mais resistência (DOOLEY, 1912, p. 4). Encontramos variações na orientação da face da flor dos calçados, tanto na sola quanto no cabedal. Por vezes eles estão voltados para o interior do calçado, por outras, ao exterior. Mas não foi possível relacionar esta variação na orientação da flor com nenhum outro dado concreto sobre seu uso ou confecção.

### **2.3.7. Uso e reparação**

As marcas de uso e avarias dos calçados são o resultado da intensidade e da forma de trabalhar, ou mesmo dos lugares por quais os utentes passaram de forma sistematizada (QUIRK; BEAUDOIN, 2008 p. 30-31). Elas possuem uma carga de personalidade que “mantêm as impressões dos indivíduos, não apenas como reflexos de sua maneira de vestir, mas também refletindo a saúde física e o bem-estar, o nível socioeconômico, a idade e o sexo de seus usuários” (WHIDE; BEAUDRY, 2009, p. 217, tradução nossa).

A relação entre durabilidade e descarte do vestuário não é a mesma para todas as sociedades. Em outros momentos pessoas comuns usaram suas roupas por muito mais tempo do que nos as usamos atualmente. Elas remendavam várias vezes seus sapatos, prolongando em muito o tempo de vida deles (HALL, 1847, p. 139). Para a análise de calçados arqueológicos, seria muito útil considerar que o vestuário passava por muito mais intervenções e desgastes no século XIX do que observamos ocorrer na contemporaneidade. No solado, as formas constantes de reparação eram a nova aglutinação de solas e saltos uns sobre os outros, a sobreposição de novas fileiras de pregos e cavilhas, ou substituição total da parte avariada. Para o cabedal, os remendos ocorriam com as trocas e o reaproveitamento de partes e materiais (VERES, 2005 e MOULD, et.al., 2003). Os

reparos podem ser pensados em reparos caseiros e reparos profissionais (VERES, 2005). Nos reparos profissionais a aparência é mais harmônica e reproduz as técnicas mesmas de confecção. Já os reparos não profissionais, a aparência é grosseira e inacabada (VERES, 2005, p. 61).

A ausência de muitas unidades inteiras prejudicou em muito a precisão do resultado das análises das tecnologias construtivas dos calçados da coleção. Porém, a grande quantidade de partes, retalhos e avarias, carrega muitas informações sobre o uso e a reparação. Não há vestígios de ferramentas de sapateiros nos sítios, mas retalhos e fragmentos apontam para a existência profusa das atividades de reparação, retirada e reaproveitamento de partes e do couro. Encontramos grande quantidade de pequenos retalhos de qualidades e texturas muito diferenciadas descartadas no mesmo ponto. Pela ausência da possibilidade de reposição de materiais, partes e fragmentos poderiam estar sendo inclusive levados para os abrigos, para servirem às atividades de conserto. Os resultados da análise dos indícios sobre o uso e as reparações trazem, em análise geral, as seguintes frequências (Quadro 7) (Tabela 8):

- a. Casos de rachadura ou perda no solado: dezessete casos.
- b. Casos de rachadura ou perdas no cabedal: nove casos.
- c. Casos de cortes no solado: vinte e cinco casos.
- d. Casos de cortes no cabedal: quinze casos.
- e. Casos de aplicação de remendos no solado: sete casos.
- f. Casos de intervenção com aplicação de cavilha no solado: quinze casos.
- g. Casos de intervenção com aplicação de prego no solado: um caso.
- h. Casos de aplicação de reaplicação de costura no solado: dois casos.
- i. Casos de aplicação de remendo no cabedal: dois casos.
- j. Casos de aplicação de costura no cabedal: três casos.
- k. Casos de vira refeita: dois casos.
- l. Casos de vira arreventada: onze casos.
- m. Casos de desgaste do solado: dezesseis casos.
- n. Casos de desgaste no cabedal: nove casos.
- o. Casos de retalhos com marcas de cortes encontradas nos números de registros de achados: cinqüenta e cinco casos.

- p. Casos de deformação de uso no solado: quinze casos.
- q. Casos de deformação de uso no solado: dez casos.
- r. Casos de peças mocassins encontrados junto aos calçados: cinco casos.

Áreas de desgaste do couro no cabedal são as áreas de tensão e fricção com o pé e locais de patologias, como calos e joanetes. Cabedais apertados agrupam os dedos em formas de garra, gerando problemas na pele e nas articulações. Os desgastes das solas dos sapatos indicam exatamente como o usuário andou (Figura 36). As marcas se relacionam ao tipo de pé — se mais chatos ou pronados — (JHONSON, 1916), distribuindo mais ou menos peso para a parte interior do solado. Rupturas do couro do cabedal e das solas, na região dos dedos e na região de flexão dos metatarsos, são decorrentes então do tipo de pé, junto ao uso e a frequência da pressão contínua sobre o sapato no caminhar. A distribuição do peso no caminhar normalmente é distribuída mais entre o calcanhar, os metatarsos e o halux (GOUBITZ, et. al. p.382-283). Nas solas que possuem a diferenciação direita-esquerda é possível ver estas marcas com mais facilidades, pois sabemos quando se trata do pé direito ou o esquerdo. Mas nas que possuem eixos retificados, somente se houver a marca da pressão da primeira falange para um lado, podemos inferir que o calçado foi preferencialmente usado como pé esquerdo ou como pé direito (Figura 36).

A trajetória de uso e reparação específica de cada unidade de sapato identificada pode ser resumida da seguinte forma:

a. 2011.365. O solado foi reformado e a vira refeita. No cabedal e uma parte da lateral houve a tentativa de criar a adaptação para o uso, a partir da inserção de uma linha horizontal de furos feitos à faca. Provavelmente a intervenção não foi eficaz e o calçado foi descartado. Parte da lateral, traseiro e salto não foram encontrados.

b. 2011.265. O cabedal está completo e em bom estado. Possui um corte em cada lado da lateral, próximos à região do tornozelo e em posição simétrica, provavelmente sendo uma intervenção de adaptação. A sola superior foi marcada por um corte suave em formato da letra “N”, na região de flexão dos metatarsos na

parte interna da sola interior (Figura 37), de um lado a outro na sola. A sola inferior e o salto não foram encontrados, porém, este calçado foi encontrado junto a um pedaço de sola inferior cortada, em pior estado, e com pedaços de tiras de vira. Se o calçado fora descartado por suas avarias, provavelmente elas estavam no solado.

c. 2011.0264. O sapato foi utilizado até a ruptura da gáspea na ponta dos dedos. A sola inferior também foi bastante gasta, rompendo no centro da região dos metatarsos. Um das laterais não foi encontrada, a outra possui um corte horizontal na região próxima ao calcanhar, provavelmente como uma adaptação para uso. O salto não foi encontrado.

d. 2011.0297. O calçado foi cortado e remendado na sola inferior. Ele rachou na região de flexão dos metatarsos na gáspea. O traseiro tem uma marca de costura de baixa qualidade, que parece ser uma intervenção para adaptação do uso. As viras estão arrebitadas e o salto não foi encontrado.

e. 2011.0242: O cabedal foi descartado após a extirpação do couro em várias partes na gáspea, orelha, lateral e traseiro. Possui corte na lateral, na altura do calcanhar, provavelmente fazendo parte de uma adaptação de uso. O solado inferior e o salto não foram encontrados.

f. 2011.0247: O cabedal não possui perdas ou cortes, mas a sola superior foi perfurada pela pressão dos pregos no sapato, podendo ser este, fruto de desconforto para o pé (Figura 38). O solado inferior não foi encontrado, mas o exemplar possui tiras de vira arrebitadas e parte salto.

g. 2014.1144: A sola inferior passou por muitos remendos. A gáspea se rompeu na região frontal dos dedos. A sola superior está em bom estado. O sapato possui pedaços de vira arrebitada. A lateral e traseiro não foram encontradas.

h. 2014.1136; 2014.1192: o calçado está rompido somente na ponta dos dedos. Com exceção desta avaria, a gáspea está em bom estado. A lateral, o

traseiro, o solado inferior e salto não foram encontrados, provavelmente o calçado foi descartado por problemas que se encontravam nestas peças.

i. 2014.1039; 2014.1040: O solado foi reformado em diversos locais, havendo a refixação na sola por cavilhas. A lateral, o traseiro, a sola inferior e salto não foram encontrados.

j. 2012.0734; 2012.0764; 2012.0656. O cabedal está rachado na região frontal dos dedos. Antes do descarte, também houve a extirpada a orelha do calçado, provavelmente para a tomada de matéria-prima. Uma das laterais, a sola inferior e o salto não foram encontrados.

k. 2010.0012. O calçado foi descartado com o cabedal e o solado ainda em bom estado. Porém houve extirpação da língua e parte da gáspea, por um corte irregular, que aparenta ser apenas para a tomada de matéria-prima. Possui um corte pequeno na sola inferior, que já estava presente no momento da confecção do solado.

l. 2010.003: O calçado foi feito com a utilização de um cabedal, sobreposto a um outro com marcas de uso que serviu comom um forro, que foi costurado junto ao cabedal por meio da vira no solado. Este forro já possuía, no momento da confecção do calçado, uma rachadura na região de união do metatarso com o quindo pododáctilo, que foi remendado na região a partir de um pequeno pedaço de couro acoplado também através da costura a vira. O novo cabedal possui ruptura nas pontas dos dedos. Esta região possui uma marca de costura, sugerindo a colocação de uma peça de proteção que pode ter funcionado como uma biqueira. O solado também está rompido no local de flexão dos dedos. O cabedal foi seccionado horizontalmente na região do calcanhar, provavelmente para alguma adaptação para o uso. A língua foi cortada de forma regular, também provavelmente para adaptação para o uso.

Alguns exemplares estão remendados com cavilhas ou costuras em condições e formatos que requerem destreza e instrumentação adequada. Para



estes casos os sapatos já poderiam ter sido adquiridos como de segunda-mão, ou já estarem sendo consertados nos navios. A documentação trás a informação sobre a venda de partes para reparação, como saltos, solas e biqueiras, comuns no século XIX (SALERNO, 2011, p.306). As intervenções que não ocorreram com destreza parecem ter sido fruto de tentativa improvisada para a adaptação do uso dos calçados. Elas podem ter ocorrido tanto nos navios como nos acampamentos. Parecem ser intervenções para inserção de partes vedantes próximas à região dos calcanhares e bico, cortes para liberação da pressão (MOULD, et.al, 2003), ou para a passagem de cadarço ou outra estrutura para a melhoria da fixação no pé. Existem também cortes com extirpação na língua e das orelhas que podem ter sido feitos tanto para retirada de material como também para alguma adaptação uso.

Dos objetos associados aos vestígios de calçados, os mocassins são elementos integrantes do cabedal (Figura 39). De fatura artesanal, eles são feitos com peças de couro maleáveis, embrulham o pé da forma mais simples que alguém pode pensar em construir um sapato: com cortes para a passagem de um cordão que cinge o couro sobre o dorso do pé. Alguns não aparentam terem sido curtidos, outros sim. Da forma como são confeccionados (os com cortes, amarração e costuras rústicas, e provavelmente por serem de couros das focas, ou de outros animais sem curtimento), confeririam pior proteção aos pés que os sapatos, funcionando melhor se usados como camada adicional. Os mocassins podem ter sido construídos como uma alternativa suplementar para proteger os pés da umidade e do frio, ou contra a superfície irregular e cortante das rochas. Em Desolatio Island (Ilha Kerguelen, 1874), William M. Davis registra que, após retornarem em uma noite com a pele de um leão-marinho, caçadores de focas a cortaram em mocassins, que ataram aos pés com um ajuste simples, com o pelo para dentro, como “escudos perfeitos para as arestas cortantes das rochas” (DAVES, 1874, p.109, tradução nossa). Seus sapatos de couro haviam sido “cortado em pedaços em um único dia de caminhada” (DAVES, 1874, p. 106, tradução nossa). De fato, pelas características do intemperismo e do clima da Antártica, pedras com arestas pontiagudas e cortantes, trincadas e quebradas principalmente pelo frio e pelo gelo, formam pisos de cascalhos inclusive nas proximidades das praias. Os casos de mocassins encontrados no acervo do Leach estão quase todos

concentrados nos Sítio Punta Varadero, encontrados juntos a outras partes de calçados (Tabela 8). Eles também aparecem no acervo argentino do sítio Lima Lima.

A maneira como calçados coparticipam na trajetória de vida das pessoas conferem a eles a capacidade de funcionam como recurso para colaborar com as permanências ou as mudanças de ciclos e de experiências em nossas vidas (HOCKEY et al, 2014). Parto do pressuposto de que a vida social e as práticas cotidianas possuem um caráter híbrido entre pessoas e objetos, reunidos em redes através da agência e seu caráter relacional. Bruno Latour fundamenta esta idéia com a *actor-network theory* (LATOOUR, 2008). Por ela, elementos/atores não se distinguem e a agência dos primeiros não se define a partir de uma intencionalidade ou a subjetividade das pessoas, mas sim pela capacidade desses elementos em induzir outro elemento na rede de relacionamentos. Os processos de avaliação, aquisição, posse, uso e alienação, fazem de calçados uma possibilidade para a construção de identidades corporificadas (JAMIE, 2012, p.71, op. cit HOCKEY et. al. 2014b, p, 273). Webster, através do projeto *If the shoe fit*, da Universidade de Sheffield<sup>8</sup>, verifica que esta agência pode tomar muitas formas, sendo particularmente evidente quando as pessoas falam, por exemplo, sobre seus sapatos estarem "vivos" ou "mortos". A idéia sugere uma conexão dos sapatos com a pessoa, em um processo de vestir onde um tornou-se os sapatos e os sapatos tornou-se este um (SHERLOCK, 2011, p.6). O uso e o desgaste são, neste processo, tanto um ritual, quanto o são o conserto e os reparos (SHERLOCK, 2011 e HOCKEY, 2013). O artesão colabora na tentativa de prolongamento da vida destes objetos em sua "velhice", antes que o usuário resolva por seu descarte definitivo. Há uma incapacidade ou relutância de dispor permanentemente destes calçados, ou que significaria "matá-los". Há também a atribuição de confiança em suas capacidades, que geralmente se tornam entidades incorporadas. Estas trajetórias são escolhas das pessoas sobre o calçar e também dinâmicas de incorporação dos sapatos às atividades executadas. A trajetória de uso e descarte das unidades das amostras coincide com as escolhas sobre a participação e decisão do fim desta participação.

---

<sup>8</sup>If The Shoe Fit project. <http://www.sheffield.ac.uk/ifftheshoefits>

### 2.3.8. No acampamento

Roupas e calçados são objetos que produzem um *finish* do corpo, alterando profundamente a postura e a marcha, favorecendo ou restringindo a capacidade de realizar determinadas atividades (SHERLOCK, 2011, p.7). Embora todas as evidências de vestuário assumam esta relação íntima com o corpo, os calçados interferem de maneira especial na dinâmica corporal (HOCKEY, et, al 2013, p.4). Eles “são a principal intersecção entre corpo e espaço físico” (JONHSON; LENNON,1999, p.3, tradução nossa)

Pela noção de *taskscape*, Tim Ingold nos fornece o entendimento de que, a partir da cinética do movimento e da repetição rítmica de uma tarefa, se enfatizada por todos, inscreverá no espaço a prática das sociedades por meio das atividades relacionadas (INGOLD, 2000, 1993). Pensemos como os lugares são vivenciados e construídos pela ação do movimento, e como alguns elementos determinam os caminhos e as formas que estes são percorridos, a exemplo: o que vestimos ou calçamos, em quantos caminhamos, o que carregamos, em que sons prestamos a atenção, o quanto conversamos e etc (TRINGHAM, 2013, p.183-184). Se a vida for metaforizada como uma longa caminhada, “as formas que caminhamos ao longo dela são aquelas mesmas ao longo da qual vivemos” (INGOLD; VERGUNT, 2008, p.1, tradução nossa).

Se os caminhos que trilhamos combinam lugares, materialidades e corporalidades, os mesmos lugares são trilhados diferentemente por corpos distintos, eles designarão significados sociais diferentes para a construção de sentidos sobre estes lugares (INGOLD; VERGUNSKY, 2008). Não é possível saber exatamente como pessoas vivenciaram os locais no passado, pois a percepção é uma construção única, material e também subjetiva (INGOLD, 1993, 2004). Além disso, temos hoje o acesso a um estrato da realidade dos locais que, derivadas das metodologias objetivas e das altas tecnologias indisponíveis às pessoas em séculos anteriores. Elas incidem sobre a percepção, alterando rotas e formas de percebermos os caminhos (THOMAS, 2000). É impossível nos desfazermos de nossos parâmetros para experimentarmos o mundo totalmente através dos parâmetros de outras pessoas (PELLINE, 2011), mas os lugares proporcionam a informação do contexto para a vida humana, que pode incorporar uma relação entre uma realidade vivida e um potencial para outras maneiras de ser. Assim, o encontro

entre o arqueólogo e o local – físico ou imaginado – pode ser capaz de fazer com que adendremos no mesmo conjunto de relações materiais que estariam os sujeitos do passado (HIRSCH, 1995), e no mesmo conjunto de materialidades envolvidas (TILLEY, 1991).

Existem características marcantes na forma como nós trilhamos as praias ou os locais que circundam os abrigos lobeiros-baleeiros nas Ilhas Shetland do Sul. A primeira diz respeito ao quanto estamos acostumados a certa urbanidade da vida. Quanto mais recuarmos no tempo, mais familiaridade as pessoas tinham com a vida fora das cidades:

“A textura da cidade medieval eram de materiais naturais, pedra, madeira, argila e palha. O difícil transporte de materiais era realizado por longas distâncias, as cidades foram construídas para que o artesão buscasse fora os materiais. Isso deu às cidades sua própria aparência e sentido” (CLASSE, 2012, p. 12-13, tradução nossa).

Os calçados que usamos hoje nos trazem experiências diferentes de conforto. Eles têm como função isolar-nos totalmente das características materiais dos lugares. Os pés possuem naturalmente um mecanismo natural de três apoios, que trabalham como pêndulos, amortecendo o corpo em relação aos solos irregulares (LAGE, 2014). Cidades e solos planos, junto às solas de borracha amortecedoras, permitem muito pouco o trabalho desta musculatura, acostumando os pés a certa regularidade dos solos.

As botas das expedições das OPERANTARes são fornecidas pela Marinha Brasileira para todos as equipes integrantes. O objetivo desta estandarização seria o de garantir a segurança dos integrantes das operações, que estão sob a tutela da própria da instituição. Elas são da marca Sorel®, modelo Caribu™ (Figura 40). Possuem solas largas de borracha vulcanizada, pensada com desenho antiacumulação, adaptação interior macia, forro isolante, cabedal de pele tipo nobuk impermeável. Ela permite a saída da umidade da transpiração. As costuras são seladas, a altura do cano de 24,5 cm e resistência ao frio é de -40° Celsius. Os forros são de tecido inteligente isolante, de 9mm.

Muito da produção calçadista do século XIX caracterizou a própria produção industrial contemporânea. Uma diferença do século XIX para o XX é que, a partir da

década de 1980, surgiram processos mais detalhados de planejamento e controle (FREITAS, 2002, p.1). A busca pela qualidade foi evidenciada como sendo um dos principais objetivos das empresas (SILVA et. al, 2000). Inicialmente, haveria um modelo de controle estatístico, relacionado à inspeção e vinculado à produção e às operações. Em 1920 surgiria uma nova abordagem, mais sistemática, decorrente da produção em série e do advento do sistema taylorista. Este sistema de controle passaria a investir mais no envolvimento da figura do consumidor para a definição da qualidade do produto. Porém, apesar dos crescentes trabalhos e pesquisas para a vinculação da qualidade às percepções das pessoas, os objetivos da produção de massa giram muito mais em antecipar-se e corrigir defeitos que porventura venham a acometer os produtos, padronizando-os através de formas, medidas, metas, e de serviços (FREITAS, 2002 p. 2 e 12). Na prática, o que grande parte das pesquisas de mercado fazem é aumentar a produção e o controle sob indicativos confiáveis, para atingir metas produtivas (FREITAS, 2002, p. 3). As abordagens dadas ao corpo neste sistema de continuam fazendo alusão ao corpo sobre a ótica de um corpo-biológico, onde este indivíduo estaria em confronto adaptativo com o ambiente. Trabalham sobre não sobre corpos reais, mas sim idealizados (FREITAS, 2002 p. 2).

A ergonomia aparece como novidade da produção do XX. É um ramo desenvolvido como prosseguimento da aplicação no mercado das ciências antropométricas (BOZANO; OLIVEIRA, 2011, p.2). Algumas de suas considerações não seriam nada novas, apenas mais complexas. Ela vincula suas diretrizes diretamente à produção dos calçados para esportes, EPI's e saúde, partindo da distinção dos pormenores das atividades das pessoas em relação às texturas, absorção de impactos, umidade e propriedades térmicas, flexibilidades e aderências dos materiais (GUIEL et al., 2006) (BOZANO; OLIVEIRA, 2011) (BOZANO; OLIVEIRA, 2011, p.8). As pesquisas ergométricas tornaram-se intensas nestas categorias de calçados antes inexistentes, pois com a concorrência e o controle da produção, a estandartização precisou dar garantias de desempenho (BOZANO; OLIVEIRA, 2011, p.17). Os grandes fomentadores da estandartização dos padrões para a garantia da qualidade da produção foram sempre os setores esportivos e militares (RIELLO, 2002, p.104-110). Em segundo lugar, estão as transformações buscadas nas lutas pelos direitos trabalhistas dos séculos XIX e XX, determinantes no sentido da padronização das noções de segurança, de bem-estar físico e

psicológico do trabalhador. Em resposta aos constantes óbitos, mutilações, e doenças crônicas, através de articulações políticas foram criados regulamentos que alteraram definitivamente a forma de vestir dos trabalhadores (PEREIRA, 2001 p. 1-11).

De acordo com o integrante do Clube Alpino Paulista (CAP) Luiz Eduardo Consiglio (CONSIGLIO, 2014), a Marinha tem dedicado muito tempo em escolher roupas de marcas autenticadas de segurança. Apesar dos calçados lobeiro-baleeiros também terem sido estandarizados, o objetivo não era o das garantias de proteção. Em função da rede de comércio e de exploração, os lobeiros-baleeiros estavam lançados à própria sorte. As companhias, na prática, não eram obrigadas a fornecer a segurança e a garantir a saúde dos empregados. Somente garantiriam a sobrevivência mínima: o que passava muito mais por requisitos morais e pelo controle portuário, no qual era exigido que as companhias zarpassem com víveres e outros itens de sobrevivência (SALERNO, 2011, p.182). Não é de se espantar que os diários de bordo registrem tantos acidentes, óbitos, patologias ou deserções. Mesmo no chamado período considerado “heróico” da conquista da Antártica, com maior disponibilidade de recursos e tecnologias aos exploradores do início do século XIX, ainda sim há muitos relatos de exploradores que sofrem de congelamento, hipotermia e cegueira da neve (FREEZE FRAME, 2015).

Estes fatores sem dúvida deslocam os modelos sensoriais dos lobeiros-baleeiros para percepções mais distantes das nossas, pois condicionariam outros parâmetros para o conforto, bem estar e segurança. Os vestígios de calçados, para nós, a primeira vista, são precários e desconfortáveis para a Antártica. São higroscópicos, pouco vedados, canos baixos demais para a chuva, neve e para o frio. Possuem solados finos e os saltos protuberantes, muito provavelmente, ou escorregava nos seixos, afundavam na lama orgânica das colônias dos mamíferos marinhos e pinguins, mergulhava na neve fofa, ou eram perfurados por pedras afiadas. Em Livingston, pelas condições de alta umidade relativa (BAÑÓN, et. al., 2013), os sapatos e roupas dos campistas, mesmo com tecidos modernos e “inteligentes”, se molhados, podem custar a secar se não forem mantidas aquecidas e em local seco. Os lobeiros-baleeiros utilizavam roupas de fibras naturais, de algodão e lã, bem mais pesadas e absorvem de água. Usavam camadas de casacos, meias, gorros e luvas, que poderia ser também de couro. Mas, não sendo

suficientes para isolar o frio e umidade, deviam ser colocados por baixo de peles — mesmo que estas fosse vistas com forma primitiva de vestir oriundas dos povos do norte (FREEZE FRAME, 2015). Eles deviam acabar por várias vezes com seus sapatos encharcados, os quais deveriam organizar em torno dos fogões, para tentar aquecê-los e secá-los. Mas como isso poderia levar dias, poderia ser inútil aguardar, sendo os sapatos descartados.

Muitos caçadores com certeza vinham de regiões temperadas, com temperaturas mínimas de inverno mais frias que as verão da Antártica. Mas isso não significa que eles fossem necessariamente menos suscetíveis que nós aos desconfortos decorrentes. A sensação da dor é universal e transtemporal, uma inimiga do ser (MATOS, 2012). O suporte do mesmo desconforto é que se dá com pesos diferenciados. Grupos e sociedades reagem diferenciadamente ao trabalho pesado, quando estão doentes, em guerra, em situações de conflito (GEINDER, 2010), quando estão em ambientes desconhecidos ou quando se sentem vulneráveis. Assim, por exemplo, todos nós passamos por algumas dificuldades no estabelecimento dos acampamentos nas praias nas Ilhas Shteland do Sul quando temos que descarregar ou retornar aos navios, com todos os equipamentos e viveres necessário para o trabalho e a sobrevivência durante semanas, que são acondicionados em volumes de muitos quilos (Figura 41). O navio *Hersilia*, em 1819, capturou nove mil animais em três semanas nas Shetland do Sul, carga tão extraordinária “[...] três vezes maior que o esperado, não sobrando qualquer sal para curá-los (STACKPOLE, 1955, p. 11, tradução nossa). O navio *Chelsea*, do Capitão Franklin Smith, em *Desolation Island* (Kerguelen), em 1855, para trazer de volta o produto de 500 elefantes abatidos, produzidos 3.000 barrís, e uma a um:

“[...] Tiveram de ser rolado por três milhas [4,8 km] sobre as rochas das praias e, em seguida, rebocados ao navio, em indescritíveis e terríveis condições. Mesmo a vegetação tenaz local se rebaixava junto a rochas e precipícios para evitar o vento amargo constante.” (DRUETT, 2001, p. 96, tradução nossa).

Mas, nos relacionamos com estas situações de formas diferentes, devido às nossas experiências sensoriais, corporais e bagagens culturais. Por esta razão, quando a simplicidade dos calçados dos vestígios nos espanta, é porque tomamos a

consciência de que eles prestaram aos lobeiros-baleeiros a um limite que alcança fronteiras de uso mais distantes que as nossas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O século XIX representou um período intenso de conquistas, lutas e revoluções, todas implicadas na expansão da influência capitalista no mundo — seja na busca de recursos para o avanço tecnológico e industrial, quanto para a articulação de estruturas de poder sobre as sociedades. Apesar da influência das estruturas de poder do capitalismo, a história destes movimentos acontece sobre as ações de pessoas cujas identidades não podem ser subtraídas pela presença das estruturas dominantes.

Se nos propusermos a tomar o corpo como a primeira instância de interação e apropriação do mundo, as corporalidades deverão tomar maior importância nos estudos sobre as identidades circunscritas na chegada da Antártica. Tais premissas são particularmente importantes no caso lobeiro-baleeiro, pois os caçadores foram frequentemente tidos apenas como agentes do capitalismo, nos rincões do mundo para a exploração de recursos naturais. Mas a experiência com o “novo continente” implicara em uma série de transformações importantes em suas corporalidades, suas identidades e na forma de compreensão geral da Antártica destes primeiros desbravadores:

[...] Quando os marinheiros retornaram ao porto de partida, depois de uma viagem de um, dois ou mais anos, a materialidade dos corpos-vestidos foi completamente transformada, não apenas como o resultado da inclusão de certos produtos para regime sensório, mas também um resultado do compromisso dos corpos vestidos nas tarefas de bordo, no envolvimento dos parceiros sociais na sua própria materialidade (SALERNO, 2011, p. 232, tradução nossa)

Como o resto do vestuário, os calçados foram direcionadores do esquema sensório-motor neste processo de conhecimento do continente. O modelo e a forma



de utilização dos sapatos apontam para características de uma produção de massa, do consumo estandarizado, mas que não dialoga com instituições capitalistas típicas sobre o vestuário como a moda. Eles são produzidos de forma artesanal, o modelo é tradicional e a forma de consumo não está alinhada a recursos simbólicos de ascensão das condições sociais. As maiores diferenciações giraram em torno da dos modelos de oficiais e de marinheiros comuns, e entre marinheiros experientes em relação aos não experientes (SALERNO, 2006, 2011).

A documentação do navio relata momentos de conflito entre as práticas de calçar e as práticas de trabalho, com dificuldades que variam com as condições de limpeza e higiene, privacidade, instabilidade e risco, e condições temporais extremas (mudança brusca de temperatura, umidade, ventos e etc). Alguns destes pontos conflituosos poderiam ser estendidos no período de permanência nas Ilhas Shteland, onde as condições temporais tornavam-se mais austeras, e a possibilidade de recursos era menores.

Os calçados trazem marcas de intenso uso e reparos, como marcas de cortes para retirada de material. A prática de reparação ocorria nos navios e abrigo. Houve troca e negociação por calçados, sendo também possível a presença de lobeiros-baleeiros sapateiros. A baixa numeração dos calçados pode ser uma evidência da baixa faixa etária dos caçadores de mais baixo rango. Eles integrariam os acampamento levando consigo vestuário com condições inadequadas.

Sobre o contexto da produção de sapatos no século XIX, as amostras permitem inferir que a técnica da vira fora artesanal e de qualidade. As costuras de cabedal foram artesanais e de média qualidade — as de pior qualidade seriam as intervenções realizadas de forma improvisada, por mãos não especializadas. Não há evidência concreta e irrefutável da presença de técnicas construtivas difundidas somente a partir da segunda metade do século XIX (como o uso das máquinas de costura, do método McKay ou do Goodyear Welt). Através do estudo das solas, as amostras sugerem dois modelos construtivos: uma com origem em modelos anteriores ao século XIX, com bicos mais pontudos e solas retificadas, e outro com influência em modelos posteriores à 1820, com diferenciação entre direita-esquerda, pontas mais arredondadas e quadradas. Porém estas são apenas tendências construtivas doriginárias de décadas diferentes. O aparecimento de uma não exclui a permanência da outra imediatamente.

Sobre o contexto da instalação das fábricas, acreditamos que os calçados foram produzidos em um momento intermediário, o da produção em larga escala, mas de emprego ainda de habilidades e conhecimentos tradicionais dos sapateiros. As cidades baleeiras da Nova Inglaterra aparecem como local que melhor caracterizou tal forma produtiva, ocorrida nas primeiras décadas do século XIX. Direcionadas ao mercado interno, elas produziram formas orientadas inclusive a marieiros e aos baleeiros.

Os modelos de calçados dos trabalhadores não figuram nas publicidades das maiores fabricantes que, por sua vez, se alinhavam com os discursos modernizadores e com o marketing do “novo”. São enfim testemunhos da árdua jornada, do trabalho e da forma como a cultura material é articulada às suas exigências:

“[...] sapatos desgastado por indivíduos da classe trabalhadora comuns, exibem um grau de conservadorismo no sentido estilístico que é coincidente com a roupa e os outros componentes do vestuário feitos para serem usados por indivíduos de poucos recursos e poucos meios. Estes foram sapatos valorizados por sua função e utilidade - sapatos feitos para suportar desgaste diário e exigente [...]” (WHITE; BEAUDRY, 2009, p. 217 Tradução).

A maneira como as pessoas calçaram condicionou a forma como incorporam a Antártica. Botas wellington, botas Caribus®, ou sapatos *pumps*, cada um, à sua maneira, constrói uma disposição corporal e uma intersubjetiva diferente. Assim, a condição social de cada grupo, seja lobeiro-baleeiros, oficial das embarcações baleeiras, exploradores históricos (Figura 42) ou pesquisadores, são condições comuns para o desenvolvimento das sensações e das sensibilidades, criadoras, em cada um destes grupos, das relações e percepções dos lugares vivenciados. As práticas da baleação teriam ao final forçado pessoas bem diferentes para dentro experiências perceptivas próximas, dadas tanto pela materialidade do navio, pelas condições do vestuário, pelas rotinas, pelas práticas das atividades de caça, quanto pelas situações extremas dos lugares alcançados.

Se pensarmos nos séculos XVIII ao XX como o das expansões do capitalismo até os pólos, verificaremos vários outros contextos de ocupação, desencadeadores da construção das corporalidades específicas e necessárias, correspondentes à

existência de um tipo sócio-cultural para enfrentar condições severas. Elas incluíam na maioria das vezes a resistência ao frio, à neve e o trabalho duro (DEGALSELVA, 2012, p.8). Além da relação com o imaginário próprio, criado sobre as façanhas da conquista, a idéia da fronteira geográfica extremas contribuiu tanto para a mitificação da imagem dos conquistadores, como para a constituição de pessoas com expectativas sensoriais aproximadas.

Sapatos sempre foram fortes reprodutores de significados polarizados, como, pobres/ricos, homens/mulheres etc. (BENSTOCK; FERRIS, 2011, p.1). Eles continuam a ser reproduzidos hoje quase que nos mesmos termos e formatos (MITCHELL; WART, 2008, p.193). Possuem uma face tirana e arbitrária, correspondente à manutenção de estruturas e de discursos dominantes, que não representam de forma absoluta as práticas de calçar e a cultura. Uma abordagem alternativa de estudo das práticas de calçar na contemporaneidade seria então no sentido conectar os sapatos a uma visão da experiência na vida real, a fim de que possamos desconstruir os significados cristalizados, propondo enfoques como, por exemplo, o do aprofundamento do consumo masculino, dos calçados funcionais e dos grupos de trabalhadores (SHERLOCK, 2011, p.3). Desta maneira, os estudos contribuirão para a abordagem dos temas marginalizados, e dentre os estudos: o corpo, lobeiros-baleeiros na antártica, o artesão e sapateiro.

Se avaliarmos a forma como tem sido feita a ocupação da Antártica e como esta tem impactado as sociedades nos últimos três séculos, perceberemos o quanto persistem as influências e interesses políticos e econômicos no território. A história da ocupação continua a ser contada unilateralmente: ou por não levar em consideração a complexidade dos grupos ocupantes, ou por continuar a reproduzir a idéia de que ela é um continente inóspito, desabitado, “nunca pisado”, ou um “caminho nunca percorrido”. Estes elementos, reforçados pelo imaginário criado pelos “Era Heroína” (de Scott, Shackleton ou Amundsen), somente corroboram para que a história das pessoas que habitaram ou habitam o continente, seja negligenciada. Embora hoje nos esforcemos para levar devolta conosco todos os objetos e refugos decorrentes dos acampamentos científicos nas Ilhas Shetland do Sul, não foi assim com os vestígios dos lobeiros-baleeiros, que não podem ser negligenciados junto à intenção de tornar este território pretensiosamente politicamente e economicamente neutro. Creio ser imprescindível haver uma

avaliação crítica sobre as reais motivações, inclusive do trabalho científico (HABER, 2011), para que possamos de alguma maneira trazer o esclarecimento sobre nossa participação na história e nos rumos dos quais a Antártica irá tomar nas próximas décadas do Tratado Antártico — ela e todo o incrível ecossistema que ela circunscreve. Por este caminho, também seremos mais honestos quanto à forma e os objetivos de preservação do continente.

Para o presente trabalho, pelo tempo demandado na estruturação da metodologia na análise dos vestígios, infelizmente não foi possível estudar detalhadamente o contexto dos calçados por sítio, ou realizar exames químico-físicos para a identificação de substâncias de confecção. Estas etapas foram deixadas para um segundo momento. Neste segundo período, também deverá ser melhor articulada a análise da coleção de calçados do Leach e da UBA. Com isso, espero ampliar os parâmetros de referências analíticas, para concluir com mais exatidão questões sobre a datação das técnicas construtivas e o sistema de numeração dos calçados (se inglês, francês, ou norte-americano).

## REFERÊNCIAS

ABBE, Wm. A. **Journal of my Whaling Cruse in ship Atkins Adams**, 1858-1859 [ODHS485].102p. Disponível em: <<http://www.whalingmuseum.org/explore/library/projects/atkins-adams>>. Acesso em: 02 de setembro. 2014.

ALLEN, Frederick J. **The Shoe Industry**. Boston: The Vocation Bureau of Boston, 1916. 327p.

ALDRICH, Herbert Lincoln. **Trying out blubber**. Impressão sobre albumina. 1900 (circa). Disponível em: <<http://www.whalingmuseum.org/explore/collections/database/search-photographs>>. Acesso em: 23 de maio. 2015.

AMARAL, Luciana Alamo. **Alternativas para o tratamento de resíduos de couro curtido ao cromo: hidrólise enzimática e ação de bactérias**. Dissertação (Mestre em Engenharia) – Escola de Engenharia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2008. 34p.

ANDERSON, Adrienne. The Archaeology of Mass-Produced Footwear. **Historical Archaeology**, Vol. 2, p. 56-65. Bethlehem, Pa. 1968.

ANDRADE, José E.; CORRÊA, Abidack. **Panorama da indústria mundial de calçados com ênfase na América Latina**. BNDES Setorial, Março, 2001. 126p. Disponível em: <[http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/bndes/bndes\\_pt/Institucional/Publicacoes/Consulta\\_Expressa/Setor/Calçados/200103\\_10.html](http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/bndes/bndes_pt/Institucional/Publicacoes/Consulta_Expressa/Setor/Calçados/200103_10.html)>. Acesso em: 14 de dezembro. 2014.

BARBOSA, Agnaldo de Souza. Uma burguesia de pés descalços: a trajetória do empresariado do calçado no interior paulista. **Revista Histórica**, nº 6, 2005.

BAÑÓN, M.; JUSTEL, A.; VELÁZQUEZ, D.; QUESADA, A. **Regional weather survey in Byers Peninsula, Livingston Island, South Shetland islands, Antarctica**. *Antarct. Sci.*, v. 25, 2013. p.146–156.

BARLOW, Ronald S. **The antique tool collector's guide to value**. 3ª Edição. California: Windmill Publishing Company, 1991.102p.

BARTHES, Roland. **Sistema da moda**. Tradução: Lienide do Lago Salvador Mosca. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, USP, 1979.353p.

BEASTLEATHER. **Leather Shoe Construction Methods**. Disponível em: <http://bestleather.org/leather-shoe-construction-methods-goodyear-blake-blake-rapid-bologna-norwegian-adhesive/>. Acesso em 21 de dezembro. 2014.

BENSTOCK, Shari; FERRISS, Suzanne. **Footnotes: On Shoes**. New Brunswick: Rutgers University Press, 2011.325p.

BERGUÑO, Jorge. Las Shetland del sur. El ciclo lobero. Segunda parte. **Boletín antártico chileno**, Chile, v.12 n.1,1993. p.5-13.

BERNIER. Marc-André. 1997. **L'épave du Elizabeth and Mary (1690)** Fouilles archéologiques: Rapport d'activités. 2008.

BERWANGER, Elenilton G.; GUIEL, Adriana. V.; HAISSER, Mônica; QUEIROZ, Janine L.; SHIMIDT Mari R. **Dossiê Técnico: Desenvolvimento do produto em calçados**. SENAI – RS, 2006. 27p. Disponível em: <<http://respostatecnica.org.br/dossie-tecnico/downloadsDT/OA==>>. Acesso em: 01 de dezembro. 2014.

BLANCHE, Evand Hazard. The **Organization of the Boot and Shoe Industry in Massachusetts before 1875**. Cambridge: Harvard University Press. 1921.140p.

BODZIAK, William J. Footwear Sinzing. In. SRIHARI, Sargur N. **Footwear impression evidence: Detection, Recovery and Examination**. 2ª Edition. CRC PRESS, 2000.p. 179-196.

BOSTON RUBBER SHOE Co. **Boston Rubber Shoe Company Catalogue**. Boston: Boston Rubber Shoe Co.,1896-97. 32p.

BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. 4ª. Edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001. 322p.

\_\_\_\_\_.Gostos de classe e estilos de vida. In: ORTIZ, R. (Org.). Pierre Bourdieu: sociologia. São Paulo: Ática, 1983. p. 82-121.

\_\_\_\_\_.O espaço social e suas transformações In: \_\_\_\_\_. **A Distinção: crítica social do julgamento**. Tradução: Daniela Kern. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007. p. 95-161.

BOZANO Samara; OLIVEIRA, Rui de. Ergonomia do calçado: os pés pedem conforto. **Revista da Unife**, vol. 1, nº9, 2011. Disponível em: <<http://www.unifebe.edu.br/revistadaunifebe/20112/artigo010.pdf>> Acesso em 30 de novembro. 2014. p.11-29.

BURK, Edmund. **Listo of patents for inventior or designers issued by the Unidet Stantes from 1790 to 1847**.Washington: J. & G. S. Guideon, 1847. 361 p.

CAMMEYER, Alfred J. **Sporting shoe**. Alfred J. Cammeyer: Nova York, 1885 ca. 32p.

CAPELLE, M. C. A.; MELO, M. C.; BRITO, M. J. **Relações de poder segundo Bourdieu e Foucault**: uma proposta de articulação teórica para a análise das organizações. *Organizações Rurais & Agroindustriais*, Lavras, v. 7, n. 3, 2005.p. 356-369.

CARLETON G. W. **The Habits of good society**: a handbook for ladies and gentlemen. New York: G. W. Carleton & Co., 1871. 332 p.

CHARTIER, Roger. **À Beira da Falésia**: a história entre certezas e inquietudes. História Intelectual e história das mentalidades. Porto Alegre: Ed. universidade/UFRGS, 2002. 277p.

\_\_\_\_\_. Introdução: Por uma sociologia histórica das práticas culturais. In:\_\_\_\_\_. A história cultural: entre práticas e representações. Tradução: Maria Manuela Galhardo. Lisboa: DIFEL; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990. Cap.1, p. 13-28.

CHILDS, William. **Logbook of the Phillipe De La Noye**, 1852-1854 [KWM 51A].161 p. Disponível em: <[http://www.whalingmuseum.org/explore/library/logbooks/phillipe\\_de\\_la\\_noye-kwm\\_51A](http://www.whalingmuseum.org/explore/library/logbooks/phillipe_de_la_noye-kwm_51A)>. Acesso em: 02 de setembro. 2014.

CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA BORRACHA (CTB). **Couros Naturais**. Disponível em:< [http://ctborracha.com/?page\\_id=847](http://ctborracha.com/?page_id=847)>. Acesso em 22 de fevereiro. 2014.

CLASSEN, Constance; HOWES, David; SYNNOTT, Anthony Synnott. **Aroma**: The Cultural History of Smell. Routledge, 1994. 248p.

CLASSEN, CONSTANCE. 2005. **The Deepest Sense**: a Cultural History of Touch. Paris: Teraedre, 2012. 349p.

CONSIGLIO, Luiz Eduardo Consiglio. Operantar: **Depoimento**. [20 de outubro de 2014]. Entrevista concedida a Gerusa de A. Radicchi. Belo horizonte: vídeo-gravação.

CORBIN, Alain. **Saberes e odores**: o olfato e o imaginário social nos séculos XVIII e XIX. Tradução DE Ligia Watanabe. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. 367p.

CREIGHTON, Margareth S. **Rites and Passages**. The Experience of American Whaling, 1830-1870. Cambridge: Cambridge University Press, 2006. 233p.

CSORDAS, Thomas J. Embodiment as a Paradigm for Anthropology. **Ethos**, vol. 18, nº. 1, 1990. p. 5-47.

CUNNINGHAM, Patricia A. **Reforming Women's Fashion, 1850 – 1920**. Kent: The Kent State University Press, 2003. 251p.

CURRIE, Stephen. **Thar She Blows**: American Whaling in the Nineteenth Century. Minneapolis: Lerner Publications Company, 2001. 96p.

DAVIS, William M. **Nimrod of the sea**: the American whaleman. New York: Harpers & Brothers Publishers, 1874. 406p.

DICKINSON, Antony B. Early nineteenth-century sealing on the Falkland Islands: attempts to develop a regulated industry, 1820-1834. **The Northern Mariner**, v. IV n.3, 1994, p.39-49.

DOOLEY, *William H.* 1912. **A manual of shoemaking and leather and rubber products**. Boston: Little, Brown, and Co., 1912. 287 p.

DRUETT, Joan. 1991. **Petticoat Whalers**: Whaling Wives at Sea, 1820-1920. University Press of New England, 2001. 215p.

DUBY Georges. **A História Continua**. Tradução de Clovis Marques ; revisão técnica Ronaldo Vainfas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar: UFRJ, 1993. 162p.

\_\_\_\_\_. Reflexão sobre a história das mentalidades e a arte. In: **Novos Estudos**: CEBRAP, nº. 33, 1992, p. 65-75.

ELIAS, Norbert. O processo Civilizador. **Uma história dos Costumes**, Vol. 1. 2ª Edição. Ruy Jungmann; revisão e apresentação de Renato Janine Ribeiro. Rio de Janeiro. Zahar Editora. 1994. 195p.

ELLIS, Leonard Bolles. **History of New Bedford and its vicinity, 1602-1892**. New York: Syracuse, Mason & Co. 1892. 578p.

FELINTO, Erick. Meio, mediação, agência: a descoberta dos objetos em Walter Benjamin e Bruno Latour. Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação | **E-compós**, vol.16, nº.1, 2013. p.1-15. Disponível em: < <http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/view/846/646>>. Disponível em: 14 de dezembro. 2014.

FERREZ, Henrique. A nudez na História da vida privada. **Revista eletrônica de Ciências**, nº 21, 2003. p.3-11.

FOSDICK, Washington. **Logbook of the Saratoga, 1858-1860** [KWM 181]. 265 p. Disponível em: < [http://www.whalingmuseum.org/explore/library/logbooks/saratoga-kwm\\_181](http://www.whalingmuseum.org/explore/library/logbooks/saratoga-kwm_181)>. Acesso em: 02 de setembro. 2014.

FOSTER, Mark. 2007. **Whale Port**: A History of Tuckanucket. Boston: Houghton Mifflin, 2007. 64p.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 1996. 74p.

\_\_\_\_\_. 1987. A governamentalidade. In: \_\_\_\_\_ **Microfísica do poder**. Tradução de Roberto Machado. 24. Edição. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2007. 295p.



\_\_\_\_\_. **Vigiar e Punir**. Nascimento da prisão. Tradução de Raquel Ramalheite. 20ª Edição. Petrópolis. Vozes, 1999. 288p.

FREEZE FRAME: HISTORIC POLAR IMAGE. **Changing Styles and Methods**.

Scott Polar Research Institute. Disponível em:

<<http://www.freezeframe.ac.uk/resources/clothing/4>> Acesso em 05 de janeiro. 2015.

FREITAS, Carlos Eduardo de. **Os parâmetros de qualidade da indústria calçadista: uma investigação da sua validade a partir do estudo de caso da Calçados Zapata S.A.** Dissertação (Mestrado Executivo) Escola Brasileira de

Administração Pública da Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro. 2002.116p.

Disponível em ;

<http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/3723/000313013.pdf?sequence=1> Acesso em 01 de Janeiro. 2015.

GIKANDI, Simon. Overture: Sensibility in the Age of Slavery. In:\_\_\_\_\_

**Slavery and the culture of taste**. Melville:Texas A&M University, 2012. p.1-49.

GOONETILLEKE, Ravindra S (org.). **The Science of Footwear**. CRC Press, 2012. 689p.

GOODYEAR Co. **Indian rubber glove, boots and shoes**. Lamkin & Foster,1885-6. 36p.

GOUBITZ, Olaf; DRIEL-MURRAY, Carol van; WAATERINGE ,Willy Groenman-Van .2001. **Stepping Through Time: Archaeological Footwear from Prehistoric Times until 1800**. Stichting Promotie Archeologie, 2011. 396p.

GREINER, Christine. Partituras de análise. In:\_\_\_\_\_ **O Corpo**: pistas para estudos indisciplinados. São Paulo: Annablume, 2005. p.13-45.

\_\_\_\_\_. **O corpo em crise**: novas pistas e o curto-circuito das representações. São Paulo: Annablume, 2010. 148 p.

HABER, Alejandro F. *Nometodología payanesa*. Notas de metodología indisciplinada. **Revista Chilena de Antropología**, vol. 23, nº1, 2011. p. 9–49.

HALL, Joseph S. **The Book of the Feet**: A History of Boots and Shoes. New York: Willian H. Graham, 1847. 228 p.

HAMILTON-SCOURGE PROJECT. **Life as a Sailor**: The Hamilton & Scourge National Historic Site. Disponível em:<<http://www.hamilton-scourge.hamilton.ca/life-as-a-sailor.asp>>. Acesso em: 15 de setembro. 2014.

HARDING, Ephraim. **Logbook of the Eliza Adams, 1847-1849** [ODHS 436A]. 125 p. Disponível em:

<[http://www.whalingmuseum.org/explore/library/logbooks/eliza\\_adams-odhs\\_436A#idp22370992](http://www.whalingmuseum.org/explore/library/logbooks/eliza_adams-odhs_436A#idp22370992)>. Acesso em: 02 de setembro. 2014.

HEADLEY Junior, P. *How to Make a Shoe*. Washington, D.C: Gibson Brothers Printers, 1882.136 p.

HENDERSON (C. M.)& Co. **Manufactures of boot and shoes**. Chicago ILL.: 1883. 32p.

HERBERT, George C. **History of Lynn**, Essex County Massachusetts. Frank s. Whitten, printer, 1890. 120p.

HEROLD SONS Co. **Boots and shoes uppers, leather and findings**. Nova York: Frank F. Llsieckl Printer, 1855. 60 p.

HGBM American **Experience**. General Article: On the Eve of War. 2015. Disponível em: <<http://www.pbs.org/wgbh/americanexperience/features/general-article/lincolns-war/?flavour=mobile>>. Acesso em: 23 de janeiro. 2015

HIRSCH Eric. Introduction; landscape: between place and space. In: HIRSCH, E.; O'HANLON, M. (eds.) **The anthropology of landscape: perspectives on place and space**. Oxford: Clarendon press, 1995. p.15-30.

HOCKEY, Jenny; DILLEY, Rachel; ROBINSON, Victoria; SHERLOCK Alexandra. **The temporal landscape of shoes: a life course perspective**. *The Sociological Review*, vol. 62, nº2, 2014. p. 255–275. Disponível em: <<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/1467-954X.12154/pdf>>. Acesso em 22 de dezembro.

\_\_\_\_\_. Occasions and Non-Occasions: Identity, Femininity and High-Heeled Shoes. **European Journal of Women's Studies, Sage Publications**, 2014. p 1-16 Disponível em: <<http://ejw.sagepub.com/content/early/2014/08/07/1350506814533952.full.pdf>>. Acesso em 10 de setembro. 2014.

\_\_\_\_\_. Worn Shoes: Identity, Memory and Footwear. **Sociological Research Online**, vol. 18, nº1, 2013. p. 1-14. Available at: Disponível em: <<http://www.socresonline.org.uk/18/1/20.html>>. Acesso em 13 de dezembro. 2014.

HOWES, David. The Social Life of the Senses. **Ars Vivendi Journal**, nº.3, 2013. p.4-23. Disponível em: <[http://www.ritsumei-arsvi.org/uploads/publications\\_en/20/2013AVJ\\_no3\\_Howes.pdf](http://www.ritsumei-arsvi.org/uploads/publications_en/20/2013AVJ_no3_Howes.pdf)>. Acesso em 10 de outubro. 2014.

\_\_\_\_\_. Empire of the Senses: **The Sensual Culture Reader**. Bloomsbury Academic, 2005. 409p.

\_\_\_\_\_. **Sensual Relations: Engaging the Senses in Culture and Social Theory**. University of Michigan Press, 2003. 283p.

\_\_\_\_\_ (org.). **The Varieties of Sensory Experience: a Sourcebook in the Anthropology of the Senses.** Anthropological horizons. Hardcover: University of Toronto Press, 1991. 336p.

HOWES, David.; CLASSEN, Constance. **Doing Sensory Anthropology**, 2009. Disponível em: <<http://www.sensorystudies.org/sensorial-investigations/doing-sensory-anthropology/>>. Acesso em: 23 de setembro. 2014.

HUGILL, Stan. **Shanties from the Seven Seas (Maritime).** Routledge & K. Paul, 1961. 248p.

INGOLD, Tim. *Culture on the Ground: The World Perceived Through the Feet.* **Journal of Material Culture**, vol.9, 2204. p. 315-340.

\_\_\_\_\_. The Temporality of the Landscape. **World Archaeology**, vol. 25, nº 2, 1993. p. 24-174.

\_\_\_\_\_. **The Perception of the Environment: Essays on Livelihood, Dwelling, and Skill.** London: Routledge, 2000. 465p.

INGOLD, Tim; VERGUNST, Jo Lee. Introduction. In: \_\_\_\_\_ 2008 **Ways of Walking: Ethnography and Practice on Foot.** Reino Unido: Ashgate, Aldershot, 2008. p.1-20

JAMIE. Kathleen. **Sightlines.** London: Short of books, 2012. 83p.

JENSEN, Shannon. **A long walk.** 2012 Disponível em: < <http://www.shannon-jensen.com/#/1/>>. Acesso em: 18 de fevereiro. 2015.

JHONSON, Cecil-Webb. **The soldier manual of foot care and foot wear.** Londres: Dryden Publishing Company, 1916. 56p.

JOHNSON, Kim K. P; LENNON. Introduction: Appearance and Social Power. In: \_\_\_\_\_ (eds), **Appearance and Power**, Oxford and New York, Berg, 1999, pp. 1-10

LAGE, Ana Paula. Design de calçados: **Depoimento.** [16 de setembro de 2014]. Entrevista concedida a Gerusa de A. Radicchi. Belo horizonte: vídeo-gravação.

LATOUR, Bruno. Como desplegar controversias acerca del mundo social. In: \_\_\_\_\_ **Reensamblar lo Social: una introducción a la teoría del actor-red.** Buenos Aires: Manantial, 2008 [2005]. p. 21-141

LAURA JERNEGAN: GIRL ON A WHALESHIP. **The History of whaling.** Disponível em: <<http://www.girlonawhaleship.org/jernapp/whaling.do>>. Acesso em: 10 de dezembro. 2014.

LE BRETON, David. **A sociologia do corpo.** Tradução de Sonia M. S. Fuhrmann Petrópolis: Editora Vozes; 2006. 104 p.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução Bernardo Leitão. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990. 553p.

LEMUEL BAXTER & Co. **Sole leather, shoe findings and uppers**. Boston: *Lemuel & Co.*:1855 ca. 28 p.

LIBRARY OF CONGRESS. **Whaling industry links early 19ht – Century Portuguese Settlements**. Disponível em: <<http://www.loc.gov/rr/hispanic/portam/industry.html>> Acesso em 27 de novembro. 2014.

LIMA, Tania A. Los zapateros descalzos: arqueología de una humillación en Rio de Janeiro del siglo XIX. In: Félix Acuto y Andrés Zarankin. (Org.). **Sed non Satiata II**. Acercamientos sociales en la Arqueología Latinoamericana. 1ªed.Córdoba, Argentina: Encuentro Grupo Editor, 2008, v. 1, p. 135-157.

\_\_\_\_\_. Humores e odores: ordem corporal e ordem social no Rio de Janeiro, século XIX. **Manguinhos - Historia, Ciências, Saúde**, vol. 2, nº 3, 1996. p.44-96.

LUDLOW, Jeremiah. **Logbook of the Hibernia**, 1866-1869. [ODHS 390].402 p.Disponível em: < [http://www.whalingmuseum.org/explore/library/logbooks/hibernia-odhs\\_390](http://www.whalingmuseum.org/explore/library/logbooks/hibernia-odhs_390) >. Acesso em: 02 de setembro. 2014.

LYNDSEY, Henry. **Whalemen,s shipping list**: marchants' and transcript, nº44, Vol. VI, [02/01/1849]. Henry Lyndsey: New Bedford. p.173-176. Disponível em:<<http://library.mysticseaport.org/Images/wsl/18490102.pdf>> Acesso em: 23 de novembro. 2014.

MADDISON, Ben. **Class and Colonialism in Antarctic Exploration, 1750-1920**. London: Pickering & Chatto, 2014. 247p.

MALUF, Sônia Weidner. Corpo e corporalidade nas culturas contemporâneas: abordagens antropológicas. **Esboços**, vº9, nº9, 2011. p.87-100.

MARINERS' MUSEUM. **Christopher Columbus' Santa María**. Disponível em: < <http://ageofex.marinersmuseum.org/?type=webpage&id=51>>. Acesso em: 10 de dezembro. 2014.

MARINHA DO BRASIL (m). **Navegação nas regiões polares**. Disponível em:< <https://www.mar.mil.br/dhn/bhmn/download/cap-41.pdf>> Acesso em 21 de maio. 2015.

MARTINS, Guilherme Paiva; AMARAL, Marcela Carvalho. A genealogia do poder em Foucault: As práticas discursivas e a sociedade disciplinar. **Prisma Jurídico**, vol. 10, nº.1, 2011, p. 93-110. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=93420939006>>.Acessoem 15 de dezembro. 2014.

MARTINS, Paulo Henrique. A sociologia de Marcel Mauss: Dádiva, simbolismo e associação. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, nº 73, 2005. p. 45-66, Disponível em: <<http://rccs.revues.org/954>> . Acesso em 29 de dezembro. 2014.

MATOS, Adriana de. A auto-representação da dor: Reações à performance da Idade Média e do Pós-Modernismo. In. **Law and Compassion, Drama and Pity: the search for a common ground** .CETUP, Coleção Teatro do Mundo, v.9. Portugal: Universidade do Porto,2012. p.296-335

MAUSS, Marcel. As técnicas do corpo. In:\_\_\_\_\_ **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003, p.399-422.

MAURY,Matthew Fontaine. **Whale Chart**, 1851. Impressão sobre papel. Disponível em: [http://americanhistory.si.edu/onthewater/exhibition/3\\_7.html](http://americanhistory.si.edu/onthewater/exhibition/3_7.html). Acesso em: 04 de dezembro. 2014.

MEARN, G.B. **Logbook of the Daniel Webster**, 1848-1852. [ODHS 515]. 130p.Disponível em: <[http://www.whalingmuseum.org/explore/library/logbooks/daniel\\_webster](http://www.whalingmuseum.org/explore/library/logbooks/daniel_webster)>. Acesso em: 02 de setembro. 2014.

MELVILLE, Herman. **Mob Dick o La Ballena**. Ediciones Perdidas. Disponível em:< [http://www.librosdearena.es/Biblioteca\\_pdf/Melville\\_Herman\\_Moby%20Dick\\_Ed%20perdidas\\_ilustraciones%20Fernando%20Gallego\\_jul2010.pdf](http://www.librosdearena.es/Biblioteca_pdf/Melville_Herman_Moby%20Dick_Ed%20perdidas_ilustraciones%20Fernando%20Gallego_jul2010.pdf)> Acesso em março. 2015.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. Tradução Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 2ª Edição. São Paulo: Martins Fontes, 1999. 662p.

McCULLOCH. J. R. **Dictionary, practical, theoretical, and historical, of commerce and commercial navigation**. London : Longman, Rees, Orme, Brown, Green, and Longman, 1835.1382p.

MITCHELL, Louise; WARD, Lindie. **Stepping Out: three centuries of shoes**. Haymarket, N.S.W.: Powerhouse Publishing, 2008. 96p.

MONTELEONE, Joana. **A história das máquinas de costura: um anúncio brasileiro vende uma máquina de costura americana**, 2014. IV Conferência Internacional de História Econômica e VI Encontro Internacional de História e Econômica. Disponível em: [http://cihe.fflch.usp.br/sites/cihe.fflch.usp.br/files/Joana%20Monteleone\\_0.pdf](http://cihe.fflch.usp.br/sites/cihe.fflch.usp.br/files/Joana%20Monteleone_0.pdf) Acesso em: 21 de março. 2015.

MORÍN, Juan. **Manual del botero y del zapatero**; ó, tratado completo y sensillo de estas artes. Oviedo: Francisco Días Pedregal, 1859. 242 p.

MOULD, Quita; CARLISLE, Ian; CAMERON, Esther. **Craft, Industry and Everyday Life: Leather and Leatherworking in Anglo-Scandinavian and Medieval York**. (The Archaeology of York, 17/16.) York: Council for British Archaeology, for the York Archaeological Trust, 2003. 3550 p.

NANTUCKET HISTORICAL ASSOCIATION. **Approaching the Twentieth Century**  
Disponível em: < <http://www.nha.org/pdfs/otherislanders/partfour.pdf>>. Acesso em: 22 de dezembro. 2014.

NATIONAL RESOURCES PLANNING BOARD. **National Resource II - Industrial Washington**, 1949.

WHITE, Stephanie. **Can You tell a man by his shoes**. Natural History Museum, 2014. Disponível em: [http://www.nhm.ac.uk/natureplus/community/antarctic-conservation/blog/tags/cape\\_evans?fromGateway=true](http://www.nhm.ac.uk/natureplus/community/antarctic-conservation/blog/tags/cape_evans?fromGateway=true). Acesso em 22 de março de 2015.

NAVARRO, Juan J. **Diccionario de Arquitectura Naval Antigua y Moderna de Juan José Navarro de Viana y Búfalo (1687-1772)**. Cádiz, 1756. p.323. Disponível em <http://www.armada.mde.es/museonaval/aplicaciones/coleccion-marques-victoria/>. Acesso em: 22 de setembro. 2014.

NEW BEDFORD WHALING MUSEUM: **Life Aboard**. Disponível em: < <http://www.whalingmuseum.org/learn/research-topics/overview-of-north-american-whaling/life-aboard>>. Acesso em 05 de janeiro. 2015.

NEW BEDFORD LIBRARY. **The Whaling Collection Archives Project**. Disponível em: <<http://www.newbedford-ma.gov/library/special-collections/whaling-archives/>>. Acesso em: 10 de novembro. 2014.

NEWSLETTER OF SALEM MARITIME NATIONAL HISTORIC SITE. **Pickled fish and salted provisions**, vol.11, nº 2, 2010  
Disponível em: <<http://www.nps.gov/sama/learn/historyculture/upload/Vol11no2whaling.pdf>>. Acesso em: 14 de novembro. 2014.

NORDHOFF, Charles. **Whaling and Fishing**. Moore, Wilstach, Keys & Co, Cincinnati, 1856. 394p.

OLIVEN, Ruben George. **A antropologia de grupos urbanos**. 6ª Edição. Petrópolis: Vozes, 2007. 56p.

OLMI, Ermanno. **L'Albero degli Zoccoli**, [Filme-vídeo]. Produção de Enrico Leoni direção de Ermanno Olmi. Itália, 1987. VHS/NTSC, 170 min. color. son.

O'KEEFFE, Linda. **Uma festa de sapatos de salto, sandálias, chinelos**. Colônia: Könnemann, 1996. 504p.

ORLEANS, Louis Phillips Robert. **Hunters and Hunting in the Arctic**  
California. Publisher David Nutt, 1911, 293p.

PILBRICK, Nathaniel. **A vingança da Baleia**. Tradução Rubens Figueiredo. Companhia das Letras, 2003. 216p.

PASSOS, Verônica T; TAKAO, Antônio K. **História do calçado**: uma trajetória de design e ergonomia. VIII Colóquio de Moda - 5º Congresso Internacional. 2012. Disponível em: <[http://www.coloquiomoda.com.br/anais/anais/8-Coloquio-de-Moda\\_2012/GT05/COMUNICACAO-ORAL/103604\\_Historia\\_do\\_calçado\\_uma\\_trajetoria\\_de\\_design\\_e\\_ergonomia.pdf](http://www.coloquiomoda.com.br/anais/anais/8-Coloquio-de-Moda_2012/GT05/COMUNICACAO-ORAL/103604_Historia_do_calçado_uma_trajetoria_de_design_e_ergonomia.pdf)> Acesso em: 21 de novembro. 2014.

PASTORE, Vincenzo. **Meninos Engraxates**, 1910 Ca. Fotografia, emulsão sobre papel: Disponível em: <<http://www.ims.com.br/ims/artista/colecao/vincenzo-pastore/obra/6192>> Acesso em: 12 de maio. 2015.

PEASE, Zeph. W. (Zephaniah Walter). 1861. **History of New Bedford**. New York: Lewis Historical Publishing Co, 1918. 230p.

PEIXOTO, Adão José. Os sentidos formativos das concepções de corpo e existência na fenomenologia de Merleau-Ponty. **Revista da Abordagem Gestalt**, vol.18, n.1, 2012, p. 43-51.

PELLINI, José. R. 2011. Onde está o gato? Realidade, arqueologia sensorial e paisagem. **Habitus**, vol. 9, nº1, 2011. p.17-31. Disponível em:<http://seer.ucg.br/index.php/habitus/article/view/2204>. Acesso em 18 de outubro. 2014.

PEREIRA, Vandilce T. **A relevância da prevenção do acidente de trabalho para o crescimento organizacional**. Monografia (Graduação em Serviços Sociais) Universidade da Amazônia, 2001. 23p.

PILBRICK, Nathaniel; PILBRICK, Thomas. **The Loss of the Ship Essex Sunk by a Whale**. Penguin Books, 2000. 231p.

QUEEN QUALITY Co. **Shoes for Women**. Boston: Thomas G. Plant Co, 1900 ca. 42.p.

QUIRK, Laura; BEAUDOIN, Matthew. If the shoe fits: Analysis Of Nineteenth-Century Shoes. In: **KEWA**, nº 11, 2008. p.27-32.

RANDOLPH, Anthony G.Jr. **The Analysis and Conservation of The Belle Footwear Assemblage**. Tese (Doutorado em Arqueologia) Nautical Archaeology Program, 2003. 342p.

REPLOGLE, Charles. **Among the indians of Alaska**. London: Headley Brodley. 1904. 224p.

REVEL, Jacques. Microanálise e construção do social. In: \_\_\_\_\_ (org). **Jogos de escalas**: a experiência da microanálise. Tradução Dora Rocha. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998. p.30-45.

REVEL, Judith. Michael Foucault: **conceitos essenciais**. Tradução: C.P.Filho & N. Milanez. São Carlos: Claraluz, 2005. 96p.

RICH, George. A. **Leather Industry II - American Industries Since Columbus**, vol.41, 1892. p.340-364.

RICHARDS. (G. L.) Co. **From the forest for the foot**. Bonston: Dryside Press, 1890. 40p.

RICHARDSON, William H. Jr. 1858. **Boot and shoe manufacturers' assistant and guide**: a brief history of the trade. Boston, Higgins, Bradley & Dayton, 1858. 411 p.

RIELLO, Giorgio; McNEIL Peter. **Shoes**: A History from Sandals to Sneaker. Berg, Bloomsbury Publishing Plc. 2006. 448 p.

RIELLO, Giorgio. **The boot and shoe trades in London and Paris in the long eighteenth century**. Tese (Doutorado em História) University College *London*, 2002. 391p.

ROSENBERG, Chaim M. **Goods for Sale**: Products and Advertising in the Massachusetts Industrial Age. University of Massachusetts Press, 2007. 223p.

SALERNO, Melisa A. **Arqueología de la indumentaria**: prácticas e identidad en los confines del mundo moderno (Antártica, Siglo XIX). Buenos Aires: Del Tridente, 2006. p.149.

\_\_\_\_\_. **Persona y cuerpo-vestido en la modernidad**: un enfoque arqueológico. Tese (Doutorado em Arqueologia), Facultad de Filosofía y Letras Universidad de Buenos Aires. 2011. 345p.

\_\_\_\_\_. **Zapatos Rotos**: Una Aproximación al Calzado en Arqueología Histórica. In: POLVERINI, M. F. (coord.). VI Congreso Argentino de Americanistas. Buenos Aires: Sociedad Argentina de Americanistas, 2009. p. 369-384.

SALERNO, Melisa A; SENATORE, Maria Ximena; ZARANKIN, Andrés. Historias bajo cero. Arqueología de las primeras ocupaciones humanas en Antártida. In: **Arqueología del Extremo Sur del Continente Americano**. Dunken, DIPA-IMHICIHU-CONICET: Buenos Aires, 2008. p.117-130.

SARVENT, Andrew S. **Logbook of the Navy, 1859-1863** [KWM 155]. 209 p. Disponível em: < [http://www.whalingmuseum.org/explore/library/logbooks/navy-kwm\\_155](http://www.whalingmuseum.org/explore/library/logbooks/navy-kwm_155)>. Acesso em: 02 de setembro. 2014.

SCHERZER, Karl Von. **Narrative of the Circumnavigation of the Globe by the Austrian Frigate Novara**. vol. 3, London, 186. 107 p.

SCHMIDT, Mauri Rubem. **Modelagem técnica de calçados**. 2 Edição. Porto Alegre: Centro Tecnológico do Calçado, SENAI, 1995, p.398.

SCORESBY, William Junior. **Of a voyage to the northern whale-fishery**: researches and discoveries on the eastern coast of west greenland, made in the summer of 1822. London: Edinburgh, 1823. 747p.



SENATORE, Maria Ximena; ZARANKIN, Andrés. Arqueología histórica y expansión capitalista. Prácticas cotidianas y grupos operarios en Península Byers, Isla Livingston, Shetland del Sur. In: Acuto F. A.; Zarankin A (eds.). **Sed Non Satiata: teoría social em la arqueologia latinoamericana contemporânea**. Buenos Aires: Tridente, 1999. p. 171-188.

\_\_\_\_\_. (orgs.). Archaeology in Antarctica, 19th century capitalism expansion strategies. **Internacional Journal of Historical Archaeology**. New York, vol. 9, nº1, 2005. p. 43-56.

\_\_\_\_\_. Hasta el fin del mundo; Arqueologia Antartica. **Praehistoria**, Buenos Aires, Vol. 3, 2000.p. 219-236.

\_\_\_\_\_. A. **Historias de un pasado en blanco: arqueología histórica antártica**. Belo Horizonte: Argumentum, 2007. 189p.

SERVICE D'ARCHÉOLOGIE SUBAQUATIQUE (Canadá). **Fouilles archéologiques: Elizabeth and Mary**. Rapport d'activités 1997. 64p.

SHATTUCK, Orson, F. **Logbook of the Phillipe Frances, 1850-1852** [ODHS 994]. 112p. Disponível em:  
<[http://www.whalingmuseum.org/explore/library/logbooks/frances-odhs\\_994](http://www.whalingmuseum.org/explore/library/logbooks/frances-odhs_994)>. Acesso em: 02 de setembro. 2014.

SHAVELZÓN, D. **Informe da Analise dos objetos recuperados na Cueva Lima-Lima (Isla Livingston, Shetland Do Sul), apresentado ao Centro de Arqueologia Urbana**, Faculdade de Arquitetura, Desenho e Urbanismo-UBA. 1995. Disponível em: <<http://www.histarmar.com.ar/SubArch/Cueva/LimaLimaMat1.htm>> Acesso: 2 de novembro. 2012.

SHERLOCK, Alexandra. Footwear: Transcending the Mind-Body Dualism in Fashion Theory. In: BROWNIE, Barbara; PETICAN, Laura; REPONEN, Johannes (eds.). **Fashion: Exploring Critical Issues** [e-book]. Oxford: Interdisciplinary Press, 2011. Disponível em: <<http://mail.inter-disciplinary.net/online-store/ebooks/gender-sexuality/fashion-exploring-critical-issues>>. Acesso em 22 de outubro de 2014.

SILVA, Francisco L.L. da; CECCHETTO, José Gustavo; COSTA, Rita Marques. **Qualidade**. Monografia (Graduação em administração) Faculdades Integradas SaBes. 2000. 86p. Disponível em: <<http://mlarucci.tripod.com/trabalhos/qualidade.htm>>. Acesso em: 13 de julho. 2014.

SIQUEIRA, André, C. M. **Histórias embriagadas: uma análise diferenciada sobre as garrafas de sítios foqueiros na antártica nos séculos XVIII e XIX**. Monografia (Graduação em Sociologia), Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais. 2004. 80p.

SMITHSONIAN INSTITUTION. **Fishers whaling**. Disponível em: <[http://amhistory.si.edu/onthewater/exhibition/3\\_7.html](http://amhistory.si.edu/onthewater/exhibition/3_7.html)>. Acesso em: 04 de dezembro. 2014.

STACKPOLE, Edouard A. **The voyages of the huron and the huntress: the american sealers and the discovery of the continent of Antartica**. Marine Histry Association. Connecticut: Mystic, 1955. 86p.

STEVENS Sarah; ORDOÑES, Margareth T. Fashionable and work shoes from a nineteenth century Boston Privy **Historical Archaeology** nº 39, Vol. 4, 2005. p.9-25.

SWANN, June. **Shoemaker**. Princes Risborough: Shire Publications Ltd, 1986. 32p.

TILLEY. Christopher. **Material culture and text**. The art of ambiguity. London: Routledge. 1991. 192p.

THOMSON Ross. **The Path to Mechanized Shoe Production in the United States**. UNC Press, 1991. 276p.

THOMSON, Roy; MOULD, Quita (eds.). **Leather Tanneries: The Archaeological Evidence**. Archetype Publications Ltd, 2011. 206p.

THOMSON, Roy; KITE, Marion (eds.). **Conservation of Leather and Related Materials**. Routledge, 2011. 368p.

THOMAS, D. Jhoseph; SAULNIERS, Alfred H; WHITE, Natalie A.; McCABE L. MARSHA; AVILA, Jay. **A Picture History of New Bedford, 1602-1925**, Vol 1. New Bedford: Spinner Publications, 2013. 320 p.

THOMAS, Julian S. **Time, Culture and Identity: An Interpretive Archaeology**. London: Routledge, 1996.157p.

TRINGHAM, Ruth. **A Sense of Touch** — *the Full-Body Experience*. In: *past and Present of Çatalhöyük, Turkey*. In: DAY, j. *Makin Sense of the past: toward sensorial archaeology*. (University of California, Berkeley). Center for Archaeological Investigation, SIU, Carbondale.2013. p.177-195. Disponível em: <[http://diva.berkeley.edu/projects/tringham/RET\\_DigPub/RET\\_SIU\\_senses\\_071912.pdf](http://diva.berkeley.edu/projects/tringham/RET_DigPub/RET_SIU_senses_071912.pdf)>. Acesso em 21 de agosto de 2014.

UNITED STATES PATENT OFFICE. **Improvement in sewing-machines**. [Charles Goodyear] U.S. Patent US199802, 27 de novembro 1876.

UNITED STATES PATENT OFFICE. **Improvement in sewing-machines**. [Elias Howes]. U.S. Patent US4750A, 10 de setembro de 1846.

UNITED STATES PATENT OFFICE. **Improvement in sewing-machines**. [Isaac Singer] U.S. Patent US8294A, 12 de agosto de 1851.

VERES, Maya. Introduction to the analysis of archaeological footwear. In: **Australasian Historical Archaeology**, Vol. 23, 2005.p.89–96.

VERNE, Jules. 1874. **The Adventures of Captain Hatteras**. Theasure Publication, 2009. 229p.

VICTORIAN & ALBERT MUSEUM (V&A). **Shoe, circa. 1600**. Ficha catalográfica T.605-1913. Disponível em < <http://collections.vam.ac.uk/item/O107718/shoe-unknown/>>. Acesso em 21 de fevereiro. 2015.

VILLAGRAN Ximena S.; SCHAEFER, Carlos E.G.R; LIGOUIS, Bertrand. Living in the cold: Geoarchaeology of sealing sites from Byers Peninsula (Livingston Island, Antarctica). In: **Quaternary International**, vol. 135. 2001. p.184-199.

VISSER, Thomas D. Nails. A. In: \_\_\_\_\_ **Field Guide to New England Barns and Farm Buildings**. Hanover: University Press of New England, 1997. p. 24-30.

WALKER, John Henry. **Henri Longpré, 1850-1885**. Impressão em papel. Disponível em: <<http://www.mccord-museum.qc.ca/en/collection/artifacts/M930.50.7.680?Lang=1&accessnumber=M930.50.7.680>>. Acesso em: 20 de fevereiro. 2015.

WEBB, Jonh. **Buckles Identified**. Historic Publications, Brentwood: Essex, 1981. p. 47.

WEBSTER Elaine, Red Shoes: Linking Fashion and Myth. In: **The Journal of Cloth and Culture**, vol. 7, nº 2, 2009. p.164-177

WHITE, C. L. ; Beaudry, M. C. Artifacts and Personal Identity. In: MAJEWSKI, Teresita; GAIMSTER, David (eds.). **The International Handbook of Historical Archaeology**. Springer: New York, 2009 p. 209-226.

WOOD, Daniel D. **Logbook of the Cleone, 1858-1862**. [ODHS 413]. 366 p. Disponível em: <[http://www.whalingmuseum.org/explore/library/logbooks/cleone-odhs\\_413](http://www.whalingmuseum.org/explore/library/logbooks/cleone-odhs_413)>. Acesso em: 02 de setembro. 2014.

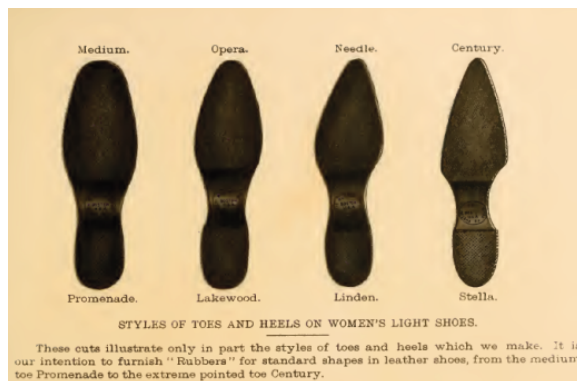
## ANEXO I – Figuras

Figura 1— Menores Engraxates em São Paulo



Fonte: Pastore (circa 1910).

Figura 2— Modelos de eixos de solas (1855)



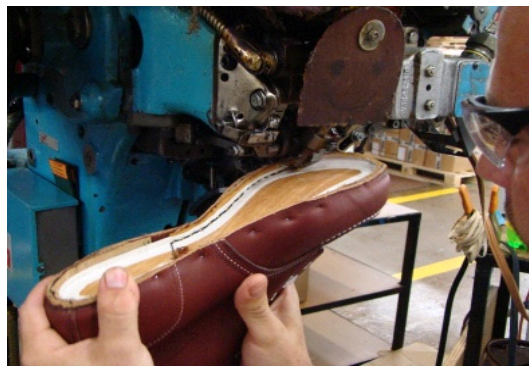
Fonte: Boston Rubber Shoe (1896-1897,p. 20).

Figura 3 — Setorização da produção no século XIX

- |   |   |
|---|---|
| <b>Cutting department:</b>                    | <b>Bed-machine operators, male.</b>                 |
| Cutters, lining, cloth, male.                 | <b>Hand-method lasting-machine operators, male.</b> |
| Cutters, vamp and whole shoe, hand, male.     | <b>Pullers-over, hand, male.</b>                    |
| Cutters, vamp and whole shoe, machine, male.  | <b>Pullers-over, machine, male.</b>                 |
| Skivers, upper, machine, male.                | <b>Bottoming department:</b>                        |
| Skivers, upper, machine, female.              | Buffers, male.                                      |
| <b>Sole-leather department:</b>               | Edge setters, male.                                 |
| Channelers, insole and outsole, male.         | Edge trimmers, male.                                |
| Cutters, outsole, male.                       | Goodyear stitchers, male.                           |
| <b>Fitting or stitching department:</b>       | Goodyear welters, male.                             |
| Backstay stitchers, female.                   | Heel breasters, male.                               |
| Button fasteners, female.                     | Heel burnishers, male.                              |
| Buttonhole makers, female.                    | Heelers, male.                                      |
| Closers-on, female.                           | Heel scourers, male.                                |
| Lining makers, female.                        | Heel-seat nailers, male.                            |
| Tip stitchers, female.                        | Heel sluggers, male.                                |
| Top stitchers or undertrimmers, female, male. | Heel trimmers or shavers, male.                     |
| Vampers, male.                                | Levelers, male.                                     |
| Vampers, female.                              | McKay sewers, male.                                 |
| <b>Lasting department:</b>                    | Rough rounders, male.                               |
| Assemblers, for pulling-over machine, male.   | <b>Finishing department:</b>                        |
|   | Treers or ironers, hand, male.                      |
|   | Treers or ironers, hand, female.                    |

Fonte: Blanche (1921, p.160).

Figura 4 — Aplicação da vira: manual e mecanizada



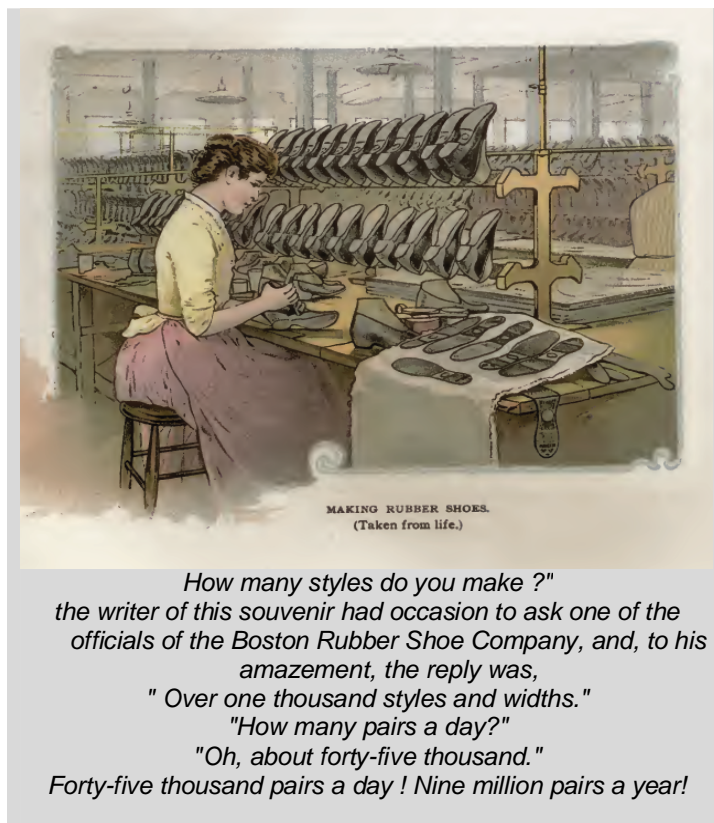
Fonte: Bestleather (2014).

Figura 5 — Ícones de progresso no século XIX



Fonte: Walker (1850-1885).

Figura 6 – Publicidade sobre a produção em série



Fonte: Richards (1890 p. 3-4 e 20.)

Figura 7 — Venda de partes de calçados no século XIX



Fonte: Herold Sons (1855, p.26-27.




Figura 8 — O oxford

————— A New Era in Footwear —————

The “Queen Quality” Shoe marks a new era in footwear, a *revelation* in shoe making. It has shown that at \$3 (Oxfords \$2.50) a shoe can be retailed that furnishes the finest of leathers, the most thorough construction, the highest grade of designing, and the most perfect finish; and those who have not worn these shoes have only to try them or to ask those who do, to learn that these claims are not exaggerations, but simple facts.

In the following pages we present illustrations and descriptions of our latest styles, etc., etc.

Only one dealer  
in a town has  
“Queen Quality”  
Shoes.

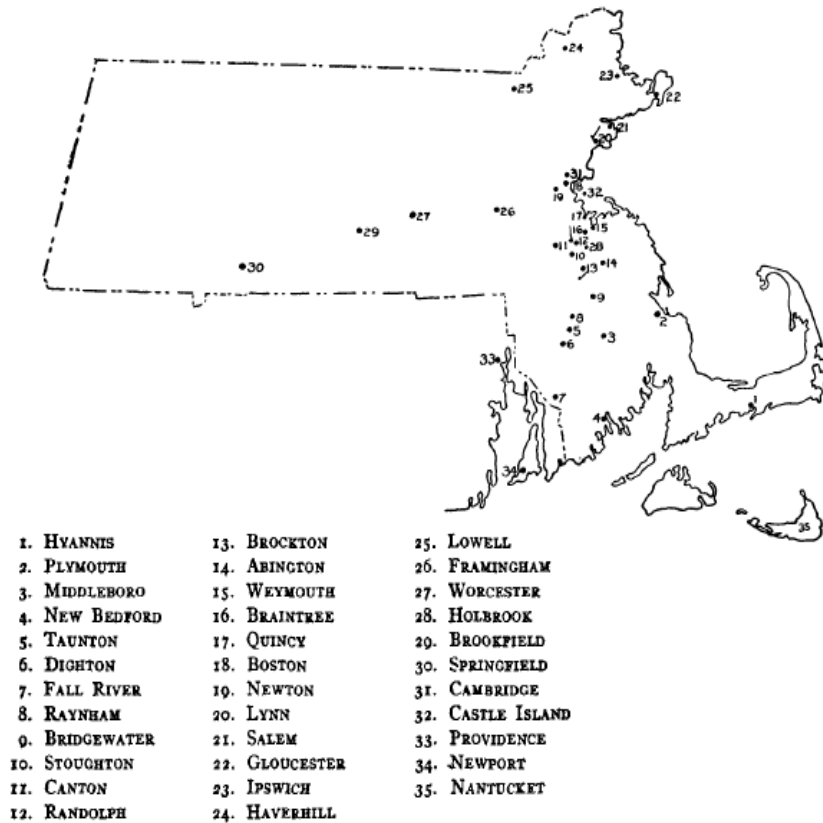


How to  
Order by Mail  
is explained on  
last page.

Fonte: Queen Quality (circa. 1890, p. 3).



Figura 9 — Cidades norte-americanas produtoras de calçados no século XIX





Fonte: Blanche, (1921, p.15).

Figura 10 — Venda de calçados para a tripulação baleeira

**SPRING AND SUMMER**

**STYLE SUPERIOR BOOTS AND SHOES,**

Just received and for sale by  
**PAUL EWER,**  
No 11, South Water street, New Bedford.

☞ P. E. keeps also a general assortment of Boots and Shoes, Brushes, Blacking, &c. &c. Particular attention paid to the manufacture of **Seamens' Boots and Shoes,** OF THE BEST QUALITY, at moderate prices. ☞ 11, South Water Street.

☞ Also constantly on hand, and for sale wholesale and retail, **SOLE and UPPER LEATHER,** and every description of **FINDINGS,** which are offered to the trade at the lowest cash prices.

3m-828

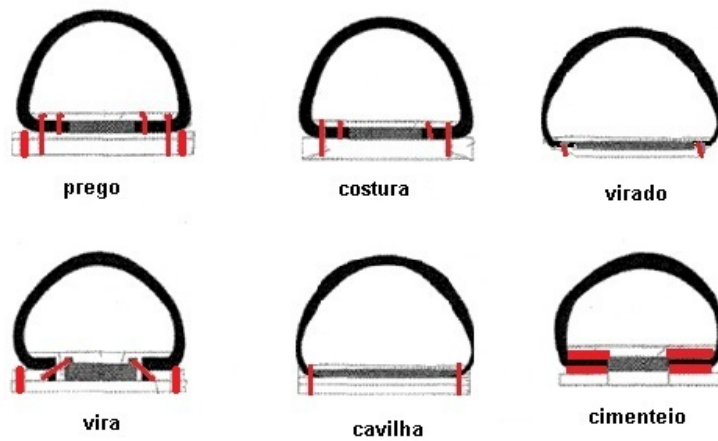
Fonte: Lyndsey (1849).

Figura 11 — *Trying out blubber*



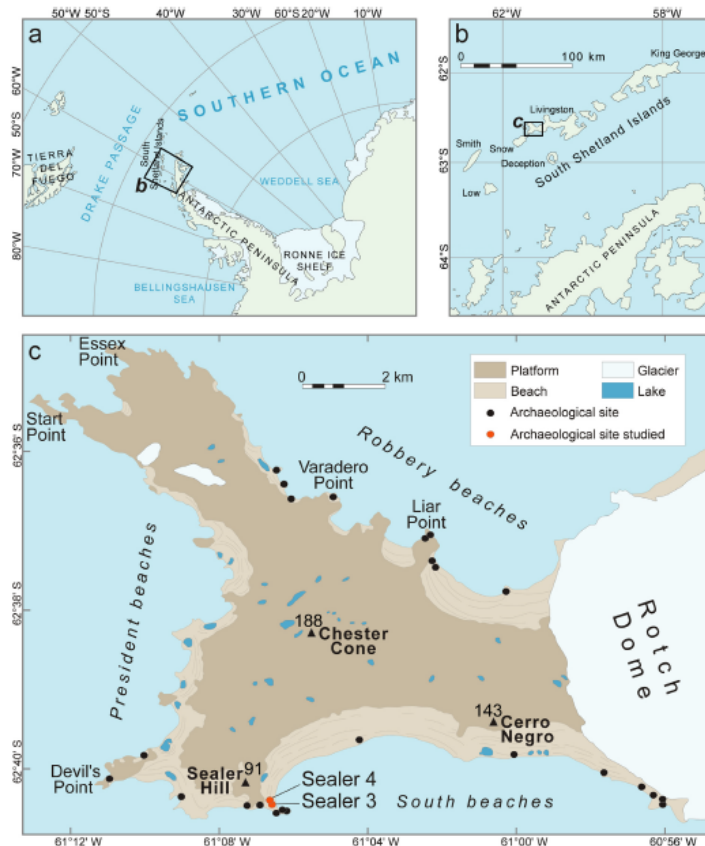
Fonte: Aldrich (circa 1900).

Figura 12—Métodos de conexão entre cabedal e solados



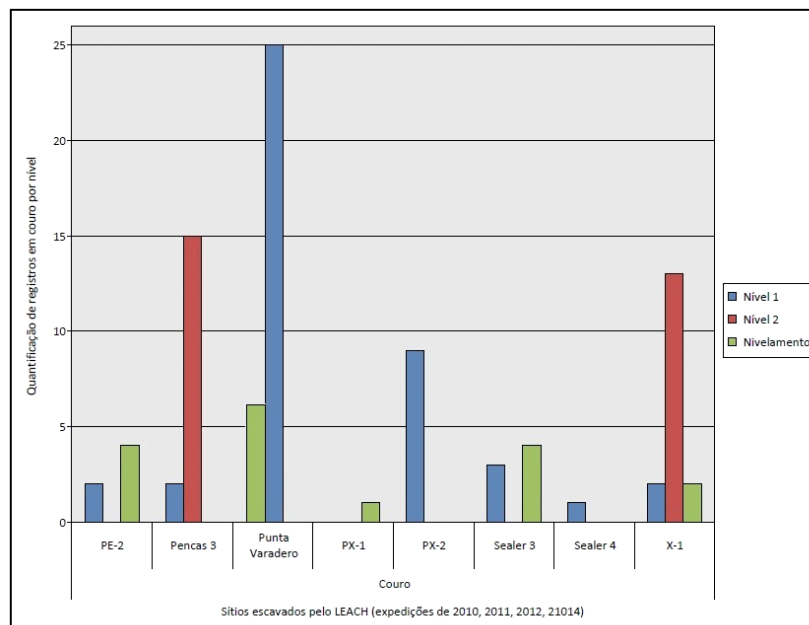
Fonte: Quirk; Beaudoin (2008, p. 30).

Figura 13 — Sítios arqueológicos na Península Byers (Ilha Livingston)



Fonte: Villagran et. al (2013, p.185)

Figura 14 — Distribuição de registros arqueológicos em couro



Fonte: Leach (2014).

Figura 15 —Sítio Punta Varadero



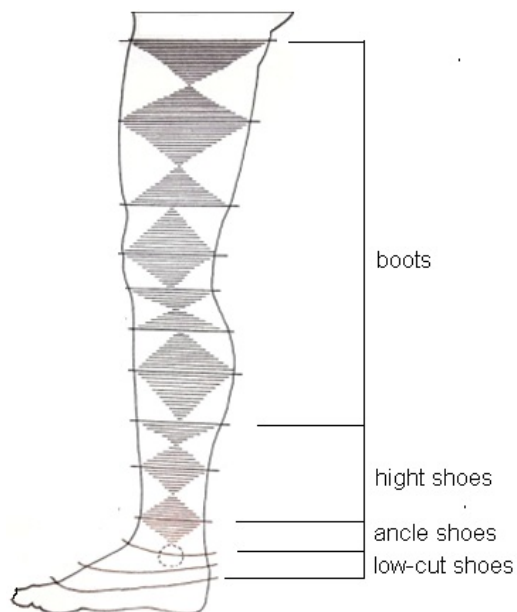
Fonte: Leach (2012).

Figura 16 — Modelagem e costura do cabedal.



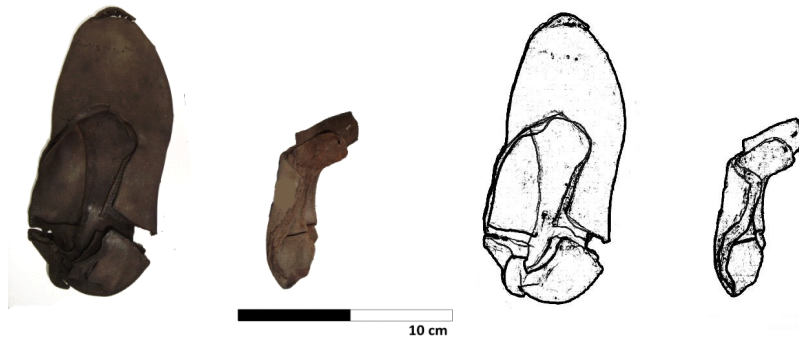
Fonte: Headley (1882).

Figura 17 — Classificação de calçados pela altura



Fonte: Goubitz, el. al. (2001, p. 47).

Figura 18 — Forros: pequenas partes (dir.) e grandes partes (esq)



Fonte: Leach (2014).

Figura 19 – Variações da abertura lateral ( *renaissance shoes* )



Fonte: V&A Museum (circa 1600).

Figura 20 — Lacing-shoes (dir., século XVII, esq, século XVIII)



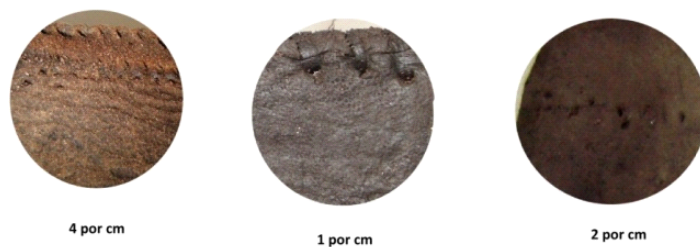
Fonte: Goubitz et. al (2001, p.297-299).

Figura 21— Qualidade de costuras de cabedais para calçados arqueológicos

Quality of Footwear	Number of Stitches per centimetre
Excellent	4.5-6cm
Medium	3-4.5cm
Poor	1.5-3cm

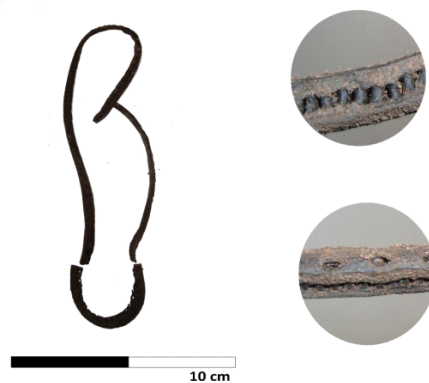
Fonte: Veres (2005, p. 91).

Figura 22—Identificação de costuras



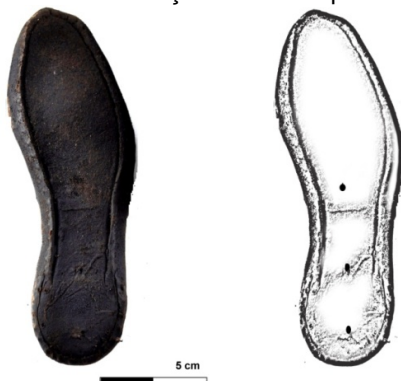
Fonte: Leach.

Figura 23 — Vira



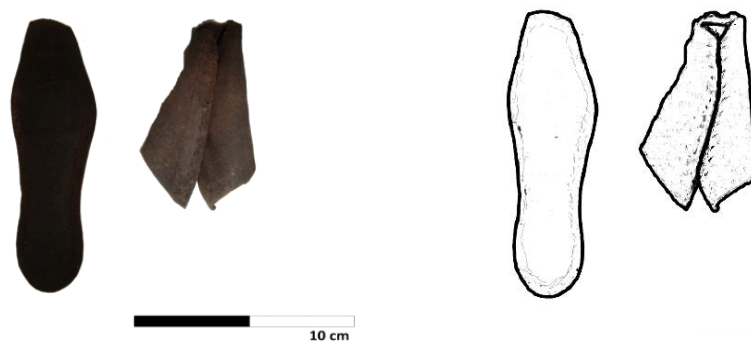
Fonte: Leach.

Figura 24 — Canalização da sola superior



Fonte: Leach.

Figura 25 —Técnica do cavilhado



Fonte: Leach.

Figura 26 — Cavilha (Sítio Pencas 3)



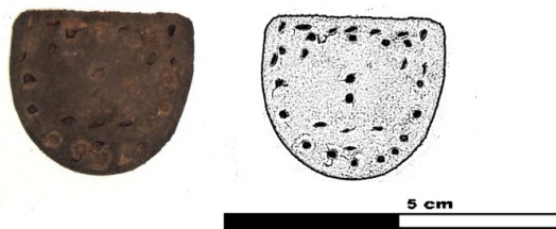
Fonte: Leach.

Figura 27— Fixação de solado com pregos e com cavilhas (dir, cavilhas e sulco de proteção, esq., pregos)



Fonte: Leach.

Figura 28 — Intervenção na sola (sobreposição de cavilhas e pregos)



Fonte: Leach.

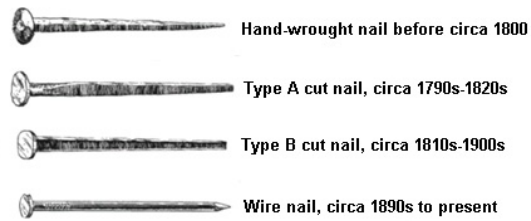


Figura 29 — Pregos, Sítio Pencas 3



Fonte: Leach.

Figura 30 — Datação de pregos por tecnologia construtiva



Fonte: Visser (1997, p.28).

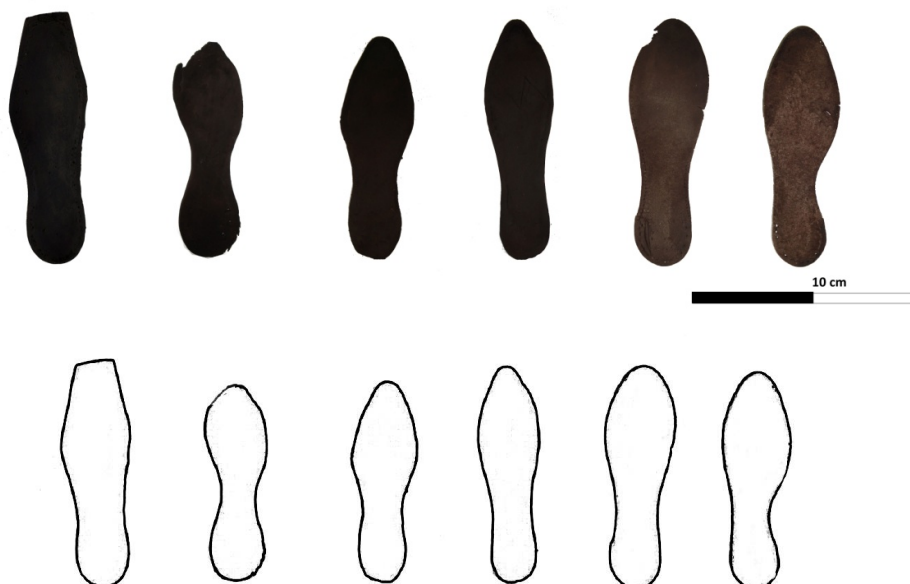
Figura 31— Saltos



Fonte: Leach.

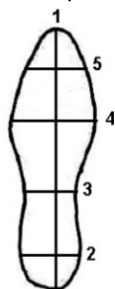


Figura 32 — Solas



Fonte: Leach.

Figura 33 — Medidas tomadas para análise dos calçados



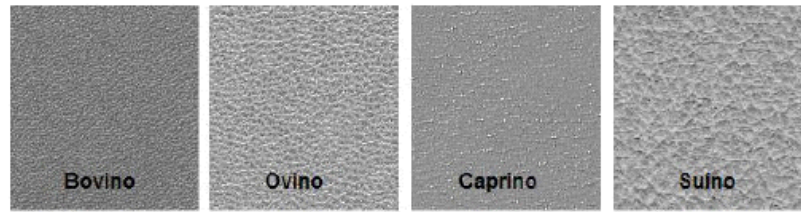
.Fonte: Leach.

Figura 34 — Numeração de calçados por idade e gênero (segunda metade do século XIX)

1858 Sizes (American)			1887 Sizes (British)		
Size Name	Size Number	Inches	Size Name	Size Number	Inches
Child	0-10	4 to 7 ½	Baby	2-5	5 to 6 ¼
Youth	9-13	7 to 8 ½	Children's	6-9	6 ¾ to 7 ¾
Misses'	10-2	7 ½ to 9	Children's	10-13	8 to 9
Boy	1-5	8 ¾ to 10	Youth/Misses	1-4	9 ½ to 10 ¼
Ladies	3-7	9 ½ to 10 ¾	Women's	1-7	9 ½ to 11 ¼
Men	6-11	10 ½ to 12	Men's	5-14	10 ¾ to 13 ¾

Fonte: Quirk; Beaudoin (2008, p.31) apud Steves; Ordoñez (2005, p.20).

Figura 35 — Flor do couro caracterizada por *taxon*.



Fonte: CTB (2004).

Figura 36 — Cortes, rachaduras e desgastes das solas



Fonte: Leach e Goubitz, et.al.(2001, p.383)

Figura 37— Corte superficial na sola superior



Fonte: Leach.

Figura 38 — Avaria na sola superior pelos pregos do salto



Fonte: Leach

Figura 39 — Mocassin lobeiro-baleeiro



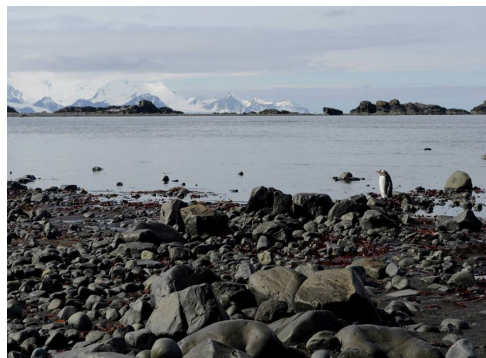
Fonte: Shavelzón (2012).

Figura 40— Botas Caribou™



Fonte: Sorel

Figura 41 — Ilha Nelson e Ilha Livingston



Fonte: Leach.

Figura 42 — Bota e sapatilha de exploradores históricos (século XIX): encontradas em Cabo Evans (bota com Sennegrass e solas com pregos e sapatilha)



Fonte: White (2014).




## ANEXO II – Quadros

Quadro 1— Metodologia para análise de calçados

CATEGORIA	ELEMENTOS DE IDENTIFICAÇÃO
ALTURA	Botas, sapatos ou sandálias.
CURTIMENTO	Vegetal ou mineral.
MATERIAIS	Couro, tecido, metal, madeira, linhas e borracha.
COURO	Flor, orientação da flor, processamento (camurça, oleado, verniz ou napa, tintas e corantes).
COSTURA DE CABEDAL	Manual ou mecanizada e a qualidade.
FIXAÇÃO DA SOLA E SOLADO	Vira, cavilhamento ou prego, virado, cimenteio e outras métodos de costura.
SOLADOS	Eixos retificados ou diferenciados; formato dos dedos; medidas.
SALTOS	Número de camadas de placas de couro.
FECHAMENTOS	Forma de amarração: com cadarço, sem fechamento, com fivela ou com abotoamento.
MODELO DO CABEDAL	Forros; subdivisões de partes do cabedal; principais modelos de calçados masculinos do século XIX (oxford, derby, buckle, slipper, pump, loafer, tamancos, mocassin, tamanco.)
TAMANHO	Numeração de acordo com a medida das solas (método de referência: inglês, europeu e norte-americano).
ERGONOMIA	Tecnologias para conforto: impermeabilidade, maciez, vedação, resistência, flexibilidade, resiliência.
OBJETOS ASSOCIADOS	Meias, instrumentos de sapateiros, matéria-prima, mocassins lobeiros-baleeiros.
INTERVENÇÕES	Cortes, substituições, refixações e costuras.
DESCARTE	Relações de deposição e características geomorfológicas do sítio.
USO	Identificação da deterioração do uso: desgastes e abrasão.

Fonte: Elaboração do autor (2014).

Quadro 2 — Unidades de calçados do Leach

UNIDADES DE CALÇADOS		
SEALER 3-NÍVEL 1	SEALER 3 – NIVELAMENTO	P-X2- NÍVEL 1
 2010.003	 2010.0012	 2012.0734; 2012.0764; 2012.0656
PE-2 – NIVELAMENTO		X-1- NÍVEL 2
 2014.1144	 2014.1136; 2014.1192	 2014.1039; 2014.1040
PUNTA VARADERO – NIVELAMENTO	PUNTA VARADERO – NÍVEL 1	
 2011.0297	 2011.0242	 2011.0247
PUNTA VARADERO – NÍVEL 1		
 2011.0264	 2011.265	 2011.365




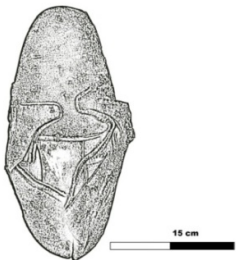

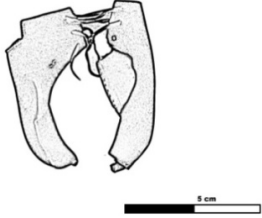
Fonte: Elaboração do autor (2014)  
 Quadro 3 — Vestígios associados aos sapatos (Sítio Punta Varadero)

VESTÍGIOS ASSOCIADOS AOS SAPATOS (SÍTIO PUNTA VARADERO)		
1	Peça de couro	
2	Fragmentos de partes	
3	Mocassin	

Fonte: Elaboração do autor (2014).




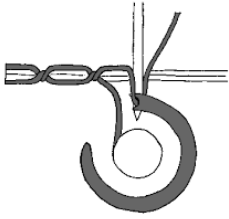


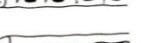







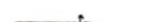




Quadro 4 — Modelos de cabedal e fechamentos

FECHAMENTOS E MODELOS DE CABEDAL	
<p>Laçada única com furos da região da língua. Cabedal composto por gáspea e lateral (quarto) unido ao traseiro</p>	Sítio Punta Varadero (Leach)

<p>Laçada única. Cabedal composto por gáspea e lateral (quarto) unido ao traseiro.</p>	<p>Cueva Lima-Lima (UBA)</p>	
		
<p>Orelhas unidas à lateral (quarto) com laçadas múltiplas</p>	<p>Sítio Playa Sur 1 (UBA)</p>	
		

Fonte: Elaboração do autor (2014).

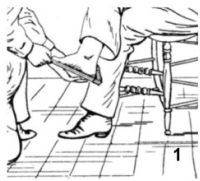




Quadro 5 — Tipologias de costuras

Nº	ARTESANAL			MECANIZADA
	COSTURA	VISÃO LATERAL	MARCAS DEIXADAS PELA COSTURA	PONTO DA MÁQUINA DE COSTURA
3				
4				
8				
10				
11				
				

Fonte: Goubitz, et. al (2011).




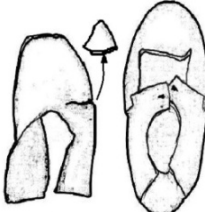




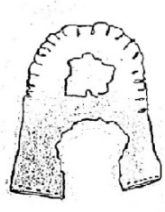





Quadro 6 — Tomada de medidas dos pés para confecção de calçados

TOMADA DE MEDIDAS PELO SAPATEIRO				
				
<i>Length of the foot</i>	<i>Around the heel</i>	<i>The instep</i>	<i>Ball of the foot</i>	<i>Across the toe</i>

Fonte: Headley (1882).

Quadro 7 — Desgastes e intervenções

DESGASTES E INTERVENÇÕES	
	1 Desgaste nos dedos.
	2 Remendo na sola.
	3 Remendo no salto.
	4 Fissura de cabedal com remendo.
	5 Corte de couro na região da língua.
	6 Fragmento de vira arreventada e com sobreposição de costuras.
	7 Sola remendada e cortada.
	8 Cabedal com furos.
	9 Mocassin com marcas de desgaste.
	10 Costura na biqueira.
	11 Costura na sola.
	12 Costura para remendo na sola.

Fonte: Elaboração do autor (2014)

### ANEXO III – Tabelas

Tabela 1 — Relação de registros do acervo por sítios (Leach)

RELAÇÃO DE REGISTROS POR SÍTIO – LEACH				
Nº	Ano	Local (Ilha Livingston)	Sítio	Nível
2010-0012	2010	Península Byers	Sealer 3	Nível 1
2010-0003	2010	Península Byers	Sealer 3	Nivelamento
2010.0007	2010	Península Byers	Sealer 4	Nível 1
2010.0021	2010	Península Byers	Sealer 3	Nivelamento
2010.0031	2010	Península Byers	Sealer 3	Nível 1
2010.0045	2010	Península Byers	Sealer 3	Nivelamento
2010.0148	2010	Península Byers	Sealer 3	Nível 1
2010.0165	2010	Península Byers	Sealer 3	Nível 1
2010.0175	2010	Península Byers	Sealer 4	Nível 1
2010.0200	2010	Península Byers	Sealer 3	Nivelamento
2010.0209	2010	Península Byers	Sealer 3	Nível 1
2011.0242	2011	Península Byers	Punta Varadero	Nível 1
2011.0243	2011	Península Byers	Punta Varadero	Nível 1
2011.0244	2011	Península Byers	Punta Varadero	Nivelamento
2011.0247	2011	Península Byers	Punta Varadero	Nível 1
2011.0251	2011	Península Byers	Punta Varadero	Nivelamento
2011.0252	2011	Península Byers	Punta Varadero	Nivelamento
2011.0254	2011	Península Byers	Punta Varadero	Nivelamento
2011.0256	2011	Península Byers	Punta Varadero	Nível 1
2011.0257	2011	Península Byers	Punta Varadero	Nível 1
2011.0258	2011	Península Byers	Punta Varadero	Nível 1
2011.0259	2011	Península Byers	Punta Varadero	Nível 1
2011.0260	2011	Península Byers	Punta Varadero	Nível 1
2011.0261	2011	Península Byers	Punta Varadero	Nível 1
2011.0263	2011	Península Byers	Punta Varadero	Nível 1
2011.0264	2011	Península Byers	Punta Varadero	Nível 1
2011.0265	2011	Península Byers	Punta Varadero	Nível 1
2011.0279	2011	Península Byers	Punta Varadero	Nível 1

2011.0281	2011	Península Byers	Punta Varadero	Nível 1
2011.0282	2011	Península Byers	Punta Varadero	Nível 1
2011.0283	2011	Península Byers	Punta Varadero	Nível 1
2011.0284	2011	Península Byers	Punta Varadero	Nível 1
2011.0286	2011	Península Byers	Punta Varadero	Nível 1
2011.0289	2011	Península Byers	Punta Varadero	Nivelamento
2011.0291	2011	Península Byers	Punta Varadero	Nível 1
2011.0296	2011	Península Byers	Punta Varadero	Nível 1
2011.0297	2011	Península Byers	Punta Varadero	Nivelamento
2011.0315	2011	Península Byers	Punta Varadero	Nível 1
2011.0357	2011	Península Byers	Punta Varadero	Nível 1
2011.0359	2011	Península Byers	Punta Varadero	Nível 2
2011.0360	2011	Península Byers	Punta Varadero	Nível 1
2011.0361	2011	Península Byers	Punta Varadero	Nível 1
2011.0362	2011	Península Byers	Punta Varadero	Nível 1
2011.0363	2011	Península Byers	Punta Varadero	Nível 1
2011.0364	2011	Península Byers	Punta Varadero	Nível 1
2011.0414	2011	Península Byers	Pencas 3	Nível 2
2011.0417	2011	Península Byers	Pencas 3	Nível 2
2011.0420	2011	Península Byers	Pencas 3	Nível 2
2011.0447	2011	Península Byers	Pencas 3	Nível 2
2011.0458	2011	Península Byers	Pencas 3	Nível 2
2011.0459	2011	Península Byers	Pencas 3	Nível 2
2011.0460	2011	Península Byers	Pencas 3	Nível 1
2011.0461	2011	Península Byers	Pencas 3	Nível 2
2011.0462	2011	Península Byers	Pencas 3	Nível 2
2011.0463	2011	Península Byers	Pencas 3	Nível 2
2011.0498	2011	Península Byers	Pencas 3	Nível 2
2011.0503	2011	Península Byers	Pencas 3	Nível 2
2011.0504	2011	Península Byers	Pencas 3	Nível 2
2011.0506	2011	Península Byers	Pencas 3	Nível 2
2011.0508	2011	Península Byers	Pencas 3	Nível 2
2011.0509	2011	Península Byers	Pencas 3	Nível 2
2011.0510	2011	Península Byers	Pencas 3	Nível 2
2011.0511	2011	Península Byers	Pencas 3	Nível 2
2011.0521	2011	Península Byers	Pencas 3	Nível 1

2011.0598	2011	Península Byers	Punta Varadero	Nível 1
2012.0656	2012	Península Byers	PX-2	Nível 1
2012.0705	2012	Península Byers	PX-2	Nível 1
2012.0729	2012	Península Byers	PX-2	Nível 1
2012.0730	2012	Península Byers	PX-2	Nível 1
2012.0731	2012	Península Byers	PX-2	Nível 1
2012.0732	2012	Península Byers	PX-2	Nível 1
2012.0734	2012	Península Byers	PX-2	Nivelamento
2012.0752	2012	Península Byers	PX-1	Nível 1
2012.0761	2012	Península Byers	PX-2	Nível 1
2012.0764	2012	Península Byers	PX-2	Nivelamento
2012.0769	2012	Península Byers	PX-2	Nível 1
2012.0793	2012	Península Byers	PX-1	Nível 1
2012.0851	2012	Península Byers	PX-2	Nível 1
2012.0859	2012	Península Byers	PX-2	Nível 1
2012.0877	2012	Península Byers	PX-2	Nível 1
2014.0005	2014	Punta Elefante	X-1	Nivelamento
2014.0013	2014	Punta Elefante	X-1	Nível 1
2014.0025	2014	Punta Elefante	X-1	Nível 2
2014.0045	2014	Punta Elefante	X-1	Nível 1
2014.0051	2014	Punta Elefante	X-1	Nivelamento
2014.0073	2014	Punta Elefante	X-1	Nível 2
2014.0101	2014	Punta Elefante	X-1	Nível 2
2014.0106	2014	Punta Elefante	X-1	Nível 2
2014.0107	2014	Punta Elefante	X-1	Nível 2
2014.0110	2014	Punta Elefante	X-1	Nível 2
2014.0115	2014	Punta Elefante	X-1	Nível 2
2014.0119	2014	Punta Elefante	X-1	Nível 2
2014.0126	2014	Punta Elefante	X-1	Nível 2
2014.0135	2014	Punta Elefante	X-1	Nível 2
2014.0140	2014	Punta Elefante	X-1	Nível 2
2014.0148	2014	Punta Elefante	X-1	Nível 2
2014.0150	2014	Punta Elefante	X-1	Nível 2
2014.0152	2014	Punta Elefante	X-1	Nível 2
2014.0153	2014	Punta Elefante	X-1	Nível 2
2014.0171	2014	Punta Elefante	X-1	Nível 2
2014.0179	2014	Punta Elefante	X-1	Nível 2
2014.0194	2014	Punta Elefante	X-1	Nível 2
2014.0199	2014	Punta Elefante	PE-2	Nivelamento
2014.0203	2014	Punta Elefante	PE-2	Nivelamento
2014.0211	2014	Punta Elefante	PE-2	Nivelamento
2014.0259	2014	Punta Elefante	PE-2	Nivelamento
2014.0266	2014	Punta Elefante	PE-2	Nível 1
2014.0333	2014	Punta Elefante	X-1	Nível 1
2014.0356	2014	Punta Elefante	PE-2	Nível 1

Fonte: Leach

Tabela 2 — Resumo da distribuição de vestígios de calçados (Leach)

RESUMO DA DISTRIBUIÇÃO DE VESTÍGIOS DE CALÇADOS			
2010-BYERS	Sealer 3	nivelamento	
		Unidades de sapato	1
		Partes de sapato identificadas inteira ou não	1 vira da região do salto
		Fragmentos não identificados	7
	Sealer 4	nível 1	
		Unidades de sapato	1
		Partes de sapato identificadas inteira ou não	1 placa do salto
	Pencas 1	nível 1	
		Partes de sapato identificadas inteira ou não	1 solas
		Fragmentos não identificados	1
2011-BYERS	Pencas 3	—	
		nivelamento	
		Fragmentos não identificados	1
		nível 1	
		Fragmentos não identificados	4
		nível 2	
		Partes de sapato identificadas inteira ou não	3 solas, 1 salto, 8 viras, 2 forros.
		Fragmentos não identificados	49
Outros objetos e partes	1 peça de couro.curtido de 50x25cm e 1 alça com uso não identificado		

	Punta varadero	nivelamento	
		Unidades identificadas	1
		Parte de sapato identificada (inteiras ou não)	2 viras, 1 sola, 1 forro
		Fragmentos não identificados	10
		Outros objetos e partes	3 mocassins.
		nível 1	
		Unidades identificadas	5
		Parte de sapato identificada (inteiras ou não)	9 viras, 2 forros, 3 cabedais, 7 solas, 5 placas de salto.
		Fragmentos não identificados	56
		Outros objetos e partes	2 mocassins, 4 alças de couro.
2012-BYERS	PX-2	nível 1	
		Unidades de sapato	1
		Parte de sapato identificada (inteiras ou não)	6: 3 solas e 3 placas de salto
		Fragmentos não identificados	8
	PX-3	—	
	PX-1	nivelamento	
		Fragmento não identificado	2
2014-PUNTA ELEFANTE	PE-2	nivelamento	
		Unidades de sapato	2
		Parte de sapato identificada (inteiras ou não)	1 sola
		nível 1	

X-1	Parte de sapato identificada, inteiras ou não	2 sola
	Fragmentos não identificado	2
	nivelamento	
	Fragmento não identificado	1
	nível 1	
	Fragmento não identificado	2
	Parte de sapato identificada (inteiras ou não)	2: 1 cabedal e 1 placa de salto
	nível 2	
	Unidade de sapato	1
	Parte de sapato identificada (inteiras ou não)	3 viras, 1 sola, 1 vira da região do salto, 2 placa de salto, 1 orelha
	Fragmento não identificado	12
	<b>TOTAIS:</b> 12 unidades, 69 partes de sapatos identificadas e 144 fragmentos não identificados.	

Fonte: Elaboração do autor (2014).

Tabela 3 — Modelos de cabedal

MODELOS DE CABEDAL					
Número de inventário	Orelha	Arremate no colar	Forro	Corte e composição de partes	Amarração
2014.1136* 2014.1192*	N.I.	12	6	N.I.	11
2014.1144	N.I.	N.I.	6	N.I.	10
2011.0365	2	3	4	N.I.	10

2011.0289	N.I.	12	6	N.I.	N.I.
2011.0242	N.I.	3	4	8	N.I.
2011.0265	1	3	4	7	11
2011.0247	2	3	4	7	11
2011.0297	2	3	4	7	11
2011.0264	2	3	4	7	11
2011.0265	1	3	4	7	11
2011.0242	2	3	4	8	N.I.
2012.0734* 2012.0764* 2012.0656*	2	12	6	7	10
2010.0012	1	12	5	8	N.I.
2010.0003	N.I.	12	5	9	N.I.
2014.1081	2	3	N.I.	N.I.	N.I.
2014.1039* 2014.1040*	N.I.	12	4	N.I.	11

<b>TOTAIS</b>					
ORELHA	ARREIMATE DO COLAR		FORRO		
<b>Característica 1</b> 7 casos.	<b>Característica 3</b> 8 casos		<b>Característica 4</b> 9 casos		
<b>Característica 2</b> 3 casos.	<b>Característica 12</b> 6 casos.		<b>Característica 5</b> 2 casos		
<b>Não identificadas</b> 6 casos	<b>Não identificado</b> 1 caso		<b>Característica 6</b> 4 casos		
PEÇAS DO CABEDAL		AMARRAÇÃO		<b>Não identificado</b> 1 caso	
<b>Característica 7</b> 7 casos		<b>Característica 10</b> 3 casos.			
<b>Característica 8</b> 3 casos.		<b>Característica 11</b> 7 casos.			
<b>Característica 9</b> 1 caso		<b>Não identificados</b> 7 casos.			
<b>Não identificados</b> 5 casos.					
<b>Legenda</b>					
* Números que compõem juntos uma mesma unidade.					
N.I. Não identificado (por estado de degradação ou por ausência de parte integrante).					
☐ Números considerados como unidades de análise.					



<b>Característica 1</b> Orelha larga.
<b>Característica 2</b> Orelha fina.
<b>Característica 3</b> Presença de arremate com bainha no colar.
<b>Característica 4</b> Forro composto por partes pequenas, costuradas ao cabedal, com couro fino e flexível.
<b>Característica 5</b> Forro composto por peças grandes, similares às partes que compõem o cabedal.
<b>Característica 6</b> Sem forro.
<b>Característica 7</b> Lateral e traseiro compondo uma só peça no cabedal.
<b>Característica 8</b> Lateral e traseiro compondo duas peças diferenciadas no cabedal.
<b>Característica 9</b> Lateral e gáspea compondo uma só parte no cabedal, acompanhados do traseiro.
<b>Característica 10</b> Presença de furo na gáspea para a passagem de cadarço e passadores na orelha.
<b>Característica 11</b> Ausência de furo na língua para amarração.
<b>Característica 12</b> Bainha arremate do colar ausente.

Fonte: Elaboração do autor (2015).

Tabela 4 — Costuras e junções de cabedal e de cabedal com solado

TIPOLOGIAS DE COSTURAS** JUNÇÕES DE CABEDAL E DE CABEDAL E SOLADO									
Número de inventário	Tipo de fixação da sola	Costura de cabedal tipo 3	Costura de cabedal tipo 4	Costura de bainha tipo 8	Costura de forro tipo 10	Costura tipo 11: entre orela e gáspea, biqueira e gáspea e intervenções	Vira		Cav.
							Costura entre vira e cabedal	Costura entre vira e sola	Distancia das cavilas
2010.0001	Vira	N.I.	N.I.	N.I.	N.I.	N.I.	2 p/cm	N.I.	A
2010.0003	Vira	4 p/cm	A	A	N.I.	2 p/cm	2 p/cm	3,0 p/cm	A
2010.0007	Vira	N.I.	N.I.	N.I.	N.I.	N.I.	N.I.	3,0 p/cm	A
2010.0012	Vira	4	A	A	3	N.I.	2 p/cm	3,0	A

		p/cm			p/cm			p/cm	
2011.0242	Vira	4 p/cm	A	4 p/cm	3 p/cm	5 p/cm	2 p/cm	N.I.	A
2011.0244	Vira	4 p/cm	A	N.I.	5 p/cm	N.I.	N.I.	N.I.	A
2011.0247	Vira	4 p/cm	A	3 p/cm	4 p/cm	4 p/cm	2 p/cm	4 por/mm	A
2011.0264	Vira	3 p/cm	A	3 p/cm	3 p/cm	6 p/cm	2 p/cm	5,0 p/cm	A
2011.0265	Vira	4 p/cm	A	3 p/cm	N.I.	N.I.	2 por/mm	5,0 p/cm	A
2011.0268	Vira	3 p/cm	A	N.I.	N.I.	N.I.	2 p/cm	3,0 p/cm	A
2011.0289	Vira	4 p/cm	A	ausente	N.I.	5 p/cm	2 p/cm	N.I.	A
2011.0297	Vira	4 p/cm	A	3 p/cm	4 p/cm	N.I.	2 p/cm	4 por/mm	A
2011.0315	Vira	A	4 p/cm	N.I.	3 p/cm	2 p/cm	N.I.	2,0 p/cm	A
2011.0362	Vira	5 p/cm	A	N.I.	N.I.	2 p/cm	2 p/cm	N.I.	A
2011.0363	Vira	5 p/cm	A	4 p/cm	N.I.	-	2 p/cm	4,0 p/cm	A
2011.0365	Vira	5 p/cm	A	3 p/cm	N.I.	N.I.	2 p/cm	N.I.	A
2011.0511	Vira	N.I.	N.I.	N.I.	N.I.	N.I.	2 p/cm	4,0 p/cm	A
2012.0705	Vira	N.I.	N.I.	N.I.	N.I.	N.I.	N.I.	2,5 p/cm	A
2012.0734*; 2012.0764* 2012.0656	Vira	4 p/cm	A	A	A	4 p/cm	2 p/cm	N.I.	A

2014.0289	Vira	N.I.	N.I.	N.I.	N.I.	3 p/cm	N.I.	N.I.	A
2014.0946	Vira	N.I.	N.I.	N.I.	N.I.	5 p/cm	2 p/cm	N.I.	A
2014.0958	Vira	N.I.	N.I.	N.I.	N.I.	N.I.	2 p/cm	N.I.	A
2014.1039*; 2014.1040*	Vira	4 p/cm	A	A	4 p/cm	N.I.	2 p/cm	N.I.	A
2014.1048	Cav.	N.I.	N.I.	N.I.	N.I.	N.I.	A	A	2p/cm
2014.1132	Vira	N.I.	N.I.	N.I.	N.I.	3 p/cm	N.I.	N.I.	A
2014.1136*; 2014.1192*	Cav.	A	4 p/cm	A	A	4 p/cm	A	A	3 p/cm
2014.1144	Vira	A	4 p/cm	N.I.	A	N.I.	2 p/cm	3 p/cm	A
<b>TOTAIS</b>	VIRA: 25 casos CAVILHAMENTO: 2 casos.	Média de 4,0 p/cm	Média de 4,0 p/cm	Média de 3,3 p/cm	Média de 3,6 p/cm	Média de 3,5 p/cm	Média de 2,1 p/cm	Média de 3,5 p/cm	Média de 2,5 p/cm
<p><b>Legenda</b></p> <p>* Números que compõem juntos uma mesma unidade.  ** Costuras especificadas no Quadro 24.  <b>N.I.</b> Não identificado (por estado de degradação ou por ausência de parte integrante)  <b>p/cm</b> Ponto por cm.  <input type="checkbox"/> Números considerados como unidades de análise.  <b>A</b> Ausente  <b>Cav.</b> Cavilhamento</p>									

Fonte: Elaboração do autor (2015).

Tabela 5 — Características do salto

CARACTERÍSTICAS DO SALTO										
Número de inventário	Prego	Formato prego	Distribuição de prego	Cavilha	Formato da cavilha	Distribuição da cavilha	Numero de Camadas Totais do salto	Espessura Média da placa de couro	Contagem total de pregos do salto	Contagem total de cavilha do salto
2010.0003	sim	□	S	sim	◇ fina	S	5	0,6cm	14	16
2010.0007	não	—	—	sim	◇ larga	A/S	N.I.	N.I.	—	21
2010.0012	não	—	—	sim	◇ larga	S	2	0,3cm	—	34
2010.0165	não	—	—	sim	◇ larga e fina	S	N.I.	0,3cm	—	N.I.
2011.0242	não	—	—	sim	◇ larga e fina	A/S	N.I.	0,5cm	—	16
2011.0247	sim	□	A	não	—	—	N.I.	0,2 cm	32	—
2011.0297	não	—	—	sim	□ larga ◇ fina	S	N.I.	N.I.	—	17
2011.0365	não	—	—	sim	□ fina	A	N.I.	N.I.	—	N.I.
2011.0503	sim	□	A	sim	◇ fina	A	N.I.	0,6cm	4	14
2011.0508	não	—	—	sim	◇ fina	A	N.I.	N.I.	—	7
2011.0550	não	—	—	sim	□ larga ◇ fina	S	N.I.	0,3cm	—	35
2012.0462	sim	□	A	não	—	—	N.I.	0,3cm	1	—
2012.0761	não	—	—	sim	◇ larga	S	N.I.	0,5cm	—	25
2014.0851	não	—	—	sim	◇ larga	A/S	N.I.	0,3cm	—	23
2014.0946	não	—	—	sim	◇ larga	S	N.I.	0,3cm	—	28
2014.1034	sim	□	S	sim	□ larga	S	N.I.	N.I.	3	2
2014.1052	não	—	—	sim	◇ larga e fina	S	N.I.	0,3cm	—	36

2014.1085	não	—	—	sim	□ larga	A/S	N.I.	0,3cm	—	N.I.
2014.1144	sim	◇	S	não	—	—	5	0,6cm	24	—
<b>TOTAIS</b>	6 casos de aplicação de pregos : com somente pregos, e os outros junto a cavilhas	4 casos quadrado./ 1 caso losangular.	3 casos simétricos e 3 assimétricos.	16 casos de aplicação de cavilhas	Losangular fina: 3 casos./ Losangular larga: 5 casos./ Losangular fina e losangular larga:3 casos./Quadrada larga e losangular fina: 2 casos./Quadrada fina: 1 caso/ Quadrada larga: 2 casos.	A: 10 casos de fixação./ S: 12 casos de fixação./ A/S: 4 casos. De fixação.	3 saltos inteiros: 2 com 5 placas e 1 com duas placas	Espessura média: 3,1 mm	Média de 13 pregos	Média de 21 cavilhas
<b>Legenda</b> <b>N.I.</b> Não identificado (pelo de degradação ou por partes faltantes). <b>—</b> Não se aplica. <b>A</b> Distribuição assimétrica no salto. <b>S</b> Distribuição simétrica no salto. <b>A/S</b> Distribuição parte assimétrica e parte simétrica no salto. □ Formato da cabeça do prego ou da cavilha quadrada. ◇ Formato da cabeça do prego ou da cavilha losangular. □ Números considerados como unidades de análise.										

Fonte: Elaboração do autor (2015).

Tabela 6 — Características das solas

CARACTERÍSTICAS DAS SOLAS														
Número de inventário	Categoria da sola: sola de cima, do meio ou debaixo	Espessura ( mm)	Couro de boi possível de identificar	Orientação da flor do couro	Numeração aproximada***				Eixo***	Formato da ponta ***	Medida 3 ** (cm)	Medida 4 ** (cm)	Medida 2 ** (cm)	Medida 5 ** (cm)
					Medida 1 (cm) **	Sistema europeu ( adaptado para o Brasil)	Medidas em polegadas	Numeração masculina norte-americana e inglesa da segunda metade do século XIX						
2010.0003*	S	2	sim	B	25	37.5	$9^{27}/_{32}$ in	A/B	d/e	∩	6,0	9,0	6,0	4,2
	M	2,5	não	N.I.	25,2	—	—	—	—	—	6,7	9,4	7,0	5,1
	I	2	não	N.I.	25,3	—	—	—	—	—	6,8	9,4	7,0	5,2
	I	2	sim	B	25	37.5	$9^{27}/_{32}$ in	A/B	—	—	6,8	9,0	7,5	5,5
2010.0286	N.I.	4	não	N.I.	N. I.	—	—	—	N.I.	—	N.I.	N.I.	6,0	N.I.
2011.0363	S	2	sim	C	N.I.	—	—	—	N.I.	∩	N.I.	N.I.	N.I.	4,2
2011.0511	I	2	sim	C	N.I.	—	—	—	R	∩	6,5	9,5	N.I.	4,5
2010.0007	I	2	não	N.I.	N.I.	—	—	—	D/E	∩	N.I.	N.I.	N.I.	4,5
2010.0012*	S	4	sim	C	26	39	$10^{15}/_{64}$ i n	A/B	R	∩	5,5	8,0	6,0	4,3
	I	2,5	não	N.I.	28	—	—	—	—	—	5,5	9,0	6,5	5,0
2012.0705	I	2,5	não	N.I.	N.I.	—	—	—	—	∩	N.I.	N.I.	N.I.	4,7
2011.0247	S	2	não	C	25	37.5	$9^{27}/_{32}$ in	A/B	d/e	^	5,5	8,0	6,3	4,3
2011.0264	I	3	não	N N.I.	27,8	—	—	—	—	—	6,0	8,7	7,4	4
	S	2	sim	C	27	40.5	$9^{27}/_{32}$ in	N	R	^	5,2	8,5	6,5	4
2011.0315	I	4	não	N.I.	N.I.	—	—	—	N.I.	N.I.	N.I.	N.I.	N.I.	N.I.
2011.0297*	S	2,5	sim	C	26,7	40	$10^{33}/_{64}$ i n	B	R	^	6,0	9,0	7,0	4,5

	I	3	não	N.I.	27,5	—	—	—	—	—	7,0	9,4	8,0	4,7
2011.0365*	S	2	não	C	N.I.	—	—	—	R	∩	5,2	8,6	N.I.	4,4
	—	2	não	N.I.	N.I.	—	—	—	—	—	4,3	N.I.	N.I.	N.I.
2012.0656	I	2,5	sim	C	24,7	36,5	$9^{23}/_{32}in$	A/B	R	∩	5,3	8,5	6,1	5,0
2012.0729	M	2	não	N.I.	N.I.	—	—	—	N.I.	∩	6,4	8	N.I.	N.I.
2012.0731	M	3	não	N.I.	N.I.	—	—	—	N.I.	^	N.I.	N.I.	N.I.	N.I.
2011.0286	I	2	não	N.I.	N.I.	—	—	—	R	N.I.	5,1	N.I.	N.I.	N.I.
2011.0283	S	2	não	C	N.I.	—	—	—	R	N.I.	5,0	N.I.	N.I.	N.I.
2011.0510	I	2	não	N.I.	N.I.	—	—	—	N.I.	N.I.	7,5	9,5	N.I.	N.I.
2011.0505	I	3	não	N.I.	N.I.	—	—	—	N.I.	N.I.	6,6	N.I.	7,4	N.I.
2011.0462	M	3,5	não	N.I.	N.I.	—	—	—	N.I.	∩	N.I.	8,5	N.I.	5,1
2011.0242	S	2,5	sim	C	23,1	34	$9^{3}/_{32}in$	A/B	R	^	4,2	7,5	6,5	3,7
2011.0265*	S	3	sim	C	26	39	$10^{15}/_{64}i$ n	A/B	R	^	5,2	8,2	6,1	4,0
	I	2	não	N.I.	N.I.	—	—	—	—	—	N.I.	N.I.	N.I.	N.I.
2014.1192	S	2	sim	C	28	42	$11^{1}/_{32}in$	N	d/e	■	4,0	8,2	4,5	4,5
2014.1144*	S	3,5	sim	C	27	40,5	$9^{27}/_{32}in$	N	D-E	■	6,0	9,0	6,5	4,3c
	I	3	não	N.I.	N.I.	—	—	—	—	—	N.I.	N.I.	N.I.	N.I.
2014.1039	S	3	sim	C	26	39	$10^{15}/_{64}i$ n	A/B	d/e	N.I.	5,0	8,5	5,8	N.I.
2014.1048	S	2,5	sim	C	N.I.	—	—	—	d/e	N.I.	5,5	N.I.	7,5	N.I.

#### Legenda

**N.I** Não identificado (por estado de degradação ou por partes faltantes).

— Não se aplica.

\* Solado completo ou praticamente completo.

\*\* Relação de medidas apresentadas na Figura 32.

\*\*\* Análise feita preferencialmente a partir da sola de cima.

**D-E** Direita/esquerda acentuada.

**d/e** Direita/esquerda.

**R** Rertificado.

**^** Ovalada com ângulo mais fechado na ponta.

**∩** Ovalada.

**■** Trapezoidal.

□ Números considerados como unidades de análise.

**S** Superior.

**I** Inferior.

**M** Meio.

**C** Cima.

**B** Baixo.

<b>TOTAIS (Tabela 6)</b>	
6 solados inteiros ou quase inteiros:1 com 4 solas, 5 com duas solas e outro não identificado.,10 solas de cima dissociadas, 8 solas de baixo dissociadas, 3solas do meio dissociadas, 2 solas do meio dissociadas,1 não identificada .	
Média de 2,6 mm.	
14 casos de boi e 21 casos não foi possível afirmar.	
Dois para baixo; 15 para cima e 18 não foi possível afirmar.	
Média de 26,0.	
Média de 38.0	
Média de 10 <sup>55</sup> / <sub>64</sub> in	
25% das medias referentes à numeração estão dentro da normalidade de solas masculinas nos ssistemas britânico e norte-americano da segunda metade do século XIX.	
5 casos com a direita e a esquerda suavemente diferenciada e 2 acentuada; 10 solas reitificadas; 8 não identificadas. Três direitas e quatro esquerdas.	
10 pontas ovaladas; 2 trapezoidais; 6 ovalada com ângulo fechado: 7 não identificadas.	
Média de 5.8.	
Média 8.8.	
Média 7.5.	
Média 4,5.	



Tabela 7 — Características do couro do cabedal

CARACTERÍSTICAS DO COURO DO CABEDAL						
Número de inventário	Espessura do forro	Espessura do cabedal	Análise do Taxon pela flor: forro	Análise do Taxon pela flor: forro cabedal	Orientação da flor do forro	Orientação da flor do cabedal
2010.0003	2,5	2,5	boi	boi	fora	dentro
2011.0286	2,5	2,5	boi	N.I.	dentro	N.I.
2011.0363	1	1,5	N.I.	boi	N.I.	dentro
2011.0362	1	1,5	boi	boi	dentro	dentro
2010.0012	1,5	3	porco (?)	N.I.	N.I.	N.I.
2010.0284	ausente	2	—	boi	ausente	dentro
2011.0247	1	2	boi	boi	dentro	dentro
2011.0264	1	1,5	N.I.	boi	N.I.	dentro
2011.0315	1	3	—	boi	dentro	fora
2011.0297	1	1,5	N.I.	boi	N.I.	fora
2011.0365	N.I.	2	N.I.	boi	—	dentro
2012.0734*, 2012.0764*, 2012.0656*	ausente	2	—	boi	—	dentro
2011.0242	1	1,5	boi	boi	dentro	dentro
2011.0265	1	1,5	boi	boi	dentro	dentro
2014.1298	ausente	2	—	boi	—	fora
2014.1132	ausente	2	—	boi	—	fora
2014.1136*, 2014.1192*	ausente	2	—	boi	—	dentro
2014.1144	ausente	2	—	boi	—	dentro
2014.1039*, 2014.1040*	ausente	1,5	—	boi	—	dentro
2014.0946	1	N.I.	N.I.	N.I.	N.I.	N.I.

<b>TOTAIS</b>	Média: 1,5 mm	Média: 2,0mm.	6 casos boi, 1 porco e 5 não identificado	17 casos boi e 3 não identificado.	6 casos dentro, 1 fora e 5 não identificado.	13 casos dentro, 3 não identificados e 4 fora.
<b>Legenda</b>						
N.I. Não identificado (por estado de degradação ou por partes faltantes).						
— Não se aplica.						
* Números que compõem juntos uma unidade.						
□ Números considerados como unidades de análise.						

Fonte: Elaboração do autor (2015).

Tabela 8 — Uso e intervenção

USO E INTERVENÇÃO																		
Número de inventário	Rachadura e/ ou perda no solado	Rachadura e/ ou perda no cabedal	Cortes no solado	Cortes no cabedal	Intenção de recuperação da sola				Intenção de recuperação do cabedal		Intenção de recuperação da vira	Vira arreventada	Desgaste do solado	Desgaste do cabedal	Retalhos não identificados	Deformação de uso solado	Deformação de uso cabedal	Peça de mocassin
					remendo	cavilha	prego	costura	remendo	costura								
2011.0286																		
2010.0012																		
2010.0003		** *		▲		—	◇		□	◀								

2011. 0362	—	**	—	—	—	—	—	□	◀	■	—	—	—	—	—	—	↑ Δ
2010. 0007	—	—	—	—	◇	■	■	—	—	—	—	—	—	—	—	—	■
2011. 0291	—	—	—	•	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	■
2011. 0289	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	↑ Δ
2012. 0705	—	■	—	■	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	■
2011. 0511	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	■
2011. 0363	—	■	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	Δ
2011. 0281	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	■
2014. 1144	■	**	—	■	←	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	■
2014. 1136; *	■	**	■	■	■	■	■	■	○	■	■	■	■	■	■	■	■
2014. 1192*	■	**	■	■	■	■	■	■	○	■	■	■	■	■	■	■	■
2014. 1039* ; 2014. 1040*	—	**	—	—	◇	←	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	■
2014. 1048* ; 2014. 1052*	—	—	—	—	◇	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	■
2014. 1085	—	—	—	—	◇	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	■
2014. 1034	—	—	—	—	◇	◇	■	—	—	—	—	—	—	—	—	—	■
2014. 0958	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	■
2014. 1104	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	■
2014. 1007	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	■
2014. 1059	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	■
2014. 1149	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	■
2014. 1132	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	■
2014. 1289	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	■

2014.1081	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
2014.1266	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
2014.0946	-	-	-	-	◇	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
2011.0243	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	↑ △ ■
2011.0265				▲		-	-	-	■	■	■							
2011.0283		-		-		◇	■		■	-	-	■		-		-		-
2011.0242				▲	■	■	■	-	-	-	◀	-	-	-	-	-	-	-
2011.0509		-		-	-	←	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
2011.0510		-		-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
2011.0508	-	-			-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
2011.0506	-	-		-	-	◇	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
2011.0282	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
2011.0521	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
2011.0260	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
2011.0359	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
2011.0259	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
2011.0261	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
2011.0504	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
2011.0361	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
2011.0360	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
2011.0258	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
2011.0252	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
2011.0414	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
2011.0417	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
2011.0256	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
2011.0461	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-

2011.0460	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
2011.0244	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	■
2011.0462	-	-	-	-	◇	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
2010.0021	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
2011.0251	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
2011.0503	-	-	-	-	◇	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
2011.0257	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
2011.0247	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■
2011.0463	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
2011.0459	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
2010.0045	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
2011.0498	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
2011.0447	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
2011.0460	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
2012.0607	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
2012.0175	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
2011.0458	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
2011.0264	-	-	-	▲	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
2011.0315	-	-	-	•	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
2012.0769	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
2012.0859	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
2012.0877	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
2012.0732	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
2011.0297	**	*	**	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
2011.0365	-	-	-	◆	◇	←	■	-	-	↓	-	-	-	-	-	-	-	-
2012.0734*	-	**	**	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-

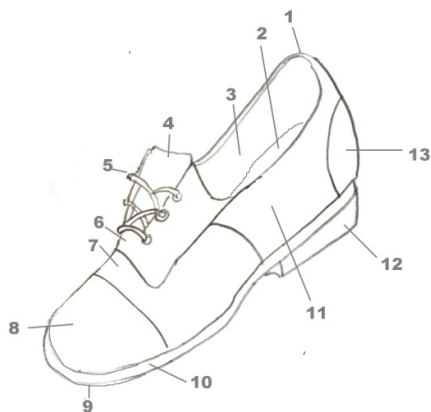


- \* Números que compõem juntos a mesma unidade.
- \*\* Rachadura no couro na região da ponta dos dedos.
- \*\*\* Rachadura no couro nas laterais dos dedos (pressão planar para a região do joanete ou do de do mindinho).
- ▲ Corte no traseiro aparentemente para adaptação para o uso.
- ◆ Corte na gáspea aparentemente para adaptação de uso.
- Remendo na biqueira.
- ◀ Costura com pouco acuro técnico na região da gáspea para aplicação de biqueira.
- ↓ Costura com pouco acuro técnico na região da gáspea.
- ◇ Pregos ou cavilhas para a refixação no salto (caráter de assimetria)
- △ costuras com características de improviso no mocassim.
  - Fragmento de cabedal de bota
- Pregos perfurando a sola de cima
  - Item não corresponde.
- ↑ Desgaste de uso no mocassim.
- Cortes de pouca qualidade para passagem de cadarço do mocassim.
- ← Pregos ou cavilhas para a refixação na sola.

Fonte: Elaboração do autor (2015).

## ANEXO IV — Dicionário de termos técnicos sobre calçados

### A. Principais partes dos calçados



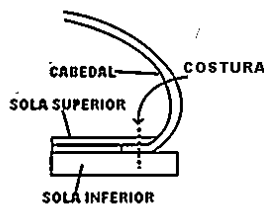
1. **Contraforte:** reforço colocado entre o cabedal, traseiro e o forro na região do calcanhar, com a finalidade de dar forma ao traseiro do calçado.
2. **Palmilha:** recobre o solado do sapato internamente, sobre as solas e a alma.
3. **Forro:** revestimento com a função de acabamento interno, reforço, absorção de umidade e conforto, podendo ser aplicado apenas a uma parte do calçado.
4. **Língua:** parte superior da gáspea cuja função é proteger o pé do cordão.
5. **Cadarço:** em sapatos de amarração, são usados no fechamento.
6. **Ilhoses:** anéis de metal que envolvem os furos dos sapatos para a amarração.
7. **Gáspea:** parte frontal do cabedal do sapato. Compreende a porção que cobre desde os dedos até o peito do pé, podendo ser também composta pela biqueira.
8. **Biqueira:** reforço no bico do sapato, entre o forro e a gáspea, que tem como finalidade proteger os dedos e, ao mesmo tempo, dar maior firmeza e boa apresentação ao bico.
9. **Sola:** partes inferiores do sapato que constituem o solado junto ao salto.
10. **Vira:** tira estreita do mesmo material da sola, colada ou costurada à volta do sapato.



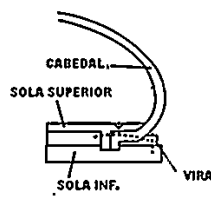
11. **Lateral (ou qurato):** parte do cabedal entre a gáspea e o traseiro.
12. **Salto:** suporte fixado à sola na região do calcanhar e destinado a dar equilíbrio ao calçado.
13. **Traseiro:** parte de trás do sapato, que pode ser constituído por uma única peça, ou possuir ligação com outras peças (como cano, orelha, etc.).
14. **Alma:** peça delgada posicionada longitudinalmente ao centro da palmilha, que serve para dar firmeza no caminhar e sustentar a planta do pé, e também dar forma ao traseiro do calçado.
15. **Cabedal:** parte superior do calçado destinada a cobrir e proteger a parte de cima do pé.
16. **Entressola:** camada intermédia colocada entre a palmilha de montagem e a sola, com função estética e/ou funcional.
17. **Orelha:** Parte que serve para dar apoio ao fechamento como, por exemplo, com ilhóses para introduzir o cordão/atacador.
18. **Solado:** Conjunto de peças que formam a parte inferior do calçado e que se interpõem entre o pé e o solo (sola, entressola, vira e salto).
19. **Taco:** estrutura colocada na parte inferior do salto com a função de proteger o mesmo do atrito.
20. **Enfranque:** parte curva do calçado correspondente à região da alma.
21. **Colar:** altura do cano do calçado
22. **Pescoço:** região da cintura da sola.

## B. Técnicas construtivas

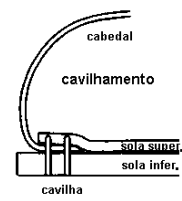
Goodyear Velt



Blake construction



Cavilhado



1. **Cimenteiro:** método popular a partir do século XX, para agregar solado e cabedal a partir de cola.
2. **Costura escondida:** costura que não atravessa totalmente o couro, ou seja, seu trabalho ocorre somente em uma das faces do couro.
3. **Nailed Shoes:** sapatos dos quais o cabedal e o solado são unidos por pregos metálicos.
4. **Pegged shoes:** sapatos dos quais o cabedal e o solado são unidos por cavilhas de madeira. Foram pregados artesanalmente ou por maquinário a partir do século XIX
5. **Sapatos de vira:** sapatos os quais possuem tiras laterais de reforço, com o nome de vira (velt), para pregar cabedal e solado.
6. **Sapatos virados (turn-shoe):** antigo método de construção de sapato onde a parte superior do sapato é feito com peça única cortada, que é costurada ao avesso na sola para que as costuras não fiquem expostas.
7. **Stiched shoe:** sapatos nos quais o cabedal e a sola são unidos por costura. Um dos mais populares do século XIX foi o McKay (Blake Stich Construction)
8. **Solas retificadas:** desenhos de solas que não possuem a diferenciação entre pé direito e pé esquerdo.

### C. Modelos de calçados



1. **Ankle Boots.** Introduzidas no início do século XIX como uma tendência da moda feminina.
2. **Balmoral.** Botas no tornozelo usadas principalmente por homens meados do século XIX até início do XX.
3. **Blucher.** Sapato cujas laterais e o qualto se unem ao cabedal, sendo formado por um único pedaço de couro, com exceção das orelhas. Denominação comum a partir do final do século XIX.
4. **Buckle shoes.** Sapatos com fechamento com fivelas, comuns dentre os séculos XVII e XVIII.
5. **Botas Napoleon.** Bota de montaria e utilizada pelos exércitos de países como França e Inglaterra a partir do século XVIII.
6. **Botas Wellington.** Surge na França no período das revoluções napoleônicas, divulgada pelo Visconde Wellington. Possuía a vantagem da mobilidade permitida pelo cano mais curto que as botas *napoleon*.
7. **Brograns.** Botas populares, utilizadas por soldados norte-americanos nos séculos XVIII e XIX.
8. **Derby.** Ao contrário do Oxford, que também foi divulgado no final do século XIX, este é construído de modo que ambas as partes laterais (quartos) se unam com as orelhas.
9. **Mocassins.** Calçado conhecidos por serem tradicionais dos nativos norte-americanos. São constituídos por couros e peles, unidas por costuras com sistema parecido ao sapato virado
10. **Mules.** tamancos feitos de tecidos e outros materiais, tendo a sola principalmente de madeira. Comum desde o Renascimento até o XIX.
11. **Oxford.** Modelo criado e popularizado na segunda metade do século XIX. Caracterizado pela presença de cadarços e ilhoses nas orelhas, e a divisão de peças
12. **Pumps.** Sapatos de construção simples, geralmente com fechamento simples, ou ausente, e cortes de parte no cabedal simplificados. É uma versão masculina e mais pesadas dos sapatos *slippers*, sendo mais rudes e utilizadas para trabalho até o século XIX.
13. **Slipper.** Sapato de corte e confecção simples, sem amarração, geralmente frágeis com características de adorno. Usados principalmente por mulheres

até o século XIX.

**Loafer.** Um desdobramento do mocassim. Não possui laço ou qualquer outro tipo de fechamento e possui uma peça na gáspea que é selada (fechada) no topo. Porém, ao contrário do mocassim, não é feito por couro único, pois possui diferenciação entre solado e cabedal.

**Tamancos (*duches*).** Sapatos populares e tradicionais, feitos de madeira, muito comuns na região da Holanda e norte da Europa. Pode ser inteiro e ou só a sola de madeira.